



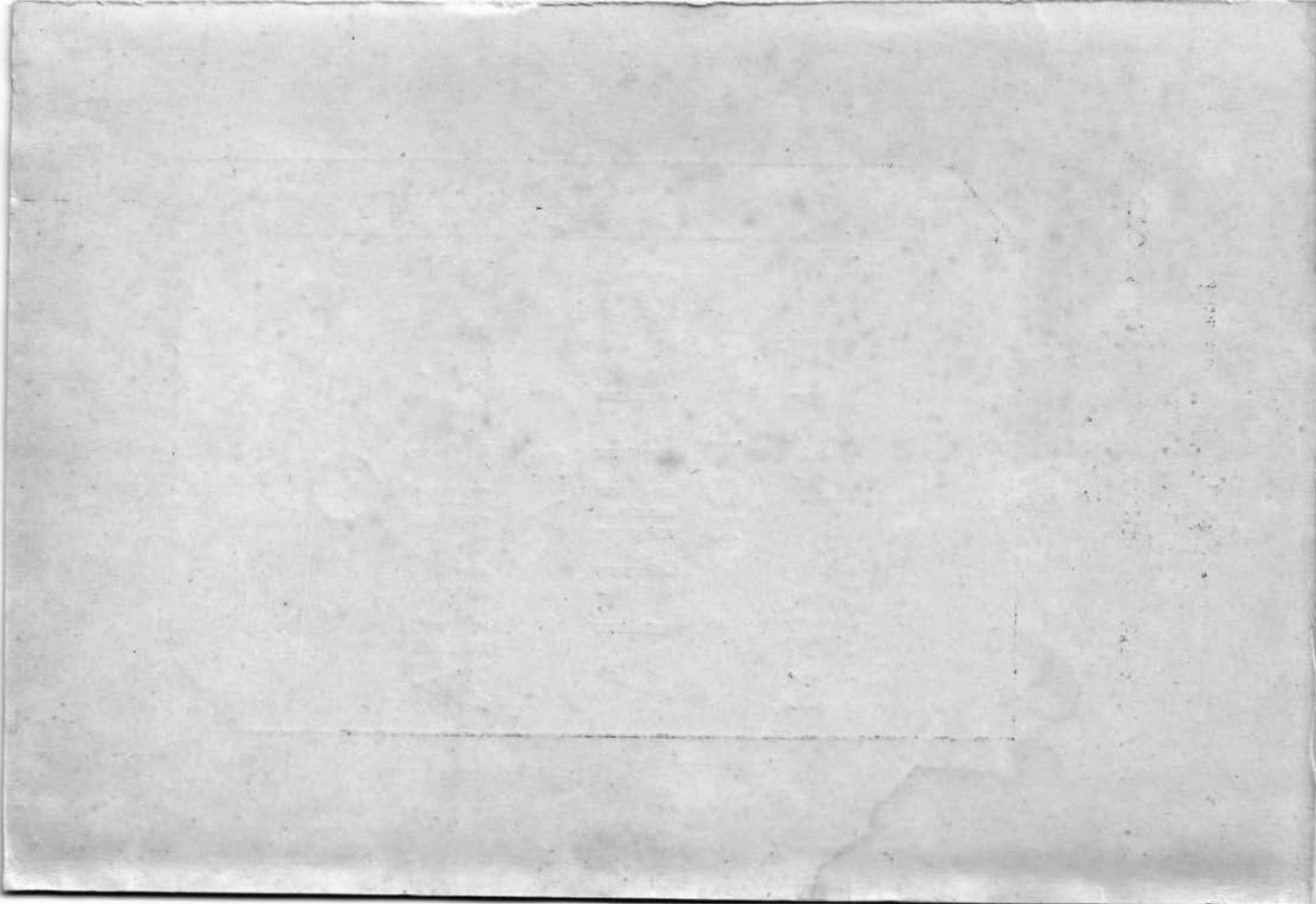
○
MÊS DE MARIA
E A
FOLHINHA
POR
Frei Pedro Sinzig. O.F.M.

1942

EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.

Distribuidora

Rua do Ouvidor, 94 — Rio



Haroldo de Souza Dantas

O Mês de Maria e a Folhinha

BAZAR OLIVEIRA
Livros e Papeteria
Praça 18 de Novembro, 194
FRIBURGO



FREI PEDRO SINZIG O. F. M.

O MÊS DE MARIA
E
A FOLHINHA

1942

EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.

Distribuidora

Rua do Ouvidor, 94 — Rio

IMPRIMATUR.

Fr. Matthaeus Hoepers,
Minister Provincialis.

NIHIL OBSTAT.

Frei Heliodoro Mueller, O. F. M.
Censor ad hoc.

PODE IMPRIMIR-SE.

Rio, 26 de Fevereiro de 1942.

Mons. Caruso.

p. c. do Sr. Card. Arcebispo.

M A I O

1

Em nome do Padre e do Filho e do Espírito Santo. Amen.

Só depois de termos invocado a Deus, dirigimo-nos à SS. Virgem; é a ordem justa.

Esforcei-me, nos anos passados, por transmitir aos devotos de Nossa Senhora idéias salutaras, explicando-lhes orações marianas como a Ladainha Lauretana, a Ave Maria, ora o Padre Nosso, oração ensinada por seu divino Filho, ora o Credo, base da nossa fé, ou ainda trechos da S. Escritura.

Entretanto, por mais que eu fizesse, vinham à porta da igreja outros pensamentos apoderar-se dos que saiam. Prefiro, pois, um assunto que, durante o dia, vos seja lembrado, mesmo que eu esteja longe. Achei-o, graças a Deus.

E' alguém de vossa residência, de vossa oficina, do escritório, da repartição, do quartel, da casa de negócio, da cozinha. Em toda parte o encontrareis a lembrar-vos a meditação da manhã que ora instituímos. Este alguém não cobra nada pelo serviço; não é padre, não é freira, não é vivalma; é mudo de nascença e a-pesar disso fala alto, fala a qualquer hora, quer lhe atendam, quer não.

Esse alguém é... a folhinha.

Um grande 1 marca o dia de hoje, primeiro do mês. O 1, sem o qual não há 2, nem 3 e muito menos 10, 100 e mais, essa unidade, base de tudo, princípio mesmo da vida, é imagem eloquente de Deus. Esse 1 é tão grande, que para escreve-lo, não chegam as letras gar-

rafais dos vespertinos. Para corresponder, um tanto, à sua importância, essas deveriam ser gigantescas, vencer em altura o Pão de Açúcar e o Corcovado; elevar-se até a lua, subir além do sol; encher com seu peso a Terra toda; chamar em auxílio outros astros a darem base mais larga... Mas sempre, sempre seria apenas imagem imperfeita da real grandeza do único ser que jamais começou a existir e que é da eternidade — Deus.

E' neste Deus imenso, de tremenda majestade, que tão pouco pensamos. Estamos acostumados a tentar deslocá-lo do centro e tomar-lhe o lugar; como se nós fôssemos alguém, e como se houvesse possibilidade de subir, longe dele, em oposição a ele!

Tudo isto nos diz o grande 1 da folhinha. Dí-lo também nos nossos dias tão indizivelmente tristes, em que o Papa deseja que velhos e crianças façamos o Mês de Maria em prol da paz. E' que os inimigos, subindo os ares, arrazam uns aos outros as casas, residências de famílias inteiras, empresas comerciais, institutos científicos, estabelecimentos de caridade, templos de Deus, igrejas simples e pobres, e ricas catedrais, sendo às vezes o tabernáculo e a santa Hóstia consagrada esmagada por estilhaços de bombas...

Terrível!... Mas, se a obra de destruição fosse além, — se das cidades não restasse pedra sobre pedra, — se a própria Terra pegasse fogo, — se o último ser vivente morresse queimado, despedaçado ou sufocado, — se a Terra, aniquilada, se dissolvesse, abandonando o sistema planetário de que faz parte, — para nós seria catástrofe inexcedível; para Deus, — nada... Ele continuaria inatingível, grande como dantes, capaz de criar novo sistema planetário, novo mundo, novos homens, riquezas de flóra e fauna, sem necessidade duma palavra sequer, com um simples ato de vontade.

Pois esse Deus imenso, infinito, eterno, enviou um dia um de seus maiores príncipes, o arcanjo São Gabriel, com recado a uma de suas criaturas humanas. Que teria este a dizer? Ameaçar de castigo? exigir humilhações? impôr penitências? Oh, não! Era uma embaixada de honra e de gala. O príncipe do céu tem de curvar-se diante d'uma donzela de família pobre, sem recursos, sem precedências na escala social. Leva, a dizer-lhe, a palavra que Deus, o infinito, puzera na boca do arcanjo, palavra que nunca dantes se ouvira e jamais neste mundo se tornaria a ouvir como saudação de Deus: AVE MARIA!... palavra que teve a única resposta à altura do momento: "Fiât". "Faça-se em mim segundo a sua palavra!"...

Olhai para a folhinha, hoje, e curvai-vos diante do 1, do único, do eterno. Tudo mais em comparação a ele não conta.



M A I O

2

Se Deus, o infinito, o imenso, o eterno, é o número um, sem o qual não há nenhum dois, nem tres, nem cem ou mil, ao número 2 podemos pensar em nós. Mas, que contraste! Ele tem tudo de si; nós não temos cousa alguma de nós. A nossa própria existência é pre-

sente, para o qual em nada concorremos.

Entretanto, preocupamo-nos tanto conosco, como se fôssemos nós o n. 1, e Deus o n. 2. Não se trata de saber o que outros pensam de nós, mas sim o que somos aos olhos de Deus.

Um homem que passa, é chamado *doutor*. Ele o é, quer dizer, recebe de seus semelhantes esse título que significa boa dose de conhecimentos no terreno da medicina, do direito, da engenharia, etc. Acaso esse título será ratificado por Deus? O doutor será doutor também no conhecimento da Majestade divina e dos mistérios da Religião, doutor em praticar heroismos cristãos, doutor no terreno da caridade, da pureza e das demais virtudes? Se o fôr, felizardo! E' o juizo de Deus que decide sobre a eternidade, sobre felicidade e desgraça sem limites!... E se o homem em religião não é nada, nada sabe e nada faz, que lhe adeanta o pergaminho passado por mãos humanas?...

Num ponto de parada do bonde quer subir uma joven elegante, bela, atraente. Não há lugar. Mas eis que se levanta um cavalheiro, oferece-lhe o lugar e fica nos estribos. Por que o faz? Te-lo-ia feito se, em lugar

dela, tivesse estado uma velhinha pobre, afeiada pelos anos? ou um mendigo que estende a mão à caridade e recebeu 2 níqueis para seguir de bonde?... Provavelmente não. No entanto, pergunto eu: Deus também terá aquela senhorinha que subiu, em conta de florescente juventude e de radiante beleza? Talvez que a Deus pareça muito mais joven (na vida da graça) aquela velha preta que vai na extremidade do banco, ou o operário fatigado e pouco limpo que volta do serviço. Com efeito, que adianta *ser alguém* aos olhos de toda gente, quando não se passa de zero aos olhos de Deus!

A mim me dão o título de *reverendo*. Às vezes até superlativam: *vossa reverendíssima*. E beijam-me a mão, aliás consagrada pela ordenação sacerdotal. Mas, que me adianta, se eu não merecer nada disso deante de Deus? Que vergonha, se à vista dos homens aceito honrarias, e aos olhos do Altíssimo não passo de pobre pecador! Um dia todos terão oportunidade de ver, se fui digno dessas homenagens cristãs, ou si jamais as mereci.

Entra em seu gabinete um Ministro de Estado. As ante-salas estão repletas de gente que pretendem dele um favor, uma decisão justa, uma concessão qualquer. Viram como todos se curvaram à sua passagem? como o cumprimentaram? como o lisongeiam? A julgar pelo que se vê e se ouve dizer, nunca o país teve ministro igual. Ele é um grande, um poderoso, aos olhos da gente. Se-lo-á da mesma forma aos de Deus? Te-lo-á Nosso Senhor também na conta de um que faz o bem em larga escala? que de fato merece a posição destacada que lhe deram?... Ai, se Deus nele tiver que censurar um coração que não se vence, um poderoso que abusa do poder, uma alma em desordem!...

Tudo o que outros pensam de nós, não nos adianta nada, se não formos alguma cousa aos olhos de Deus. Entretanto é tão comum, não nos darmos por satisfeitos

com o papel secundário que Deus nos conferiu. Julgamo-nos, praticamente, o eixo, em redor do qual deve girar a família, a sociedade, o mundo. Nós, o centro!... E, no entanto, nada é nosso. A cada momento, várias vezes por minuto, precisamos de doses de ar. Quem foi que nos deu o aparelho indispensavel, pulmão, nariz e boca e tudo quanto é preciso para respirar? Haverá um homem sequer, que porventura o tenha adquirido por sí? Quem nos fornece o ar, suficiente, limpo, saído, para funcionarem os nossos pulmões? Quanto pagamos por litro? E à vista de tantos presentes que recebemos, julgamos muita cousa rezarmos um pouquinho de manhã ou noutra hora, quando na realidade tão poucas vezes agradecemos diretamente toda essa imensidade de benefícios: o ar, o pulmão, a vista, o ouvido, a lingua, o tato, o livre uso dos membros. Ingratos que somos!

Entrássemos mais vezes nos hospitais e asilos, saberíamos quanto devemos à bondade divina!

Que o 2 da folhinha nos lembre o nosso lugar secundário, não menos, porem, o nosso dever de gratidão, dever esse mais urgente que todos quantos se referem à vida efêmera da nossa existência na terra!

Só uma vez na história Deus, por um mensageiro celeste, exprimiu sua plena satisfação com alguém: "Ave Maria, cheia de graça!" Cheia!...



M A I O

3

Quantas recordações nos desperta a data de hoje! O descobrimento do Brasil, o encontro da Santa Cruz, a trilogia mística de fé, esperança e caridade; o triplice mistério do céu, do purgatório e do inferno. Nenhuma, porém, tão importante, tão fundamental como a que é evocada ao sinal da cruz: Pai, Filho, Espírito Santo — um só Deus em 3 pessoas distintas.

O tempo não nos permite tentar descrever o mais profundo dos mistérios. Vamos, pois, logo ao lado prático: ver o que nos ensina a breve oração a que chamamos pequena doxologia e que assim reza: *Gloria Patri et Filio et Spiritui Sancto; sicut erat in principio et nunc et semper et in saecula saeculorum. Amen.*

Deus é o único que merece glorificação eterna, sem princípio nem fim. Ele não precisa de nós para ser feliz. Uno na essência e trino nas pessoas, ele encontra em si próprio a felicidade simplesmente perfeita.

Deus não está no nosso caso, de pobres criaturas. Isolados e sósinhos, nós nos sentiríamos em situação insuportável. Deus criou o homem necessitado da mulher, e a esta como tendo seu complemento no homem. A convivência dos dois pode ser um pedacinho de céu, ou então um bom pedaço de inferno. Mesmo no primeiro caso, e ainda que venham filhos, a convivência não satisfará de todo: precisam ocupar o espírito e atender a outros desejos: daí a leitura do jornal nas primeiras horas do dia, e a ida ao cinema nas últimas, a neces-

sidade de ver outras caras e outras terras, de procurar novos estímulos. Um dia compreenderão, verão e sentirão como Um só poderá satisfazê-los plenamente: Deus...

A glorificação divina, conforme a pequena doxologia, data do "princípio". Pergunto a que se refere essa expressão "princípio". À época anterior a toda criação? Neste caso só podia haver e houve glória ao Pai pelo Filho, glória ao Filho pelo Pai, glória ao Espírito Santo por ambos e vice-versa, pessoas distintas que são umas das outras. Não precisa de ninguém.

Ou fala o *Glória Patri* só da época anterior à criação do homem, época que abrange longos períodos? Ora, os astros do firmamento, para não falar da Terra, glorificavam a Deus, não fazendo nunca o que, mais tarde, o homem faria inúmeras vezes, jamais se rebelando, mas obedecendo e seguindo a norma e o caminho traçados por Deus.

Todo esse vasto tempo desde a criação do homem até os nossos dias, na pequena doxologia não passa dum simples *nunc*, quer dizer *agora*. Por mais homens que, em nefanda aberração voltassem as costas a seu Deus e Senhor, muitos houve e há e haverá que o adoram e servem, e até abandonam ou sacrificam tudo para se dedicarem melhor à glorificação divina. Glorificam-no todos quantos, em boa disposição dalma, se ajoelham à mesa da Comunhão para essa misteriosa e inebriante união da pobre criatura humana com seu Deus.

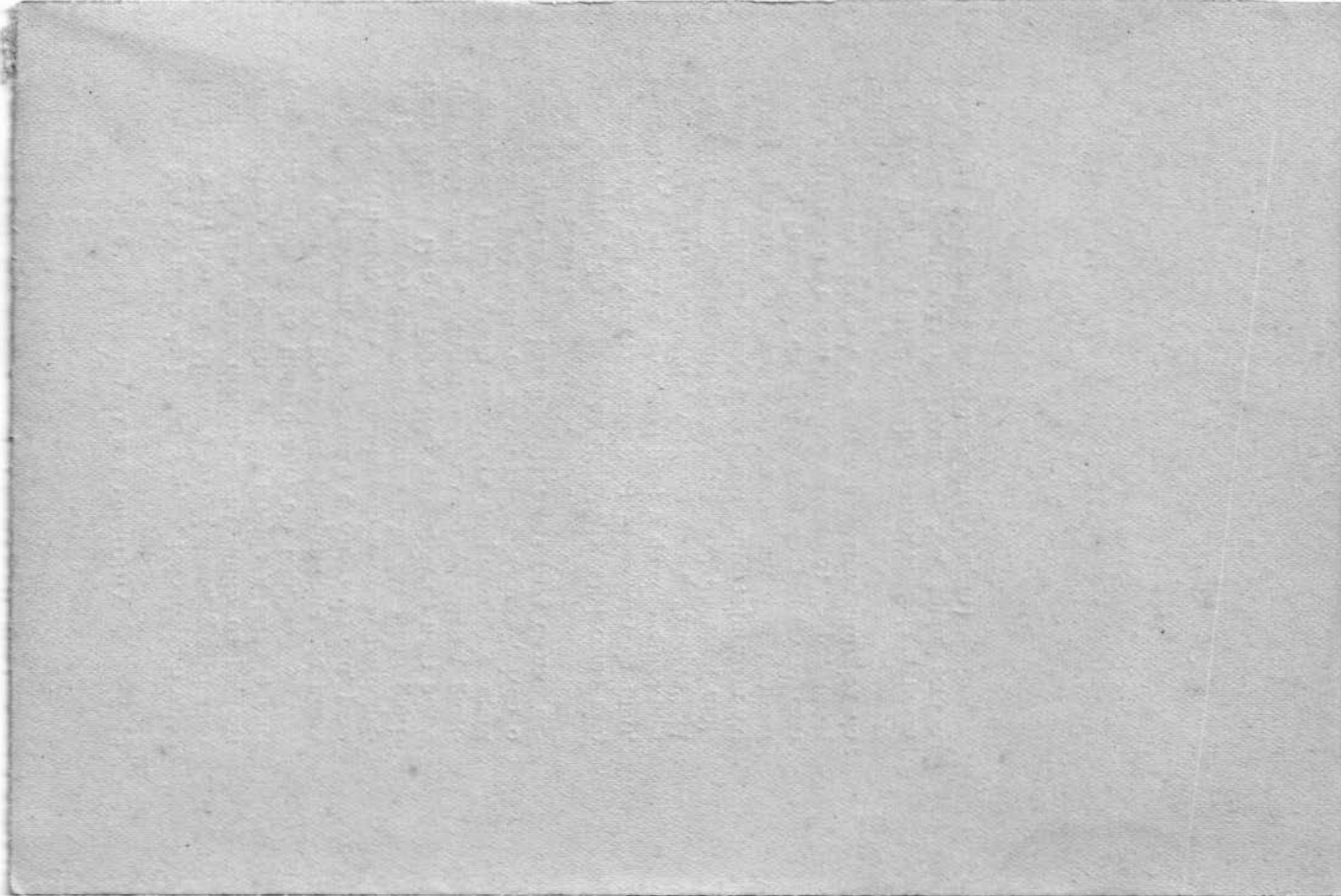
Há, porem, uma glorificação de Deus, a cada hora do dia e da noite, que deixa tudo mais à longa distancia: o santo sacrificio da Missa. Na Missa, o sacerdote não passa de simples representante de Cristo, sendo este o verdadeiro celebrante, tanto assim que, no momento mais augusto da transsubstanciação, o padre não diz "Isto é o corpo de Cristo", mas: "Isto é o meu corpo"; "meu",

porque fala em nome de Nosso Senhor. Não fosse o valor imenso e infinito da Missa e das Missas, glorificação contínua da majestade divina, de há muito os pecados insupportaveis dos homens teriam atraído à terra o aniquilamento dela e de tudo quanto ela tem.

Esta glorificação prossegue independente de nossa cooperação; também a dos Santos e Anjos do céu, para toda a eternidade, está garantida sem a nossa participação; a Rainha do céu outra cousa não faz sinão glorificar a Deus Uno e Trino. Não se precisa de nós; nós é que precisamos de entrar nesse côro de eterna glorificação de Deus, "assim como era no princípio e agora e sempre e por todos os séculos dos séculos". Não o fazendo, não teremos bastantes lágrimas para chorar depois a nossa sorte.

"Sempre", diz a pequena doxologia. Oh! como este monossílabo é baratinho entre nós: "Disponha de mim, sempre...", dizem e escrevem-nos; e quando quizermos servir-nos do oferecimento, veremos que o "sempre" já não existe. "Sempre teu — sempre tua" disseram muitos moços e muitas moças uns aos outros: juraram-n'ò diante do altar e o "sempre" acabou, em dois tempos! Por isso o "sempre" da glorificação de Deus vem com uma confirmação e com um complemento: "e por todos os séculos dos séculos", e com a assinatura litúrgica do "amen".

3... Padre, Filho, Espírito Santo... Seja a nossa vida uma glorificação de Deus. — Ele, então, será a nossa, em companhia da Santíssima Virgem!



M A I O

4

Estão circulando no Brasil umas cartas particulares da Europa conflagrada. Correm de mão em mão. E todo mundo, não satisfeito com os comunicados oficiais e com os telegramas das agências de notícias, quer saber o que acham e o que dizem os próprios moradores daquele continente, que observam tudo de perto.

Ora, por mais que sejam importantes as guerras, por mais que alterem costumes, subvertam fortunas, recuem ou avancem fronteiras, época não houve de influência tão radical, de fatos tão excepcionais, como a vinda de Cristo a este mundo, sua vida, sua morte, ressurreição e obra. Quem nos dá também possuir cartas, ouvir pessoas daquela éra, a nos contarem o que viram, ouviram, pensaram e fizeram!

E si eu vos disser que as possuímos, e autênticas, reconhecidas pela mais rigorosa ciência e das quais a própria Igreja, em nome de Deus, declara serem fidedignas e até inspiradas pelo Divino Espírito Santo!...

São cartas de pessoas conhecidíssimas da época: um, coletor, ou publicano — como então se chamava — que chegou a oferecer um jantar a Jesus e mais tarde morreu por ele: chamava-se Mateus; — outro chamado Marcos, cujo nome ocorre com frequência nos Atos dos Apóstolos; — um terceiro, Lucas, médico de profissão, cujo estilo revela não ter sido judeu, mas grego muito culto; — e por fim João, o apóstolo predileto de Nosso Senhor.

São estes os quatro, conhecidos pelo nome de “evangelistas”. Os seus escritos são tão considerados pela santa Igreja, que não há missa em que se não leia um trecho de seus evangelhos, por sinal que todos os assistentes o ouvem de pé.

E o livro que reúne esses preciosos e diretos depoimentos das citadas testemunhas oculares é tão conceituado pela Igreja, que todos os juramentos são prestados com a mão pousada sobre ele, e em todas as missas solenes é incensado pelo diácono.

Esses evangelhos foram escritos poucos decênios depois da morte de Nosso Senhor. São Mateus até fala da destruição de Jerusalem como de acontecimento futuro, aconselhando os leitores a fugirem, quando se verificassem os primeiros sinais que ele enumera.

Todo mundo leu esses evangelhos. Os fariseus e demais inimigos de Jesús, que odiavam a nova religião e seus pregadores, jamais encontraram neles um fato que fosse mal contado, uma circunstância falsificada ou alterada, tanto assim que, calando-se, concordavam na veracidade das palavras do Senhor, de seus milagres, e dos outros fatos que se narram.

Eis aí a preciosidade que possuímos: cartas de Deus! De certo, por serem tão preciosas, pegamos delas cada manhã, antes de qualquer leitura, afim de reler algum trecho... Ou engano-me? Oh! os santos Evangelhos, cartas ditadas pelo Altíssimo, nosso futuro juiz, têm que ceder ao jornal da manhã, às novidades caseiras, ou à da vizinhança!... Durante o dia cedem às ocupações profissionais, ao jornal da tarde, à prosa do barbeiro, à leitura de romances ou de aventuras policiais; e cedem, à noite, aos programas cinematográficos. Para Deus e para suas cartas resta o último lugar, se restar...

Os concurrentes à nomeação para determinada repartição pública ou empreza particular, largam tudo para

se habilitarem nas matérias exigidas. E nós, concorrentes a um lugar vitalício no céu, quer dizer, lugar definitivo, eterno, interessamo-nos por tudo, menos pela banca examinadora que é a de Cristo. Não nos queixemos, depois, das consequências! consequências estas que deixam a inifinita distância aquilo que, nesta nossa efêmera vida humana, com tanto susto chamamos "consequências".

Muitos herejes, protestantes há que, sem possuírem, como nós, uma Igreja que lhes dê garantia e certeza sobre a fé, veneram, estudam, lêem e procuram seguir os evangelhos e a Escritura, ciosos que são deste tesouro. Dão boa lição a grande número de católicos. Reparei que não disse: à Igreja Católica. Esta recebeu a Santa Bíblia das mãos dos apóstolos e evangelistas, conservou-a, zelou com rigor e vigilância jamais contestada pela sua integridade; obriga os seus sacerdotes, sob pecado, a lerem diariamente trechos dela na recitação do breviário; manda explicar os santos evangelhos às crianças das escolas e dos catecismos, aos adultos nas santas missas dominicais. Portanto a Igreja dá-lhes o lugar que lhes compete. Ao passo que muitos católicos não sabem de que se privam, deixando-os de lado.

Que singular estímulo poderiam os homens tomar daquilo que os contemporâneos de Jesús narram dele e de sua santíssima mãe! Ou serão, porventura, tão ricos e tão santos que já de nada careçam?

No tempo de Nossa Senhora ainda não havia evangelhos, mas ela viveu só para Jesús. E dela diz S. Lucas, que "guardava todas estas cousas em seu coração" (2,51).



MAIO

5

Somos pecadores. Se Deus proceder conosco segundo merecemos, que será de nós? Imaginei que, em lugar de minha voz se ouvisse, subitamente, a de Deus, ameaçando assim: "Em castigo do pecado, um de vós, ao sair da igreja perderá a luz dos olhos!" Que pavor

por toça parte. Qual seria o desditoso? "Eu fico", pensa um, pensa outro, pensam 10, 20 e mais. Acabada a última missa, ninguém quer sair. Vão se retirando só algumas crianças. Todo mundo olha atrás delas, a ver se alguma começa a clamar a perda da vista. Tudo calmo. Cada qual deseja que os outros saiam primeiro. Saem também algumas mães de família; o dever as chama; em casa os filhos as esperam; de qualquer forma não podem ficar. E vão conservando a vista. Saem outros, de passos vacilantes, soluçando... Também não eram eles! Ficam poucos. Deve ser algum destes... 8, saem mais 4, mais 2; fica, afinal, um. — "Sou eu! Não quero cegar! Antes vegetar aqui, vendo, do que cego lá fora!" E passa o dia todo na igreja. Pede que lhe tragam de comer; que o deixem a noite, o dia seguinte...

— Mas, homem, não é possível!...

— Quer então que fique cego?!... Perdendo a vista, ninguém no mundo é capaz de me dar outra!

E a vista é um só dos 5 sentidos que Deus nos deu!

Olhai a vossa mão, sêde ou instrumento de outro sentido, o tato, 5 dedos, outras tantas maravilhas para tocar, sentir, apalpar, experimentar, pegar, trabalhar,

empreender mil cousas. E outros 5 desses tesouros na mão esquerda. Mais 5 em cada pé... Não são nada? Não valem eles nenhum "obrigação" repetido inúmeras vezes? E se de repente vos viessem eles a faltar? Se vos fosse amputado o anular, o indicador, o polegar, ou um dos outros? Eles não são iguais; não têm o mesmo comprimento nem estão na mesma direção. Mas vivem; são servidos por músculos do antebraço; dotados de unhas que se renovam constantemente.

Ninguém conta os serviços que prestam num único dia: apertam a outra mão, escrevem, lavam, cosinham, trabalham nisto ou naquilo, defendem o corpo, a vida; pintam quadros e fazem obras de talha, escrevem poemas e obras científicas; guiam carros velozes e aeroplanos; servem armas e couraçados; tocam instrumentos de música arrebatando platéas inteiras; subscrevem e rasgam pactos; juntam-se em prece e estendem-se para o pecado.

Já lhes fizestes o exame de consciência? ou antes, fizeste-lo a vós sobre seu uso? Não é à tôa que, na Extrema-Unção, a portadora desses 5 dedos, a mão, seja ungi-da particularmente, para que Deus perdôe ao doente tudo quanto com ela pecou.

5 dedos... Há dedos que a vida toda trabalham ao serviço da caridade.

Jovens belas, remediadas e ricas, que poderiam ter fundado um próprio lar, que poderiam ter filhos seus, preferiram sacrificar-se por outros; seus dedos alisam o cabelo de crianças alheias, guiam-lhes a mão ao ensinar a escrita, dão-lhes o pão quando o não têm; são duras consigo mesmas, meigas com os necessitados.

Há dedos que curam e dedos que envenenam. Dedos abençoados de médicos e enfermeiros; dedos portadores de veneno na mão do escritor sem fé e sem moral; dedos cujo veneno fica apegado ao mau livro ou jornal, transmitindo molestia pior do que peste e cólera-morbus a

gerações inteiras, quiçá a outras partes do mundo...
Ha dedos do devasso...

Numa triste glorificação do que se chama "amor pagão" diz um poeta, abusando do dom que Deus lhe deu:

"E os sonhos e os anseios das minhas mãos
hei de satisfazê-los da maneira mais louca!"

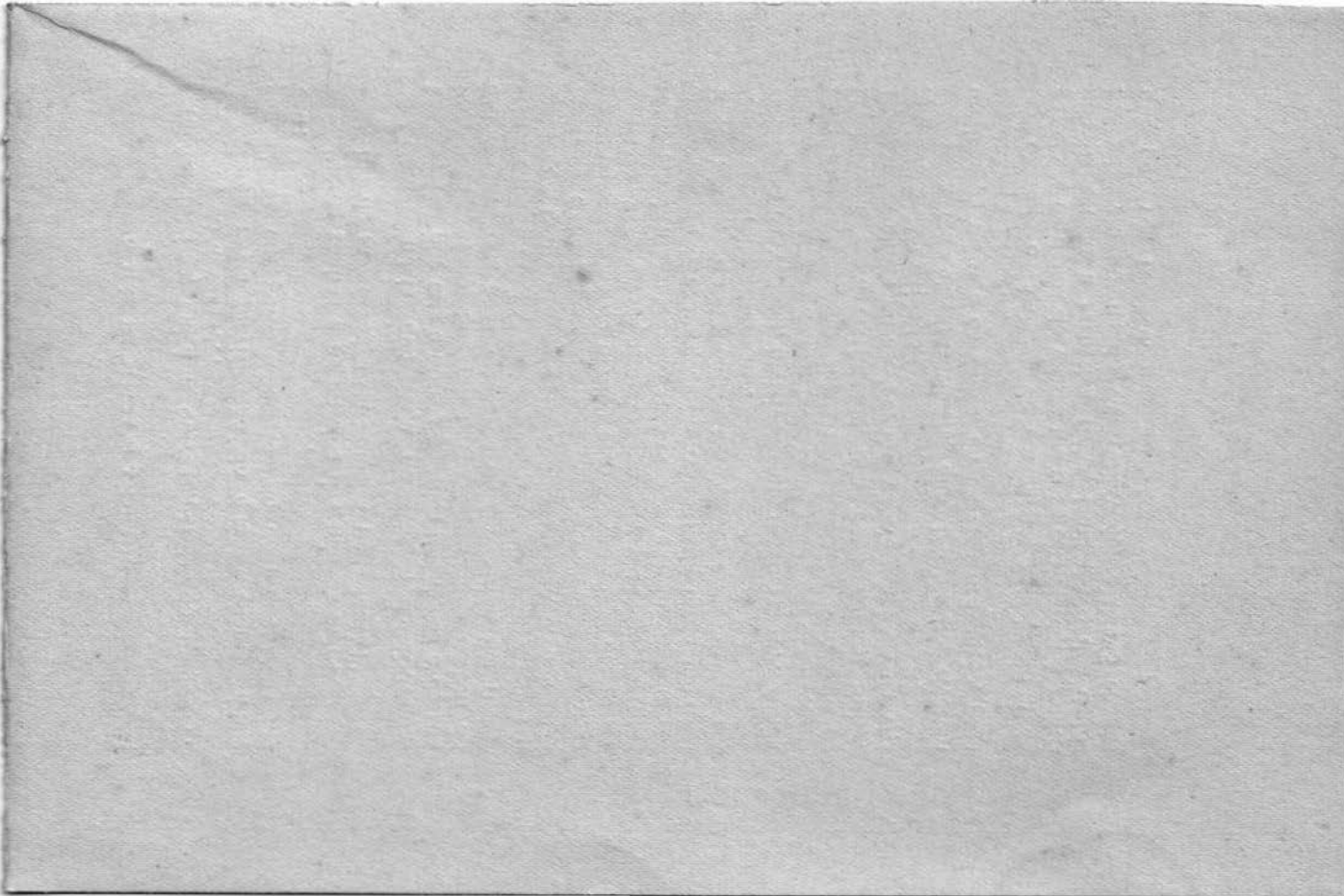
Compreendeis que haja necessidade de Extrema-Unção? Foi por tais e outros pecados dos dedos e de sua portadora, a mão, que um outro, aquele que desceu do céu e mora nos nossos tabernáculos, permitiu lhe furassem as mãos direita e esquerda, os dois pés, e ainda o peito que tanto nos amou e continua amando. 5 chagas terríveis e doridas, hoje gloriosas e consoladoras, porquanto portadoras de perdão e graças.

E a Mãe esteve presente quando ao Filho perfuraram, em brutal atentado, mãos, pés e lado. Sentiu em si mesma as 5 chagas, assim como mais tarde um São Francisco de Assís e outros as tiveram reproduzidas em seu corpo, milagrosamente.

Mãos da Virgem, invisivelmente perfuradas... Ainda assim ela junta os dedos, levanta as mãos em eterna bênção; deixa cair delas sobre nós famintos num vale de lágrimas, o rocío confortador da graça de seu Filho. Pede pelas almas puras. Tornou vitoriosa a idéia da virgindade e da castidade.

E' a mãe dos sacerdotes, que, igualmente, tiveram unguidas as mãos e os dedões, na sagrada ordenação, para espalharem bênçãos.

Quando os 5 dedos de vossos pés se achegarem da parede, e os dedos de vossas mãos se estenderem à Folhinha para tirar a respectiva folha, lembrai-vos dos dedos banhados em sangue do vosso Salvador e das 5 chagas que por vós recebeu.



M A I O

6

Há, no Rio, uma empresa que, se mais conhecida e compreendida fosse, seria aclamada como jamais coisa ou pessoa alguma o foi no Brasil.

E' tão diferente de tudo quanto se chama repartição pública, fábrica, casa de negócio, oficina de trabalho, ou congêneres! Nestas, os empregados ou operários têm que comparecer à hora marcada e trabalhar determinada número de horas, sob pena de sofrerem desconto nos seus salários, os quais aliás, costumam não ser grande coisa e mal permitem uma reservinha na Caixa Econômica para o caso de aumento da família ou de enfermidade.

Contra 6 dias de trabalho, um único de descanso. Assim mesmo, pela necessidade de sustentar a própria vida e, talvez, uma família, esses lugares são disputados, sendo comum a desoladora informação: "Não há vaga". Que coisa diferente estoura empresa a que me referi a principio!

Tambem nela se trabalha, mas não seis dias, e sim um só dia. Não haja espanto, porque não me enganei: nesta empresa bem dita, o trabalho é dum só dia, e o descanso ou folga, de seis dias.

— Mas então, pensareis de certo, pagam mal, muito mal! Onde é que se viu? Que empresa pode prosperar em semelhantes condições?!

— Ninguém se assuste. A de que falo é coisa sólida que nunca fracassou e que tem bases tão fortes, que o seu futuro está garantido como o de nenhuma outra.

E paga régiamente. Quem nela cumprir bem o seu dever no dia de trabalho, não será molestado nos outros pela empresa. Esta lhe respeita a liberdade, e, além disso, terminados 50 anos de serviço, ou 40, 20 ou, em certos casos, até mesmo um só ano de serviço, põe à disposição de seus empregados nada menos do que um palácio, propriedade deles, e um terreno que igualmente lhes pertence; e abre-lhes um crédito que dá para tudo quanto possam desejar, por mais perdulários que sejam.

Hoje, que há tantos desempregados e tão poucas vagas, não há dúvida que uma empresa nessas condições seja um achado. Mas deve ser bem difícil, pensais agora, ser admitido nela.

Não o é. Ela tem ramificações em todo o mundo; é tão gigantesca que não sei de um único caso em que ela tenha respondido a um pretendente a emprego: "Está tudo tomado; espere dois mezes ou 4, e volte". Pelo contrário, mal alguém bate à porta, recebem-no como se já fosse de casa. Apresentam-lhe o regulamento, curto, razoavel, perfeito, e querem apenas saber se está resolvido a cumprí-lo.

Estou lendo em vossos olhos, que, com justa razão, quereis afinal saber o endereço da empresa, para daqui, sem perda de tempo, irdes lá pedir colocação. Nada mais justo. Não é preciso puxar de lapis e papel para escrever, porque tenho certeza de que o guardarão de memória. Telefone não há. Usa-se outro meio de se comunicar diretamente e a qualquer hora, à maneira do telégrafo sem fio. A empresa — mas todos já o adivinharam — a empresa que só prescreve um dia de trabalha por semana e que reparte terrenos e palácios e depósitos nos bancos, chama-se Igreja de Deus... Graça sem nome, a de Deus nos ter chamado a ela.

Permito a todos examinar, se eu disse um ponto, uma circunstância que não corresponda aos fatos. Deus

podia, a rigor, ter exigido de suas criaturas que por ele trabalhassem 6 dias da semana, se é que não entendesse de exigir logo os sete. Não o quiz, porem. Exigiu apenas que o domingo fosse positivamente santificado sem ser aproveitado para trabalhos servís em beneficio próprio. Manda que todos assistam à renovação de seu sacrificio da Cruz, chamada santa Missa e permite, desde que haja várias, que cada qual escolha a hora que mais lhe convier. E' o mínimo que reclama, se bem que não oculte o desejo de ver santificado esse único dia com recolhimento do espirito, meditação, leitura espiritual, prática de obras de caridade, etc. Nos outros dias permite ir à Missa, mas não o ordena. Dá licença que cada qual, sem desarmonia com os 10 mandamentos, cuide tambem de seus interesses neste mundo. E paga esse insignificante serviço com um terreno em sua propriedade, o céu; com um palácio que ele mesmo prepara; com créditos que nunca se esgotam; com felicidades inebriantes.

E tendo 6 dias para nós, negar-lhe-emos o domingo? ou parte dele?... Que, neste caso, ao menos não pretendamos passar por generosos! Os santos deram a Deus não um só dia, mas todos os 7 dias. E a Santíssima Virgem, a que mais recebeu, foi tambem a que mais deu; daí seu mérito e sua posição preponderante.



M A I O

7

O vocábulo grego "poly" entrou na composição de grande número de palavras. A impressão a várias côres chama-se "policromia"; a escola para engenheiros: "politécnica"; uma clínica que não atende só a um mal do corpo, mas a muitos, tem o nome de "policlínica". Paremos aqui. O nosso corpo, a maior obra de arte que jamais se idealizou e se realizou, no correr dos anos vai precisando de consertos, reformas e providências cada vez mais frequentes e completas. Bemdita policlínica! Se os olhos já não enxergam bem, o oculista os trata e lhes fornece óculos que não cansam a vista. Dentes estragados são substituídos, podendo haver toda uma dentadura nova de cima e de baixo. Para estômago, coração, pulmões, rins, há remédios, e só o doente compreende a bênção que parte do médico e de sua ciência.

Ora, o corpo, por admirável e estupendo que seja, fica à longa distância da essência e das perfeições da alma. Também esta está sujeita a males humanos, a perseguições diabólicas; também ela padece fome e sede. Haverá para ela policlínica que atenda a todas as enfermidades, e sanatório onde recuperar as forças? Si há! Nosso Senhor em pessoa tratou disto, estabelecendo a mais gigantesca das policlínicas, sempre moderna e à altura, anexa a um sanatório como não há igual.

A divisão não é por especialidades de vista e ouvido, pulmões, dentes, etc., a menos que o seja em sentido

figurado. Há logo de entrada uma divisão que trata da respiração sobrenatural, sem a qual não medra vida. O tratamento é simples, resumindo-se numa palavra: *batismo*. Sem ele, não há vida sobrenatural. A criança, por mais gentil e mimosa que seja, tem apenas a vida física, de comum com os animais. Sua alma, que poderia viver na ordem da graça, está morta, porque os pais, dizendo amar o filhinho, adiam o tratamento: o batismo. Que amor é esse, que priva uma alma imortal por semanas, meses e mais, da vida em Deus? Como se desfarão um dia as desculpas covardes de ausência ou impedimento de padrinhos, e outras de semelhante "importância"... Os olhinhos da criança talvez já saibam sorrir; sua alma, porem, grita, sem que os pais surdos e cegos o compreendam: "Dai-me a vida, a vida da graça, o batismo!" O chorinho da criança, à noite, fá-los levantar. Mas a vozinha da alma infantil pode enrouquecer de tanto pedir e chorar e gritar. Não ouvem. E julgam ter fé... e amar o filho!...

Quereis ver outra divisão da policlínica da Igreja? E' aquela em que o representante de Cristo, o bispo, faz descer sobre a alma fraca do joven ou do adulto, aquele que operou milagres estupendos nos apóstolos, o Espírito Santo, no sacramento da *confirmação*. Todos o receberam? como se prepararam para recebê-lo? Assim como os apóstolos, por um retiro fechado? Sem preparação condigna, sem máximo respeito e concentração, não podem vir os efeitos maravilhosos que se viram nos apóstolos. Que fazeis para que vossos filhos e empregados voltem para casa cheios do Espírito Santo, ricos na alma, como nunca estiveram?

Não é possível falar agora de todas as 7 divisões dessa policlínica da nossa alma, que é a Igreja, com seus 7 sacramentos gratuitamente à nossa disposição.

Permití-me que observe apenas um fato: eu vejo com quanta devoção atiram um beijo a S. Antônio no quadro do pão dos pobres; com quanto ardor levantam a mão para lhe tocarem pelo menos a moldura. Ora, na hora da morte compreenderão que havia, pertinho da imagem, cousa muito mais salutar; e se ainda pudessem, creio que beijariam o chão onde ocorrem tantos milagres, a madeira rude e despretenciosa do *confessionário*. Que cenário de milágres, todos, todos os dias!

Deixo de referir-me ao sacramento da *Eucaristia*, Santo dos Santos, e à *Ordem* que nos dá sacerdotes. Não quero, porem, deixar de notar que, assim como choram almas de crianças pelo batismo, clamam almas de moribundos pela *Extrema-Unção*. “Extrema” menos por ser a última, do que por estar tão acima de tudo quanto há de bom. Nela é perdoado o pecado grave, sempre que houver impossibilidade de confissão; e segundo muitos teólogos são condonadas também — que estupendo! — todas as penas ainda reservadas ao pecador, na terra ou no purgatório. Os santos Oleos apagam tudo; limpam e ornam a alma; preparam-na para entrar, imediatamente depois de deixar o corpo, no céu! no céu eterno! E ainda deixam de chamar cedo o sacerdote para esse único, único consolo real do moribundo, esse benefício eterno. Crueldade, cegueira, ignorância, de terríveis consequências!

Última divisão: o *casamento*. Também na antiguidade casavam, mas não tinham o que nós temos: bênçãos especiais, dadas por um sacramento no intuito de tornar a vida menos dura, as provações mais suportáveis, a felicidade maior. Que importância dão a esse sacramento? Ele fica como que reduzido a uma exigência social. “Ele” trata da casa que vão habitar; “ela” anda ocupadíssima com o vestido de casamento e tantas cousas.

Cegueira fatal! Sacrificar o essencial pelo acessório! Quando os homens compreenderem que Deus, o próprio Deus instituiu este sacramento, preparar-se-ão para ele com um retiro! "Foi num casamento que Nossa Senhora um dia deu esta lição:" Fazei tudo o que Ele vos disser!"

M A I O

8

Permitir-me-ão falar, esta vez, duma cousa, pela qual muita gente anda apaixonada? de música?... Não pode ser grande mal, já que a S. Escritura inúmeras vezes manda pegar em flautas e saltérios, em cítaras e címbalos; manda cantar, e fala tantas vezes em música no céu. Da Igreja não digo nada: esta chega a possuir o seu instrumento próprio, o órgão, e ordena o canto em todas as bênçãos do Santíssimo, em todas as missas solenes, e dispõe duma arte especial, o canto gregoriano.

Vamos, pois, desta vez, sem receio nem hesitação, à música. A data de hoje, na forma de oitava, mostre a importância. Talvez já tenhais ouvido sinos verdadeiramente bons e artísticos. Os da igreja de N. Senhora da Paz de Ipanema, p. ex., fundidos de bronze, ressoam longe e cativam irresistivelmente o coração. Por que será? Os sinos não produzem um único som. Tangidos, mandam para longe as vibrações de todo um conjunto de sons. Alí há, antes de tudo, o som principal, por exemplo, sobre a nota *fá* , som ainda bastante grave e solene. Ouçam a badalada, forte, enérgica. Reconhecem logo o *fá* ? Hesitam, quando se lhes pergunta, porque, atendendo bem, de fato ouvem, além do *fá* , vários outros tons. Antes de mais nada, o mais lindo de todos: o *fá* grave, uma oitava mais baixo. Este cria o fundamento para tudo mais, como o pedal para o órgão.

Examinando melhor, percebem súbitamente que por cima ainda há algum som que faz parte dos dois outros: o *fá* agudo, uma oitava mais alto. E fica a série encerrada com esse trio? Oh, não. E' como se os três *fás* tivessem dado o sinal: a quinta, quer dizer o *dó*, já não se mantem calado, soa também, enchendo agora o acorde. E vem a décima, o *lá* natural ou bemol, com o que o acorde se torna completo. Acabou? Ainda não: outros tons da escala, sem exceção da sétima, querem ser ouvidos no concerto da torre, e daí o encanto dessa música singular de sinos movidos e feridos pelo badalo.

Todos esses sons são sempre agradáveis? Aí é que está. São, quando as oitavas são justas, e com elas os demais intervalos; não são quando há desafinação, para cima ou para baixo da nota que prevalece. E' nessa afinação e harmonia das notas principais com as secundárias, na força de sua vibração, na suavidade e no carater de seu som que se conhece o bom fundidor de sinos, arte que passa por gerações, sendo o filho ensinado pelo pai, e este pelo avô.

Oh, ouvintes meus, há por aí muito sino rachado ou desafinado. Em lugar de alegrar e de elevar o coração, atormenta os ouvidos e deshonra o campanário. Ainda bem se isto se desse só com os sinos de bronze e de aço. Nós, entretanto, somos também como sinos aos ouvidos de Deus e de seus Anjos e Santos, e até dos homens. As nossas resoluções, pensamentos, ações e palavras, dão as badaladas, e imediatamente, quem sabe ouvir, percebe um conjunto de sons agradáveis, ou de cacofonias que fazem arripiar.

A nota fundamental chamada consciência, foi dada por Deus, não muda. Ou nós nos conformamos a ela, ou o mal está feito.

Querem ver alguns desses sinos vivos? Fuiano é casado. Trata bem a todos, menos... a sua mulher.

Desafinação insuportavel aos ouvidos de Deus que não deixará impune essa profanação dum sino cristão.

Sicrano conseguiu um bom emprego. Recebe satisfeito o rico ordenado, mas trabalha mal, serve mal a quem o paga. Desafinação! Oitava terrivelmente falsa. Ou ele a afinará, trabalhando conscienciosamente, ou pagará na eternidade, onde não se admitem desafinações.

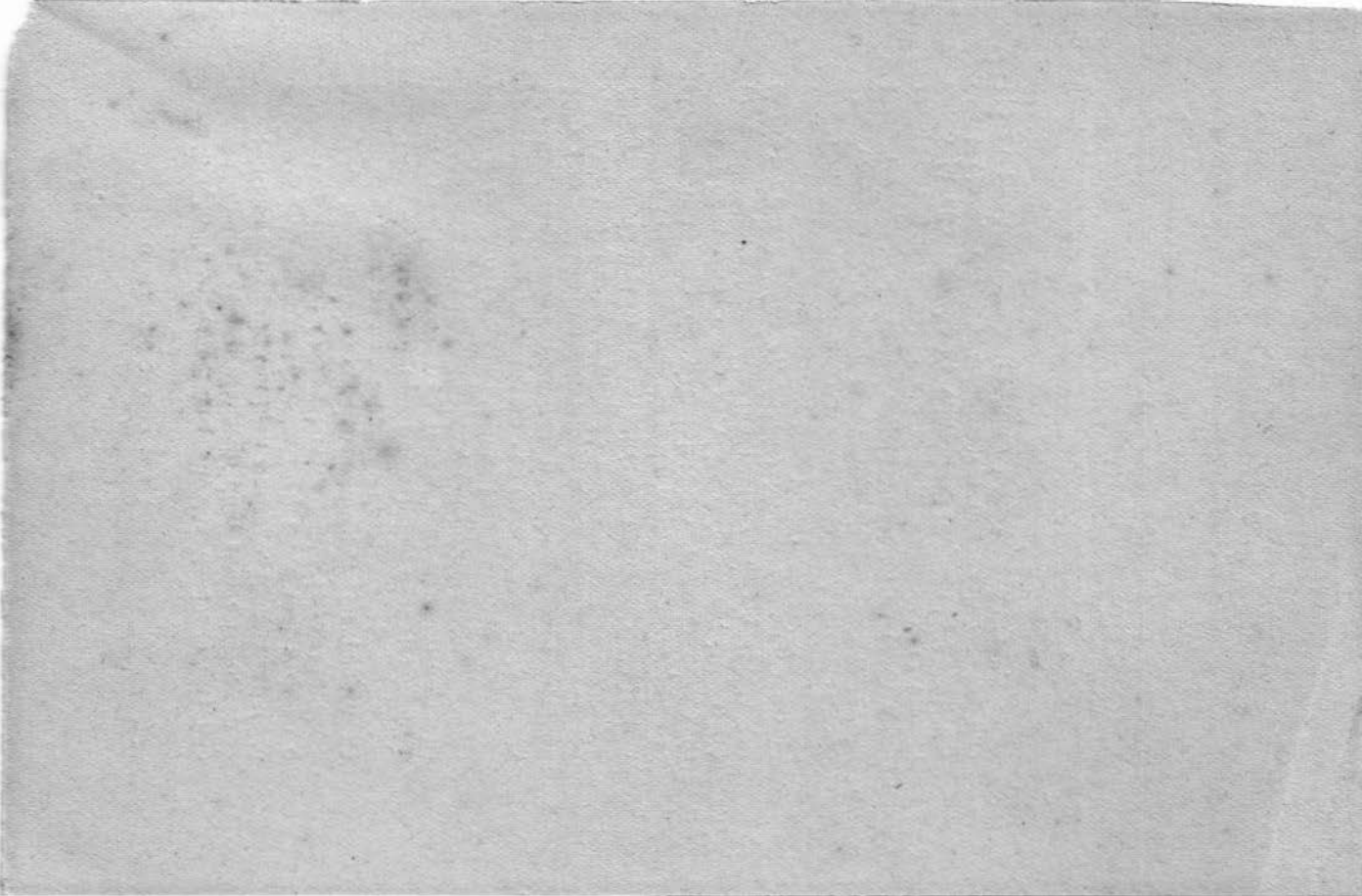
Dona X. faz mil sacrifícios pelos filhos; adora-os, mas... não lhes castiga as faltas, nem os atém ao cumprimento dos deveres religiosos. Que conjunto de desharmonias. Deus o toleraria? Nunca!

Dona Y. sofre, mas, em vez de oferecer tudo calada a Deus, faz outros pagarem o mal que não fizeram. Não serve. Desafinações sobre desafinações.

O Sr. B. acha a religião muito boa para mulher e filhos; ele próprio não se confessa nem assiste à Missa dominical, nem guarda dias de abstinência. E julga-se *alguem*, um poço de virtude! Sino rachado é que é!

Os bons sinos como as vidas diferem em beleza. Só uma houve, de harmonia tão perfeita, que a Igreja exclama: *Tota pulchra es, Maria!* Nunca souu uma divergência da base estabelecida por Deus!

Diminuamos as nossas divergência. Afinemos coração, vontade e atos pela eterna oitava, ancorada por Deus no fundo da nossa consciência! Não dá certo esperarmos com a afinação até a hora da morte. O ouvido então já não percebe as vibrações. Façamo-lo agora, em pleno vigor, e estabeleçamos em nós os 8 estados que Nosso Senhor chama de "oito bemaventuranças".



M A I O

9

A data de hoje arrebatava ao alto o espírito humano, e deixa entrever os seres mais lúcidos, mais fulgurantes e mais belos que já povoaram as paragens celestiais, antes, muito antes de na terra pulsar um coração humano: os nove céus de anjos... Por sedutor, porém,

que seja quedar em tão nobre companhia, vê-la, admirá-la e travar amizade com ela, o mesmo número 9 da data de hoje reclama nossa atenção, toda e exclusivamente, não só hoje, senão cada dia à hora nona, isto é, às três horas da tarde, para o fato mais grave de todo o mundo, o fato que mais nos humilha, envergonha e cobre de culpas; ao mesmo tempo o fato que mais revela a ilimitada bondade de Deus: fato que o mundo só presenciou uma vez, e que nunca mais poderá ver, porque não há, além do Cristo, outro Deus que possa morrer na Cruz...

Durante milênios, a grande família humana, sem possuir normas de conduta tão claras como hoje, gemeu e chorou perseguida, doente, desesperada, pediu e bradou:

“Oh, vinde enfim, Filho de Deus!
Descei, descei dos altos céus!
Germine a terra o Salvador,
Nuvens, chovei Nosso Senhor!”

Cristo veio. “E os seus — queixa-se o evangelista São João em frase lapidar — os seus o não receberam”. Pior. Depois de tê-lo ouvido durante 3 anos, presenciado

seus milagres, admirado sua vida pura, santa, divina, levantam pedras para apedrejá-lo!... E finalmente escolhem entre ele e um assassino, dando preferencia ao facínora: "Solta a Barrabás! À cruz com este!"... Os tribunais hesitam. Ninguém descobre culpa nele. Recorrem os invejosos à ameaça de denunciar o supremo juiz da terra, caso não o condene à morte, e Pilatos cede... Em dois tempos, a cruz está à mão. Ele mesmo, exausto pela flagelação e pela diabólica coroação de espinhos, tem que carregá-la até o Calvário. Cai. Receiam que não chegue vivo. Mal está no cume do monte, atiram-no por terra, pegam-lhe os braços e os pés, e pelas rochas descalvadas ecôam marteladas sinistras, assassinas. Jorra o sangue, os três condenados estridulam gritos que se vão apagando e amortecendo em gemidos...

Vem o momento mais dramático: não querem deixá-lo deitado sobre a cruz no chão. Sem se incomodarem da vítima, levantam de pé a pesada cruz com esforços hercúleos, alto, mais alto, para de súbito a deixarem cair, vertical, no profundo chão da cova. Com o terrível baque esgarçam-se as chagas; tinge-se em redor o chão, de sangue; arqueja o peito do Cristo; as mãos e os pés ameaçam de rasgar-se aos pregos, de fóra em fóra, e soltar-se o corpo; os olhos de Jesus misturam lágrimas ao sangue. E pairando assim sobre as cabeças dos inimigos, ele recebe a mais infernal váia, a mais blasfêma que se ouviu no mundo: "Enfim, sedutor! Desce agora, desce! Como Deus não te pode custar muito! Por que não desces já? Vejam só em que deu essa mania de pregar aos outros!" E continua longo tempo este rosário de insultos sobre insultos. E a mãe de Jesus, presente!...

E os anjos esvoaçavam em redor da cruz, os 9 côros de anjos que do alto assistiram a essas cenas. Porque eles ficam inativos, deixando seu Senhor e Deus ser insultado, martirizado, gemer, estorcer-se em tais espasmos,

moribundo, abandonado pelos próprios amigos?... Poderia Deus Padre permitir tal sangrenta aventura de seu Filho?

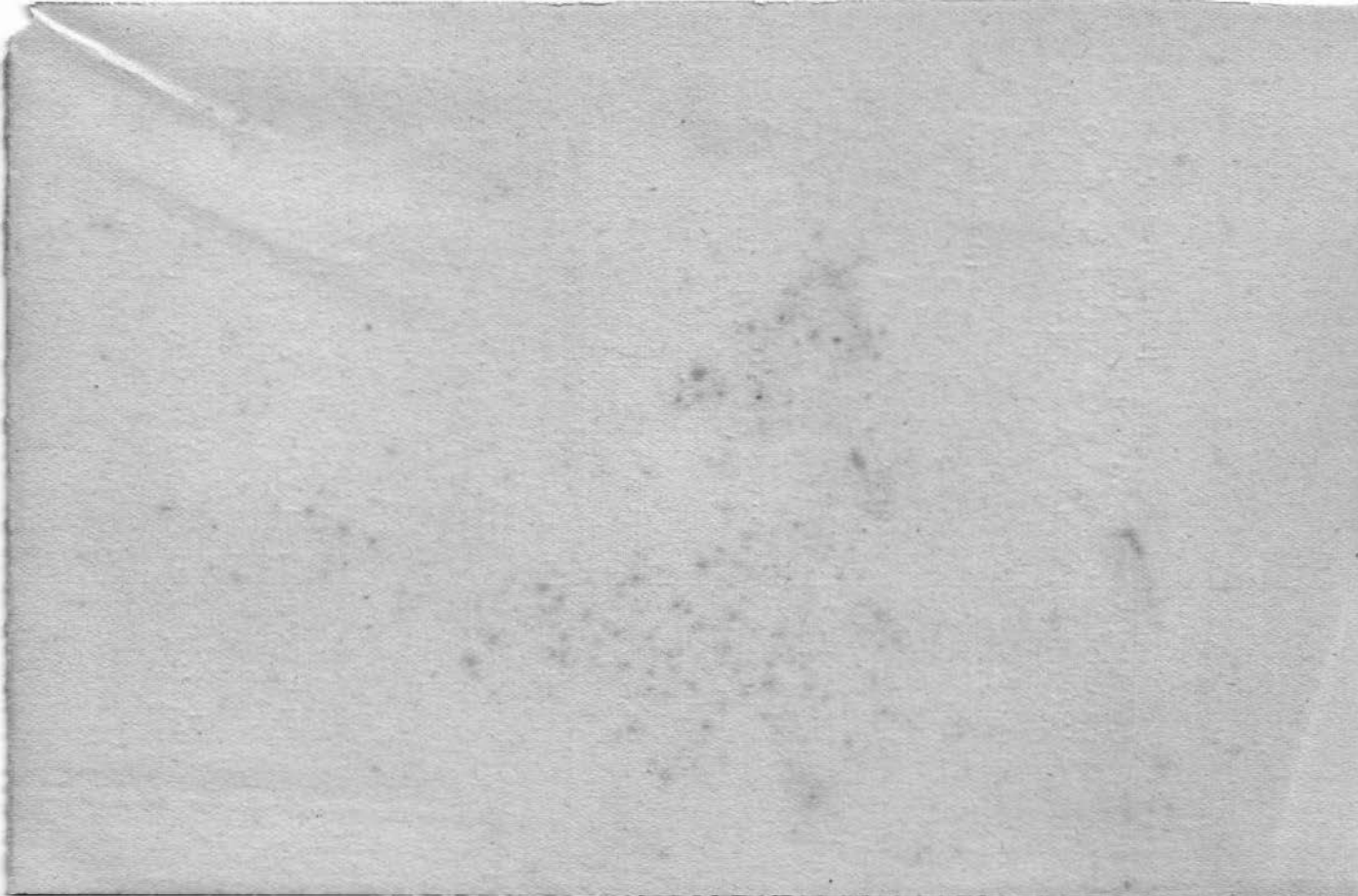
Cristo nem por um momento se esquece de que veio sofrer em vez de nós. Apresenta à Justiça divina o balanço da vida: 33 anos de humilhações, privações, trabalhos, canseiras; 3 anos de pregação, milagres, ensinamentos; e essas horas que valem anos, decênios, passadas nos tribunais, na prisão, na condenação, na via sacra, na cruz... Já falta pouco. O Padre Eterno está para rasgar de vez todas as letras devedoras dos séculos, desde o paraizo perdido, através de toda a história do dilúvio, de Israel, dos profetas e dos reis; pecados de gerações, pecados... futuros, os nossos, que sem Cristo jamais poderiam ser perdoados... Tudo será rasgado dentro em momentos, quando o divino martir, sem alívio na dor, exalar o seu espírito. E chega o momento histórico: "Tudo está consumado"! exclama o martir na cruz, e nessa chama de amor divino são consumidos e aniquilados os autos da culpa humana. "Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito!"... Morreu...

Violento terremoto sacode Jerusalem. Rasga-se em dois o veu diante da Arca da Lei no Templo. Túmulos se escancaram e expelem mortos que saem a andar pelas ruas e aparecem a muitos... Eis o que diz a hora nona.

Será justo, humano, admissível que passe um dia em que dela nos não lembremos? Cristo, afinal, não morreu só por seus contemporâneos. Morreu por nós, por mim, por tí!

E sua santíssima Mãe estava presente. Sentiu punhais de dôr passarem-lhe o coração. E teria essa mesma Virgem que ver nosso indiferentismo, nossa ingratidão?...

O "9" da folhinha não nos dá lição para um dia só do mês. Dá para cada hora 9.^a do dia, a hora mais santa, a de mais graças!



M A I O

10

O dia 10 evoca a memória daquele fato único na história, em que a Majestade de Deus se manifestou claramente, no alto do monte Sinái, promulgando os 10 mandamentos, obrigatórios para grandes e pequenos, cultos e ignorantes... Só vos terei que dizer louvores, se hoje e todos os dias vos ocupais seriamente do Decálogo, Código pelo qual se processará o Juízo Final.

Não quero, porem, deter-me nele. Prefiro levar a palestra para 10 moças, das quais refere Nosso Senhor que, sendo convidadas para *demoiselles d'honneur*, 5 se revelaram prudentes e 5 loucas. Reparaí que não se revelaram 5 formosas e 5 feias, nem 5 honestas e 5 levianas, mas: 5 prudentes e 5 loucas. Como se deu isso?

O casamento seria à noite, muito tarde. Porisso as 10 levaram cada qual a sua lâmpada, acenderam-na e ficaram à espera. Coitadas! Os noivos demoraram demais. As lâmpadas apagaram-se e as donzelas de honra entraram a cochilar.

De repente, à meia noite, grande celeuma anunciou, afinal, a chegada dos noivos. Levantaram-se todas e procuraram acender as lâmpadas. Inutil. Elas estavam sem azeite. 5, prudentes, não se apoquentaram. Tinham-no trazido num vaso à parte. Encheram, pois, as lâmpadas que deram a luz de costume. As outras 5, loucas, não contando com semelhante demora, e receiando por seus vestidos novos, não tinham trazido reserva de azeite. Pediram, pois, às outras, lhes dessem um pouco do delas,

— “Não, não!, — foi a resposta, — pode não chegar para todas. Ide comprar!” Resmungaram, mas foram. Não havia outro recurso.

Não lhes adiantou. Enquanto à hora insolita compravam la fóra, os noivos entraram com todo mundo para a casa do casamento e... fechou-se a porta. Aflitas chegaram as donzelas loucas, com lâmpadas agora bem acesas, e puzeram-se a bater à porta. Que história é essa! Não abriam. Bateram mais. — “Não vos conhece!” — foi a resposta inesperada que o noivo deu, de dentro. E como toda esta história era parábola, Cristo acrescentou uma lição terrível: “Vigiai, pois, porque não sabeis nem o dia, nem a hora!”

Oh, não creio que haja neste mundo um casal que leve o rigor ao ponto de rejeitar moças que pouco antes convidara. Mas o Supremo Juiz, o Cristo que toda a sua vida deu provas de paciência, deixará de atender a pedidos na hora que ele marcou.

Quando será essa hora? Eu não o sei, tu não o sabes, ninguém a conhece. Daí, loucos — dum e doutro sexo — os que esperam haver ainda tempo. E feito de conta que soubessem a hora, achais, meus amigos, que iriam dar a Deus o que é de Deus?... Suponhamos que, por especial concessão divina, um rapaz ficasse sabendo ao certo, que morreria aos 52 anos. Um tempão, pensará ele a princípio, para achar logo mais que não faria mal se fossem mais duas ou três dezenas de anos.

Vou ser prudente, resolve ele. Metade de minha vida será para mim. Não para ofender a Deus, mas, enfim, para gosar um tanto o mundo. Portanto, 26 anos. E lá vão pecados sobre pecados; ele sabe que a morte está longe. Esgotam-se, como num sonho, os 26 anos que eram a metade. O rapaz acha que não fez boa conta, que deveria ter descontado a infância. Reclama mais 10 anos dos 26, para gosar a vida. Gosa. Enriquece. Casa.

Aborrece-se da mulher, à qual nunca permitiu ser mãe. Separa-se, e toma outra, no Uruguai, que lhe dá filhos. Apodera-se de bens alheios, sem escrúpulo: não lhe sobra tanto tempo para restituir tudo, ao aproximar da morte?

Faltam 16 anos. Dedicá-los-á a Deus, como prometeu, e à salvação da alma? Ora, é tanto tempo... "Por enquanto vou vivendo e gosando quanto puder." E amontoam-se as culpas, os pecados, as responsabilidades. Já faltam 8 anos. E' cedo para sacrificar tudo. Faltam 2 anos, — um ano só. Ainda não tenho coragem. Como poderei restituir, para ficar depois sem nada, caído na indigência? Então não tenho filha para casar? Hei de afugentar o rapaz que sabe da riqueza da noiva?" Resta meio ano, e o homem torna-se mais sério. Resolve confessar-se, não já, mas 3 mezes antes da data marcada para sua morte e passar o último tempo quasi a pão e agua. Falta só um mês, e ainda não se resolve a principiar a nova vida. Quinze dias antes decide-se a escrever aos jesuitas. Manda reservar um quarto na Casa de Retiros para dali a oito dias. Lá viverá, enfim, para Deus. Restituirá a fortuna roubaça a quem de direito, não receberá mais ninguém e acha que pode esperar perdão, já que o ladrão na cruz se converteu na última hora da vida e teve a promessa do paraíso.

Nove dias. Amanhã de manhã, irá à Gávea, fazer o seu retiro. Nessa noite, súbito, dá um grito. Acodem os filhos e encontram-no sem juízo, louco. E' tarde para a conversão...

Terão variantes os casos. Mas a certeza da hora da morte não nos faria viver melhor. Sabemo-la incerta. Só nos resta, pois, ter sempre acesas as lâmpadas, e sermos tocos 10 "virgens prudentes"! A tanto nos ajude a Virgem prudentíssima!



M A I O

11

Em menino e moço, sentia eu certa pena do número 11. E' que o ligavam com pessoas que não reguiavam bem, ou que tinham manias ou eram francamente loucas. Parece-me que o pobre do 11 gosa por aquí de melhor reputação. Se não, quero contribuir, na medida do possível, para a sua reabilitação. Vêde, este número vale muito mais do que parece. 1 mais 1 serão 2? Reparai bem na folhinha, e vereis que 1 e 1, ao lado um do outro, valem 11. Brincadeira? Oh, não! Na vida inúmeras vezes é assim.

Casa-se um rapaz. Ele vale 1, e ela 1. Entretanto, a mudança de posição, as atenções da sociedade, e até mesmo os favores da lei são tamanhos, que nos permite dizer: 1 e 1 são 11. E os dois sabem disso. Como marcham felizes e orgulhosos, de braço dado, à igreja, ao cinema, ou pela rua do Ouvidor! Têm um geitinho especial de dar a perceber, nos encontros com amigos, a aliança que trazem no dedo. Falam em "nossa casa", "nossô lar", como se já o tivessem há dez anos ou mais.

De fato, sua união, suposto que baseada na fidelidade a Deus e no recíproco amor e respeito, vem beneficiar a ambos de maneira nada vulgar. Repartindo alegrias e dissabores, aquelas parecem dobradas, estes diminuídos. Quero crer que já tenham adquirido ou em breve adquiram a alta sabedoria de não estarem a censurar-se mutuamente, com frequência e regularidade de relógio, mas que, ao invés, corram cada um antes e cada vez, os

olhos em si mesmo, a ver se porventura não tem e comete a mesma falta que não pode aturar no outro.

Ambos compreenderão em breve, que a felicidade não depende só de simples desejo, e muito menos de festas e de carinhos, mas de grande força de vontade, de energia implacável com a própria pessoa, de sacrifícios e dedicações que nunca, nunca chegam a ser excessivos.

Suponho que consigam a possível felicidade; que as condições financeiras não sejam de todo ruins... estará então feito tudo?

Talvez não esteja feito nada. E' que tudo aquilo e tudo mais que puderem apresentar como idéias para noivos e casais, não passa de simples meio para alcançar coisa mais importante. O casamento não é a última palavra; a vida em comum também não o é; nem os filhos o são, como tampouco o são as apólices amontoadas no cofre e os depósitos na Caixa Econômica.

Quando Deus dispôs as cousas para que 1 e 1 passassem a valer 11, visou, antes de tudo, o bem-estar espiritual, o da alma. Que importa tão poucos o compreenderam? Os sábios e prudentes, em todos os ramos da atividade humana, sempre formaram minoria.

O verdadeiro e mais alto fim do casamento é: que *ele* seja um visível anjo da guarda para *ela*; *ela* para *ele*; e ambos sempre de prontidão.

Pode haver casamento legal que pareça honesto aos olhos da gente, mesmo faltando-lhe esta preocupação com a alma da consorte ou do esposo. O que porem não ha neste caso, é aquele casamento cristão que Deus teve em mente como graça extraordinária, para benefício de ambos. O que não há, neste caso, é casamento inteligente, quer dizer, que sobre as cousas secundárias da existência efêmera deste mundo, não esqueça os interesses transcendentais, decisivos e definitivos da eternidade.

Que bom, agradável e justo, a mulher preocupar-se com o mariço aflito ou enfermo e procurar desfazer-lhe as causas do mal! Que bom, agradável e justo, que ele, ao voltar para casa, deixe de fóra todos os aborrecimentos, que traga grande provisão de consolo e alegria, que venha só matar e deixar matar saudade! Mas não é tudo... Falta o principal: e a alma? não precisará esta de nada?

E' indispensavel que cada um dos consortes saiba a quantas anda o outro com Deus. Como poderá, sem isso, haver tranquilidade? Quem de fato tem amor ao marido, à esposa, por força há de querer que ele, ela, esteja bem com Deus; que não tenha a receiar nem mesmo o caso sempre possível duma morte súbita.

Poderá custar muito a estabelecer esta intimidade de um penetrar o jardim fechado da alma do outro. Mas não esqueçamos que é esta a intimidade mais santa, mais bemfazeja, mais consoladora. Nenhum faça exigências ao outro; dirija-as todas a sí mesmo: o efeito será ótimo. Vão juntos à igreja confessar-se e comungar; levem mais tarde consigo os filhos.

Ora, nem todos são pai e mãe. Certo é, porem, que quasi todos têm alguém, vários ou muitos, aos quais possam aplicar o papel de pai e mãe, cuidando de sua alma, preocupando-se, aconselhando, guiando, assistindo... 1 e 1 no casamento com facilidade se transformam em 11; se ela fôr o anjo da guarda dele, é mais um à esquerda; se ele fizer outro tanto, é outro um: ao todo 1.111; e se os filhos seguirem o exemplo dos pais, o número sobe a dezenas, centenas de milhares, quiçá a 1 milhão. Que bom, este número 11! Que bom quando, na despedida de um dos dois para a eternidade, se renovar a cena da morte de S. José que morreu com a sua esposa ao lado e nos braços do Filho! Maria e José, os modelos em tudo!



M A I O

12

Há muitas cousas que a data de hoje vem nos lembrar: as 12 tribus do povo eleito de Israel, de tanta importância no correr da história; a popular "dúzia" da vida de cada dia, a figura de Pio XII que se impõe ao mundo em guerra, os 12 mezes do ano que correm tão velozes. Deixemos tudo de lado, e pensemos nos 12 homens escolhidos por Nosso Senhor, para lhe continuarem a obra: *os apóstolos*.

Talvez não haja entre vós quem não tenha notado o orgulho, às vezes desmedido, com que certos cidadãos apontam sua família, como sendo da alta aristocracia do sangue ou do dinheiro, como beneméritos da sociedade ou da pátria, como luminares da ciência ou como estrelas da arte. Que seja. Não impede que também estas aristocracias tenham começado pequenas, muito humildes, e que, depois de alguém se ter distinguido, os filhos já não possuam outra virtude e outro mérito, se não o de terem pai importante.

Os caminhos de Deus não são os nossos, e vice-versa. Façamos de conta que, vivendo na época de Cristo, no povo e na terra de Israel, Jesús nos tivesse consultado previamente sobre os que deveria escolher para formar o seu reino e para ser o Salvador do mundo. Muito honrados com a consulta, teríamos dado conselhos segundo a sabedoria humana: "Toma pelo menos 2 dos sacerdotes do nosso povo, Senhor, eles são os mais poderosos; com eles irás longe. E não te esqueças do Ibraím;

dizem que é velhaco, mas é o homem mais rico da terra; com o dinheiro dele o que não farás! E escolhe um ou outro dos escribas; conhecem a lei e não há como eles para litígios e processos que podem vir. Não deixes também de ver algum amigo dos romanos; talvez não seja muito fanático pela lei de nossos pais, mas os romanos têm o poder político, e boas relações valem dinheiro. Não seria ruim que escolheesses também uma ou outra daquelas mulheres com muitos homens a seus pés; ninguém calcula a influência que possuem. Recruta ainda alguma gente rica de outras cidades; isto favorecerá a propaganda."

Nada disso fez Nosso Senhor. Escolheu 12 homens sem importância na sociedade, sem maior instrução, sem capital, de qualidades morais rudimentares. Cansou-se em elevar-lhes o entendimento, o espírito e o coração. Os resultados não foram grandes. Eles continuavam a disputar entre si, quem seria o maior e teria melhor colocação no futuro reino do Messias. Contudo, não eram máus. Passavam fome na companhia do Cristo, a ponto de às vezes terem que colher espigas de trigo no campo, para atender às reclamações enérgicas do estômago. De noite, quantas vezes tiveram que ir dormir sem ceia, ao relento, sem teto, sem cama nem cobertores. Eram fieis, portanto.

Aos poucos foram crescendo moralmente. Conseguiram companheiros: 72 discípulos. Mas veio uma catástrofe: quando Cristo, tão surpreendente às vezes no seu falar, um dia exigiu seriamente que, no futuro, comessem a carne e bebessem o sangue dele, os discípulos deixaram-no escandalizados. Ele, sem dar a menor atenuação à sua incrível exigência, perguntou apenas aos apóstolos que restavam: "Quereis ir também?" Oh, não se tivesse adiantado Pedro e falado: "Senhor, a quem haveríamos de ir? Tú és o Cristo, Filho do Deus vivo"...

quantos não teriam seguido os discípulos?... Era o prelúdio. Um dia Cristo seria preso. Um apóstolo o trairia, todos fugiriam, Pedro o negaria...

E foram estes mesmos apóstolos que, depois de iluminados pelo Espírito Santo, deixaram de receiar juízes, cárcere, flagelações e morte! Começaram pequeninos, acabaram heróis. Elevaram o nome de apóstolo à maior apoteose, à glória na terra e no céu. Mostraram a gregos e troianos que, sem Cristo, sem o Espírito Santo, nada eram; mas com Cristo, com o Espírito Santo, reformaram o mundo. Suportaram, por Deus e por nós, trabalhos, perseguições, deshonras, pobreza e morte. Não merecerão nada da nossa parte? Não merecerá nada aquela que, em verdade, é a rainha dos Apóstolos, seu modelo, sua inspiradora, sua consoladora?...

Eles conquistaram o mundo. E tú, meu irmão, já conquistaste pelo menos uma alma? uma só? A caridade cobre multidões de pecados. Salvando almas, salvarás a tua. Cristo por elas deu a vida; Maria SS. deu sacrifício semelhante; "Seu filho e tal Filho, — então suportais — cruel soledade, — bemdita sejais!" Olhai em redor de vós: sede apóstolos em casa, com a família, com os empregados, na oficina, no escritório, na fábrica, na repartição, no caminho, no bonde e no trem... Apóstolos menos por palavras; mais pelo exemplo, pela modestia cristã, pela firmeza de ferro onde for preciso.

O 12 da folhinha seja como um apelo contínuo e vibrante: *sê apóstolo!*



M A I O

13

Num hotel estão indicando a um hóspede recémchegado o quarto que ele previamente encomendara. — Este? Nem por nada! — Mas tem vista esplendida, é o mais arejado, um dos mais espaçosos. — Eu, ficar no número 13? Não sou louco, não!...

Dizem-me que esta cena, assim, não ocorre mais. Por uma razão bem simples. De há muito, os hoteleiros introduziram uma nova aritmética, em que o n. 13 foi suprimido. Deixou de existir na face da terra. O quarto visinho do 12 é o 14. Superstição? Sem dúvida. Seria divertido, e daria assunto para longas palestras, enumerarmos apenas as principais superstições que constituem o "credo" de tanta gente culta, moderna, bem mundana. Prefiro, porem, fazer outra cousa: falar do que não é superstição.

Não é superstição, por exemplo, a *realidade do demônio*. E eis subitamente mudadas as posições. Agora são os mundanos, os gozadores da vida, pessoas cultas num ou noutro terreno, que olham para nós, aterradas, como se fôssemos vítimas de imaginação, de credices supersticiosas. "Ao diabo, — diz um espirituoso escritor, — a gatinha não sente nunca, mesmo que já lhes segure a guela". O demônio não é nenhuma invenção para assustar crianças; é terrível realidade. Sem ele — antigo anjo do céu, rebelado e por isso transformado em demônio, — o mundo não seria o vale de lágrimas que

é; não teria havido sedução no paraíso, nem mil seduções na vida de cada um, através dos séculos.

Quer acreditem nele, quer não, a sua realidade é afirmada pela palavra de Deus; a sua ação consta das páginas da S. Escritura. E' inimigo meu, é vosso inimigo; inveja-nos a possibilidade de irmos para a felicidade eterna que ele perdeu e nunca mais terá. Tem ódio a Deus, e quer privá-lo de novos santos, quanto lhe fôr possível.

Que falta de logica dos homens: quem tem inimigo, acautela-se. O demônio é dos inimigos o pior, o mais potente; o de recursos mais efficientes e mais vastos; e os homens andam como se ele não existisse, como se dormisse, como se não tivesse o mais insaciavel rancor contra todos os que podem salvar-se.

Não é superstição tambem a *realidade do inferno*. Não agrada a ninguem pensar nele. Agrada, porem, muito ao demônio os homens não cogitarem de tal. O inferno não é para meia duzia de malvados: pode ser para mim, para tí... Ele não é argumento contra a infinita bondade de Deus, que faz mais pela salvação das almas, do que elas fazem por sí próprias, e mais do que todos nós juntos fazemos por outros. Mas se alguém, com sufficiente consciência, em uso de sua liberdade, se afastar de Deus, o provocar, o ultrajar e ofender, estará Deus obrigado a admitilo, assim mesmo, entre as almas puras do céu, na presença de sua Mãe? Isto não seria bondade, mas falta de equidade para com os bons, e fraqueza com os que mais se voltam contra Deus.

Não é superstição tampouco a *eternidade do inferno*. Sem ela, este não seria o que é. E-ter-no... Por mais que se pense, não se chega a esgotar o assunto. Seria terrivel o inferno de meia hora, de um dia; e insuportavel o de 1 mez, de um ano, de 10 e mais anos; mas isso de ser eterno é para enlouquecer! Sim, e faz-se tão

pouco para evitar esta maior das desgraças, evitá-la para si, para mulher e filhos, para os amigos, para a nação, para a humanidade!... Não há sacrifício que seja demasiado para prevenir tamanha desgraça!... Oh, que o n. 13 nos fale alto, bem alto, para evitarmos esse final desesperador!

Não é superstição a *realidade do céu*. Não dum céu nesta terra, onde amanhã lhe põem um fim; mas do céu criado por Deus para os seus eleitos. Que ridículo preferir-lhe as vertigens do cassino, a embriaguez do ouro e do poder! Tudo isso, dia virá em que aos nossos próprios olhos tudo isso não valerá mais nada! Nada! Pensem igualmente quanto quizerem: não esgotarão o assunto; o céu ultrapassa todos os sonhos e fantasias; é a satisfação plena, para sempre, de tudo quanto um coração humano pode aspirar, de tudo quanto um cérebro, o mais privilegiado embora, consiga excogitar. Quem o organizou, preparou e realizou, não foram forças humanas: foi a infinita sapiência de Deus, foi a sua ilimitada bondade, sua riqueza sem fim.

Não é superstição, emfim, a *nova organização da sociedade no céu*. Quem hoje é 100, amanhã poderá ser 10 ou 1; quem hoje é 0, de tão pobre, indigente e sofredor que é, pode vir a ser 100. Títulos deste mundo não têm valia no céu; lá só se estimam obras boas, esforços, heroismos, virtude cristã. Maria Santíssima, na terra, era pobre, teve que fugir, acampanhou o Filho no suplício, viu-o morrer na cruz. Como mudou sua posição! E' a Rainha do céu, a Mãe de Deus!...



M A I O

14

Se correremos os olhos pela nave da igreja, encontramos uma série de 14 quadros, comemorativa de certas fases da Paixão de Nosso Senhor, chamada VIA SACRA.

E' de justiça que ela ali esteja.

O que Nosso Senhor sofreu, foi por nós que o sofreu. Nós eramos os culpados; entretanto foi ele quem pagou por nós. Quem tiver um restinho de senso justiceiro, e possuir coração, nunca mais se esquecerá de que tudo deve a Jesus. Tudo: existência, corpo e alma, inteligência e saúde, pais e filhos e pátria e bens deste mundo, e, sobretudo, a liquidação duma dívida tão grande que, com todas as fortunas deste mundo, seria impossível pagar: a dívida do pecado, que Cristo chamou a si, entregando a vida para ver extinta a nossa culpa.

Isso de Via Sacra nas igrejas e capelas, nos mosteiros e em vias públicas, é cousa boa, ótima, mas não substitue o lugar, onde devem encontrar-se todas as 14 estações: o nosso coração.

Vou rezar a Via Sacra, dizemos nós. Talvez fosse mais exato dizer: vou *caminhá-la*. Em todo caso, quem primeiro a caminhou, foi Nosso Senhor. Terrível e assustadora realidade! E em toda a Via Crucis acampanhou-o sua SS. Mãe. Não havemos nós de fazer companhia a ambos?

Tudo nesta santa via se desenvolve num crescendo contínuo. As cenas são mais e mais dramáticas, culminando na morte de Jesus e seu enterro. Não há quem

não sinta esse agravamento de estação em estação, e por isso mesmo quero salientar que, se só existisse a primeira, seria suficiente para não a esquecermos nunca mais.

E' cousa que brada aos céus, a que se conta na 1.^a estação, e que tão frequentemente ouvimos repetir: *Cristo é condenado à morte*. O que? Não saltamos todos dos nosos lugares? Alguem condenado à morrer? E esse alguem é Cristo? Nosso Senhor? O Deus de tremenda Majestade? De certo não ouvimos bem! Ninguém pode ser tão insensato que provoque seu próprio Juiz, que o ofenda quanto alguem possa ser ofendido! Ninguém pode ser tão sem juizo que atente contra a vida do único médico que pode e que quer curá-lo!... Cristo condenado à morte... Que dizem os livros sagrados? que conta o quadro? Não se levantou o povo todo contra os gratuitos inimigos de Cristo? Não se reuniram, em dois tempos, os cegos, mudos, surdos, aleijados, leprosos, mortos, curados e resuscitados por Cristo? Não formaram ala em redor dele, para protegê-lo com o próprio corpo? Onde ficaram os 5.000 homens que, no deserto, presenciaram o aumento maravilhoso duns pãesinhos e peixinhos? Onde os milhares que lhe gritaram "Hosana!"? Onde os milhares que lhe ofereceram a corôa de rei?

Condenado a morte... Por quem? A maior autoridade do paiz declara-o inocente, repete que não encontra nele culpa alguma, e, assim mesmo, manda-o levar à morte? Mas isto é de se desesperar de toda e qualquer justiça humana!... Sem dúvida, Cristo o permitiu, porque o caso, embora com simples criaturas humanas, se repete na história, se renova em nossos dias!

Cristo condenado à morte... Quero ver os jornais, o que terão a contar sobre o caso aos leitores, quero ler os títulos garrafais que estigmatizam o crime, ouvir as

preleções dos professores e lentes catedráticos, acompanhar as discussões dos parlamentares, a ver o que dirão sobre esse inaudito atentado... Debalde. Os jornais nada dizem; os lentes tampouco. E' como se o fato não se tivesse dado, como se Cristo não tivesse vivido nunca, como se já nada valesse...

Condenado à morte... Onde ficam as legiões de anjos do céu? Não virão protegê-lo contra a demência dos homens? vingá-lo? Não virão os 9 côros de guerreiros celestes desbaratar todo o poder humano? todas as forças da terra? abalar, se necessário, todo o sistema solar? Onde ficam? Que fazem? Adoram, prostrados, a majestade divina do Filho de Deus, adoram-no quando este — conta-o a 2.^a estação — faz o inaudito que ninguém, ninguém podia esperar: aceita a condenação proferida por suas criaturas!...

Ele ouve os berros de satisfação dos invejosos, os uivos dos sedutores do povo, as provocações de sacerdotes e escribas, de fariseus e plebeus. Um gesto tranquilo, um simples ato de vontade, e ele, para todo o sempre, estaria livre. Não foge, todavia. Não se subtrai ao sofrimento. Estende os braços quando, perto, vê o pesado madeiro, no qual deverá morrer, de mãos pés e lado perfurados. Jesus aceita a condenação... Ninguém jamais descreverá condignamente esta ação divina! Ele começa a andar a Via Sacra. Quereis acampanhá-lo? com sua Santíssima Mãe? As 14 estações... gravai-as na alma. Ele o merece.



M A I O

15

No último dia da primeira quinzena do mês, é conveniente olharmos para trás, a ver o que fizemos, e reafirmarmos para a 2.^a quinzena as nossas intenções.

Quão pouco sabemos da vida de Nossa Senhora, Rainha do céu e Mãe de Deus! A Sagrada Escritura refere mais de outras pessoas, por exemplo de São Paulo, do que de Maria Santíssima. Mas que surpresa um dia, quando, na vida eterna, vímos desenrolar-se deante de nossos olhos, como no mais imponente filme sacro, a vida da criatura mais perfeita deste mundo!

Por ora a Igreja nos ajuda a pensar nela e a compreender-lhe melhor a grandeza única, dando-nos os 15 mistérios do rosário. 15 cenas. E' pouco, mas sempre encerram muito alimento para a alma, e sempre são capazes de elevar-nos acima de toda vulgaridade, até mesmo à perfeição.

O 1.^o desses mistérios deve ser, e é, particularmente importante, tanto que a Igreja nô-lo apresenta aos olhos 3 vezes ao dia, ao soar das Ave-Marias. "*E ele concebeu do Espírito Santo*". Exquisito: Nenhuma referencia à vida anterior da SS. Virgem. Sua importância parece começar com a data da Anunciação.

E' misteriosa a origem do homem. No paraíso Deus mesmo lhe formou o corpo, de barro da terra, inspirando-lhe, depois, a alma. Na criação de Eva fez novo corpo do de Adão. Para a existência de todos os demais seres

humanos tiveram que concorrer e concorreram, por vontade divina, homem e mulher. Só o caso da maternidade de Maria Santíssima foi diferente. E isso não por acaso. Séculos antes um dos profetas do povo eleito predissera que, uma única vez, quem haveria de transmitir a vida seria uma virgem, ela só, sem cooperação de outra criatura humana. Milagre? Para nós, sim; não para Deus. O Espírito Santo fez, dum modo maravilhoso que nos será revelado na eternidade, com que a Virgem concebesse sem cooperação de nenhum elemento humano.

"E concebeu do Espírito Santo"... como se diz tão laconicamente no "Angelus", no terço e em outras orações! E' o inaudito, o humanamente impossível e irrealizável que, entretanto, se fez. Uma criatura, aparentemente igual a mil outras moças, súbito é elevada acima de todo esse mundo, em uma comunicação indescritível com a 3.^a Pessoa da Santíssima Trindade. Só na terra tudo continua, como se nada houvesse. Os homens trabalham, correm atrás do dinheiro, ávidos de prazeres, satisfazem o estômago e não sei quantos caprichos, e ninguém cogita de que, desde a criação do mundo até este momento, jamais houve cousa maior do que uma virgem conceber do Divino Espírito Santo! Não sabem de nada. Tudo oculto. Tudo segredo entre Deus, os anjos e a Santíssima Virgem. Nem o próprio esposo legal de Maria sabe ou adivinha o que de grande se passa com a esposa.

Daquele momento em diante, a face da terra está mudada. Deus já tem que olhar com outros olhos para a Terra, pequenina e insignificante entre os demais astros, pois é nela, só nela, que começou a ter vida humana o seu filho Unigênito, Jesus Cristo. Os anjos, mais que nunca, agora estão interessados no que vai acontecer. Vêem essa vida incipiente, em forma humana, de seu Deus eternamente glorioso, vida às ocultas, vida ainda

nem percebida pelo pai legal, S. José. Cada gesto da Virgem-mãe lhes merece atenção, cada uma de suas palavras, cada uma das pulsações de seu coração sempre voltado para Deus.

Para usar de expressão humana, o centro de suas atenções está deslocado, ou antes, além do eterno centro no céu, há mais um agora em Nazaré, lugarejinho perdido neste pequenino planeta. Há fatos políticos no mundo? descobertas científicas? mudanças sociais? exploração de novas fontes de riqueza? Como desapareceu tudo isso diante do grande fato, realidade inebriantemente feliz: Deus se fez homem... já conta algumas horas de vida humana, 1 dia, 2 dias, 1 semana, um mês!... E os anjos olham para esses homens todos cegos, todos ignorantes que têm no seu meio alguém que vale mais do que o mundo. Quando é que eles começarão a tomar conhecimento do Verbo encarnado? a render homenagens a Cristo? a oferecer-lhe a vida? Ninguém advinha o que se está passando? o céu na terra?...

“E concebeu do Espírito Santo”... Só ela, Mãe por graça de Deus, salva a honra humana, abrindo exceção da conduta comum. Ela substitue a todos, adorando, como ninguém jamais o adorou, o Deus oculto em seu seio. Agradece-lhe, como ninguém jamais agradeceu; e pede como nunca ninguém pediu.

Vêde, como é profundo o 1.º mistério do rosário. Só o 1.º? Não. Todos os 15 se revelam ricos, estupidamente ricos a quem tiver olhos para ver e coração para sentir. Não vos esqueçais! Concebeu do Espírito Santo, e o fruto sagrado está no Tabernáculo. Milhares nada enxergam. Passam indiferentes diante da Grandeza oculta!... Seremos nós dos cegos? dos ingratos?...



M A I O

16

Na primeira das devoções do mês de Maria buscava eu alguém, de fora da igreja que, durante o dia recordasse o assunto da meditação ou prática do dia. Compreendi que poderia ser a folhinha, desde que eu soubesse ligar um assunto religioso com a data. Tentei fazê-lo.

Estamos agora no dia 16, inaugurando outra série de 16 dias do mês de Maria. Mas esse algarismo não se dignou lembrar-me cousa alguma que servisse. Impaciente insistí com a data e, súbito, os dois números trocaram de posição: do 16 se fez um solene e importante 61. Não precisava eu de mais nada...

Imaginem os meus ouvintes que eu, agricultor, cultivando um pomar, venda frutas a 16\$000 o cento. Dará trabalho, e a compensação não é grande cousa; mas talvez dê para viver. Consigo, porem, por caprichos do mercado, vender o mesmo cento já não por 16\$000, mas por 61\$000. E' outra cousa, agora. As despesas são as mesmas, mas multiplicam-se os lucros. Se isso continuar durante algum tempo, terei bons depósitos na Caixa Econômica. Já antevejo uma casinha minha, em terreno próprio, pois tudo isso, com uma receita 3 a 4 vezes maior do que antes, só será questão de tempo.

— Sonho, Sr. padre!, — dir-me-ão. — Nestes tempos bicudos só ladrão faz, de 16... 61\$000. Para gente honesta, os 16 podem até muito bem reduzir-se a 1\$600...

— Não é sonho, entretanto. Sei um meio, caros ouvintes, de transformar, de modo fácil e honesto, 16\$000 em 61\$000, com exclusão de qualquer risco.

— Ah! então diga-me, Sr. padre, quanto quer pela receita?

— Eu, nada. Pois não sou eu franciscano que, ao fazer profissão religiosa teve que desistir da herança paterna e de todos os bens? Dou a receita de graça.

— Obrigado! Mas então dê mesmo! Não me faça esperar!

— Bom sinal, a sua impaciência. Espero que fará constante uso do processo que vou ensinar-lhe já. A realidade é ainda mais grata, mais rica do que sua imaginação. Quer fazer logo uma experiência?

— Quero, mas vamos à cousa. Não tenho tempo a perder.

— Nem eu tampouco. Abra, pois, sua carteira, tire 16\$000 e... distribua-os entre necessitados, ou dê-os todinhos a um deles.

— E alguém me dará 61\$000?

— Se fosse só isso! O *alguem* prometeu dar muito mais, cem vezes mais, portanto 1:600\$000.

— Compreendo! O Sr. está levando tudo para o lado religioso.

— Por que não? O amigo é quem ganha com isso. E' pura verdade, que Cristo em pessoa prometeu dar 100 por um a quem pratica a caridade. "E todo o que deixar, por causa de meu nome, casa ou irmãos ou irmãs, pai ou mãe, mulher ou filhos, ou terras, receberá cento por um e possuirá a vida eterna!" (Mt. 19, 29). Trata-se aqui só de religiosos que trocam a casa paterna por um mosteiro? Não. E' a grande promessa feita por quem estava autorizado a prometer tanto a quem praticasse a caridade.

Caridade não é só dar esmolas. Esta é apenas um

de seus aspetos. Vêdes alguém aflito e lhe dirigís a palavra animadora — eis uma caridade que será recompensada na porcentagem de 100 por 1.

Encontrais um casal desunido, e o fazeis prudentemente voltar à harmonia doméstica... ah! como Deus o pagará!

Vêdes um lar prestes a ser dissolvido, a ruir por terra, preferindo ao saneamento a praga do divórcio;... falais a um e a outro, invocais a memória da mãe, do pai falecido, lembrais a gravidade do passo, o mandamento de Deus que não deixa impunemente brincar consigo, sujeitais-vos a inúmeras humilhações e dissabores, até serenar a atmoféra e conseguirdes a reconciliação com Deus e a mútua entre os dois. Felizes de vós! A vossa caridade cobrirá uma multidão de pecados. Obtereis 100 por 1.

Vosso bairro não possui igreja. Daí faltas à missa dominical, adiamento de batizados, de confissões e comunhões, uniões ilícitas, mortes sem Extrema-Unção. Lançais mão à obra. Custa sacrifícios ingentes, ingratições, suspeitas, invejas, mas um dia a igreja lá está, e todo o bem ali feito através de anos, decênios e talvez séculos, aumentará a vossa felicidade temporal e eterna.

Encontrais um analfabeto, daqueles muitos que vivem em palácios e ensinam nas Faculdades, escrevem nos jornais, dirigem grandes empresas, analfabetos em religião. Custa ensiná-lo, dispô-lo a uma vida interior, prepará-lo à confissão e à 1.^a Comunhão. Mas não desistís. E todo o bem que ele depois fizer e que outros por intermédio dele fizerem, vos será creditado eternamente.

61 por 16. E' pouco? Deus dá 100 vezes mais... e isso mesmo com a generosidade divina que não reconhece limites. Maria deu-lhe tudo quanto tinha, e Deus pagou com o infinito, o eterno. *Caridade, caridade!* E' o que a folhinha vos pede.



M A I O

17

A folhinha de hoje apresenta um desses números que não querem saber da longa série dos que lhes são inferiores e que, por isso, se arrogam o pomposo nome de *números primos*, divisíveis somente por si e pela unidade. Ele não mantém boas relações com nenhum dos outros. Querem dividi-lo por 2? Fica um resto. Por 3? Idem. O 4 não é mais bem sucedido, nem o 5 nem o 6. Quem sabe o 7, por causa da semelhança? Inútil, sobra resto. Com 8? Sobra ainda. O 9 duplicado ultrapassa o 17, e os seguintes servem muito menos. Assim fica o 17 merecidamente isolado. Que se arranje. Todos quantos o precedem não querem saber dele.

Não há gente assim? Muita até? Quem sabe se até não fazemos parte dela? Reparem aquele senhor casado que constantemente confunde seu papel de marido e pai, com o dum tiranete, se não com o dum tirano bem desenvolvido. Ái da mulher se o café da manhã não chegar justamente na hora em que ele entende de acordar ou de se levantar! Ái dela, se o não trouxer bem no ponto, nem quente demais nem de menos, temperado nem demais nem de menos!... ái dela se as peças de roupa não estiverem à mão!

Mas isso é apenas o começo. Se chovê, a culpa é da mulher. Se o sapato lhe aperta o pé, os de casa o pagam. A ladainha de queixas e de acusações iria muito mais longe que a de Todos os Santos, e não sem termos ofensivos, proferidos com voz muito mais forte do que

o canto na igreja. Os vizinhos já sabem tudo de cór. A mulher sente-se humilhada, chora, toma mil precauções, para evitar essas cenas. Em vão. Si o número 17 é intratável e carrancudo, o homem o é muito mais: é um tiranete para os subalternos, e um adúlador para os que lhe estão acima.

Nem sempre o caso é tão flagrante, mas um pouco do 17 todos talvez o tenhamos sem o saber. Deus nos fez tais que, desde o nascer precisássemos de outrem, para não morrermos. Há muito que somos adultos, mas somos nós mesmos que providenciamos diretamente ou fazemos tudo de que precisamos? Quem de vós fez' os sapatos com que anda? quem o papel, o lapis, a pena, a tinta com que escreve? quem cultivou a verdura e os cereais de que se nutre? quem criou o gado de cuja carne se alimenta? quem fabricou o tecido que traz ao corpo? quem edificou a casa em que mora? quem o bonde e o ônibus que o trouxe à igreja e o levará de volta para casa? quem guia esses veículos? quem lhes dá a electricidade ou o combustível para poderem levá-lo?

Começando-se a fazer tais perguntas, não se chega nunca ao fim; aprende-se, porem, a ser um pouco mais modesto. Acaso seria tudo? Quem nos dá o ar para o respirarmos? os olhos para nos vermos uns aos outros? os ouvidos, sem os quais já não sabemos passar? quem faz circular em noso corpo o sangue? quem nos deu esse prodigioso motor que é o coração? quem o limpa, concerta? que somos sem Deus? Nada, nada!

E levantar-nos-emos contra outros que temos em conta de inferiores? Por que andamos tantas vezes com 2 pedras na mão? À primeira palavrinha que não nos agrada, lá vai a primeira pedra! Mal esta chegou ao alvo, ou falhou o alvo, voa a segunda. Já nos curvamos para levantar outras do chão, embora nenhuma delas

melhore jamais a situação, nem resolva cousa alguma. O Filho da Santíssima Virgem, à qual prestamos nossa homenagem todo este mês, ensina outra receita: "Sêde mansos e humildes de coração!" E deu exemplo...

Ao invés de nos tornarmos inacessíveis como o 17, façamos com que todo mundo tenha prazer em tratar conosco; que fiquem contentes quando nos aproximamos. Sêde um raio de sol em casa, antes de tudo para a mulher, e esta para o marido. Sêde-o para os filhos; isto os prende mais e os faz seguirem melhor os vossos conselhos e desejos do que rancores e tiranias.

Sêde esse raio de sol no escritório, na fábrica, na casa de negócio, na repartição onde trabalhais ao lado de outros. Sereis, sem o notardes, apóstolos, e todos terão prazer em atender-vos. Sêde-o na rua, em viagem ou onde quer que vos encontreis com gente. Restabeleceis ou reabrireis, assim, um pedaço do paraíso, e não há quem não seja grato a quem o fizer estar por minutos, por meia hora, por um dia ou mais, no paraíso.

Custa, como todas as cousas boas custam. Achareis, porem, que Nossa Senhora nada tenha feito para elevar-se a tamanha perfeição? Basta dizer que ela é a *Mater dolorosa*, com 7 espadas atravessadas no coração.

Custa, sim. Mas tudo mudará à simples lembrança de que Deus está olhando para mim, e que Maria Santíssima me fita com seus santos olhos maternais!



M A I O

18

No ano dezoito depois de Cristo, quer dizer quando Jesus tinha 18 anos de idade, o procurador romano Valerius Gratus nomeou um sumo-sacerdote, chamado José, a quem se deu o sobrenome ou apelido de Caifás. Iniciando o seu cargo no ano 18, reinou 18 anos, sendo destituído em 36 pelo legado da Síria, Vitellius.

Sumo Sacerdote!... Que dignidade distinta! Era chamado também *príncipe dos sacerdotes* ou *sacerdote ungido*, por ser ungido com os santos óleos. Tinha, como os nossos bispos, vestes especiais. Por cima a túnica azul-marinho, caindo até os joelhos, com campainhas de ouro e pequeninas romãs nas cores litúrgicas; humeral (efod), cingulo, ao peito um caixilho com 12 divisões e 12 joias engastadas que traziam os nomes das 12 tribus de Israel; turbante precioso com a inscrição: "Santidade de Jahvê". Assim distinguido, o Sumo Sacerdote era obrigado a maior virtude e perfeição. Tinha a suprema direção do Templo, do pessoal do culto, dos ofícios divinos, dos holocaustos e era ele que, em casos especiais, devia consultar a Jahvê (Deus) sobre o que havia que se fazer.

Ao chegar Caifás a exercer seu alto cargo, Jesus tinha 18 anos. Vivia oculto, trabalhando na pequena oficina de seu pai legal. Caifás nunca teria ouvido falar dele? Não teria transpirado nada dos singulares acontecimentos que se deram no seu natal? da música do alto, do canto dos anjos? da vinça dos magos do Oriente? da

matança dos inocentes de Belem? da fuga do Menino procurado pelos algozes? O povo fala de cousas bem menos importantes. Em lugares pequenos, como eram Belém e Nazaré, fatos desses forçosamente eram comentados ainda muitos anos depois. Os pais contavam-nos aos filhos, deixando-os anciosos por conhecerem a família a que se referiam.

Jesus iniciou a vida pública quando Caifás era Sumo-Sacerdote havia já 12 anos. Impossível que não tivessem mantido o Sumo-Sacerdote ao par das cousas, da doutrina singular e inédita desse Nazareno; dos acontecimentos nas bodas de Caná; da cura de cegos, surdos, mudos, leprosos; da ressurreição inaudita de mortos, mortos de verdade... Não é de supôr que Caifás, naturalmente interessado em cousas assim, não tivesse aproveitado qualquer ocasião para conhecer Jesus de vista, para ouvi-lo, para — quem sabe — provocá-lo com a autoridade de seu cargo perante o povo crente.

Fosse como fosse, Caifás tivera ocasião de ouvir e de examinar a nova doutrina, devendo refutá-la, se fosse contra a revelação; e devendo abraçá-la, defender e difundí-la, se de acordo com ela.

Três anos passaram sem ser aproveitados pelo príncipe dos Sacerdotes, antes para dar-lhe a responsabilidade dos acontecimentos. Caifás, talvez receiando por sua posição, encheu-se de raiva e ódio contra Cristo. Pensou em eliminá-lo. Procurou um traidor. Este nunca falta. Judas se ofereceu por 30 dinheiros. E eis que vem a hora grave, decisiva, a de maior responsabilidade na vida de Caifás: ele ia presidir ao tribunal, ao qual Jesus devia responder.

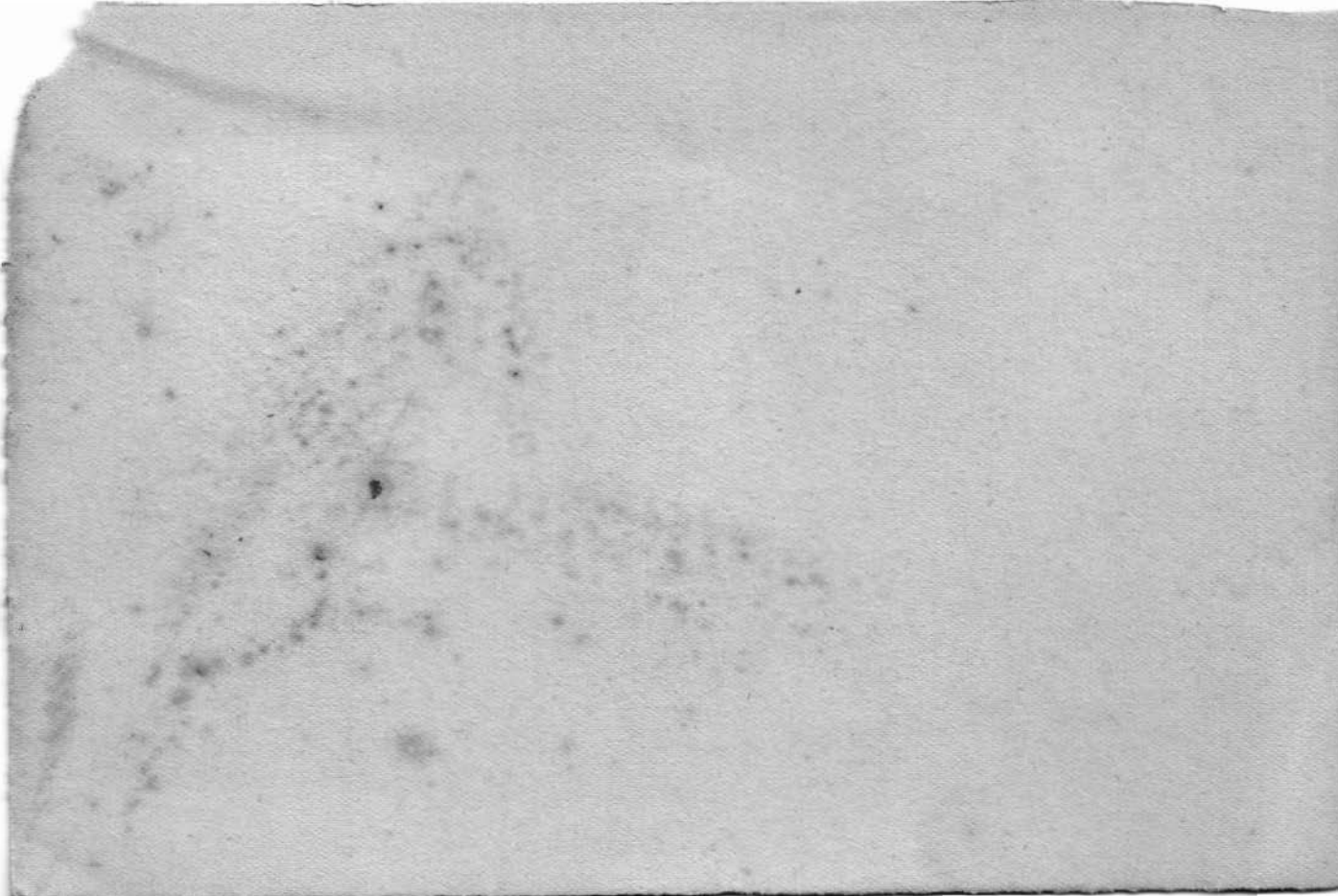
Que tribunal! Para eterna vergonha desses juizes presídidos por Caifás, a S. Escritura relata os fatos: "Os principes dos sacerdotes (entre eles Anás, sogro de Caifás) e todo o conselho — ouçam! — *buscavam* algum

falso testemunho contra Jesus, afim de o entregarem à morte". Isto é citação textual do documento contemporâneo, do evangelho de São Mateus, capítulo 26, versículo 59, nunca contestado pelos contemporaneos.

Inútil. Contradições das falsas testemunhas. Caifás cairá em si, declarando Jesus inocente? Não pensa nisto. Levanta-se e pergunta solene e capciosamente a única cousa que interessava saber: "Eu te conjuro pelo Deus vivo, que nos digas se és o Cristo, Filho de Deus!" Silêncio sepulcral. Responda Jesus como quizer, desta vez não sairá da armadilha. Jesus responde: "Tu o disseste" (é o nosso *sim*) e continua: "digo-vos porém, que vereis logo mais o Filho do Homem sentado à direita do poder de Deus, vindo das nuvens do céu!" Caíram em si? atemorisaram-se? — "E' réu de morte!", — foi a resposta dos obcecados.

Pilatos reconhece e proclama a inocencia de Jesus. Caifás insiste e faz o povo levantar-se, ameaçar, lembrar a denúncia ao Imperador. E Cristo é condenado à morte. Eis a obra dum Sumo-Sacerdote... Os próprios grandes, ainda hoje, podem cair. Quanto mais nós pequenos, menos distinguidos com luzes do alto. Que Deus e SS. Virgem nos preservem da cegueira!

Três anos mais tarde Caifás é deposto de seu cargo. Até o demônio lhe paga mal. Ter-se-á salvo? Não o sei. Mas o que sei é que temos bastante a fazer para nos salvarmos a nós mesmos.



M A I O

19

Aliaram-se, para marcar a data de hoje, o menor de todos os algarismos que existem, e o maior. Menor do que a unidade não há. O zero é negação, e só quando tiver outro algarismo à frente chega a valer. Maior do que o 9 também não existe. O ciclo então se repete, recorrendo a agrupamentos e composições. Que linda imagem, esse 1 e o 9 unidos! Como representam bem a união do *alfa* e do *oméga*, primeira e última letra do alfabeto grego. Imagem magnífica daquele que é o princípio e o fim: Deus!

Procurai quantos números quizerdes, os maiores que puderdes imaginar: não encontrareis um elemento novo sequer; é sempre a mesma série de 1 a 9, com inclusão, às vezes, do zero humano. Percorrei a terra, subí aos astros do firmamento, descei à mais insondável profundidade do oceano, nada encontrareis que não provenha desse 1, que não deva a sua existência a Deus.

Posso ignorar quem fez o soalho que pisamos, as paredes que limitam este espaço, o teto que nos protege, o altar que está à nossa frente, a imagem da Virgem que prende nossa atenção. Mas não me resta nenhuma dúvida de que alguém o tenha feito, que tudo aquilo não tenha caído um dia do céu, ou aparecido feito sem intervenção humana. Disso ninguém jamais duvidou. E duvidaríamos ao subirmos mais, ao perguntarmos pelas últimas causas? ao querermos saber quem fez o homem, a terra, o mar, o firmamento, o sol e os astros? quem os

poz em movimento, quem nele os mantêm? quem traçou a rota sempre seguida por todos eles? O coração humano, rebelde por natureza, pode ainda recusar-se a balbuciar "Deus"; pode negar-se a proclamá-lo alta e decididamente; mas a inteligência já responde: há um número 1, um princípio, uma causa de tudo: Deus. Tapar os olhos para não enxergar nada, não altera os fatos. Deus continúa do mesmo modo a ser o princípio e... o fim.

O fim. Haverá um fim? Para tudo quanto deve a existência a outrem, a continuidade depende deste. Pode prorogá-la, abreviá-la, concluí-la quando e como quiser. Deus fixou um prazo para a existência da terra que criou; ela reduzir-se-á um dia a cinzas; aliás para isso os homens de hoje tentam contribuir mais que nunca.

Só Deus não tem nem terá fim; é o ser absoluto. Façam os homens o que quiserem; guerreiem-no quanto sua cegueira o permitir: ele continuará vivendo... sempre, sempre, sempre. Depois do 9 vem o 10; é o 1 aumentado pelo próprio zero, o nada; vem o 11, formado de dois 1; o 12, e assim por diante, até às cifras astronômicas, sem que cérebros humanos possam estabelecer o máximo que se não ultrapasse.

Há, entretanto, quando falamos de *fim*, outro sentido: o da resposta à inquietadora pergunta: "Para que tudo isso? qual o alvo a conseguir? por que e para que vive o homem, trabalha, se cança, morre?" A sabedoria humana não consegue resposta satisfatória. A fé, sim. Ela nos diz: por causa do *alfa* e *omega*, do "1" e "9", do princípio e fim: Deus. Ele, um dia, satisfará todos os desejos do coração. Todos!

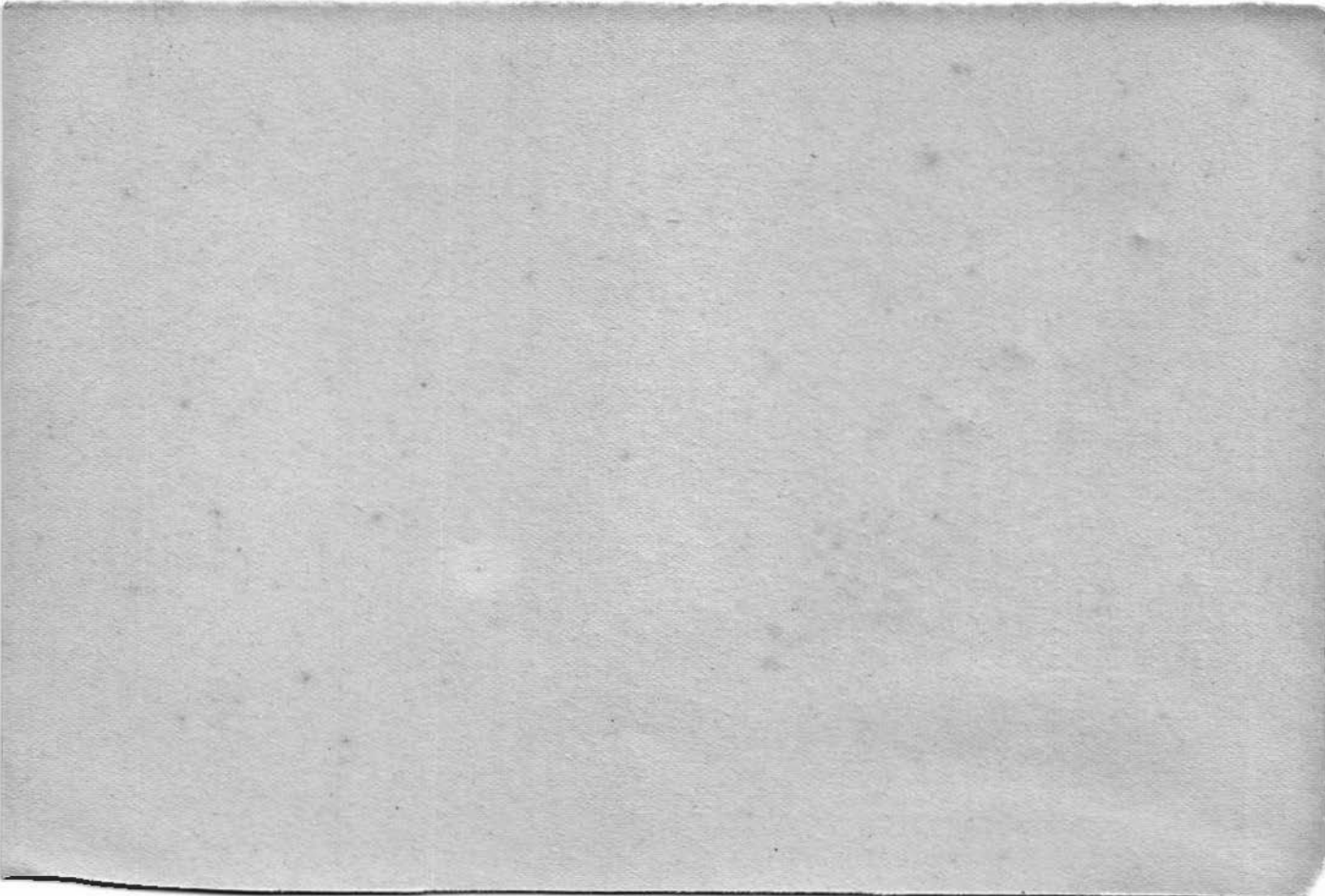
E' afirmação tão assustadoramente grande que o coração hesita em aceitá-la. Poderá ser assim? um dia descançarei? terei não só paz, mas felicidade interna e externa? não caberei em mim de tão contente? exclai-

marei meu júbilo com toda a força dos meus pulmões? pulmões de corpo ressuscitado que já não sofre, nem está sujeito a acidentes, doenças e morte? com minha família? meus amigos?...

Que belo sonho! — Alto lá, intervem a fé, não é sonho; é a realidade mais inebriante: todos os males se acabarão; todos os bens serão para os felizes do céu; a imensidade de Deus a encher o coração humano, a fazê-lo transbordar de ventura, de gozo, de tudo quanto possa imaginar de bom.

Deus, o 1, e Deus o 9. Algarismo simples este, que não tem outro acima de si. E' o único alvô que satisfaz o coração. Este, longe de Deus, não tem nem terá paz. Duvida-se d'isso? Os exemplos não saltam aos olhos, todos os dias? Não o sabemos por própria experiência? Curtos de juízo que somos! Tivessemos a inteligência, a compreensão da SS. Virgem, de há muito não seríamos quais borboletas a adejarem cá e lá, mas iríamos calmos, seguros, sempre para a frente, sem jamais nos deixarmos desviar por flores da terra.

E' a sabedoria dos Santos. Muitos sábios d'este mundo, letrados, professores, autoridades, donos de latifúndios e de indústrias, não o compreenderam. Mas muitas crianças puras, muitas velhinhas pobres, muitos homens modestos e firmes sabem-no e tiram as consequências. Felizes d'eles!



M A I O

20

Estamos no século 20... Visível satisfação transparece do orador, do articulista, do homem do povo, quando emprega esta expressão. Parece até que é mérito nosso, e muito nosso, este século ter chegado e nós vivermos nele. Na verdade somos tão inocentes disto

como os recém-nascidos.

Por que tanta ostentação? Evidentemente pela suposição de hoje ser tudo, ou quasi tudo melhor do que antes e de termos motivo para nos compadecermos da pobre gente que teve de viver em século anterior. Aparentam-se progressos indiscutíveis e julga-se a questão liquidada. Não é bem assim. A arquitetura moderna, com suas ciclópicas construções não se atreve a dizer que está essencialmente acima das esfinges e das pirâmides, para nem mencionar as catedrais da Idade Média; a escultura conserva até hoje certas estátuas gregas, de Venus, de Apolo, como verdadeiros ideais; a pintura admira ainda esses retratos perfeitos que nos vieram dos sarcófagos do Egito e que constituem grandes preciosidades dos museus; os fabricantes de vitrais lamentam ter-se perdido a fórmula antiga de certas tintas.

Desejaria eu saber quem, em ciência, excede um Aristóteles, um Santo Agostinho, um Santo Tomás de Aquino... Mas, para que enumerar tantos terrenos de atividade humana, quando esta, afinal, não é a questão? E' justo que se deseje real e grande progresso e se cola-

bore nisso. Mas não deixa de ser necessário definir bem, onde deve haver o maior progresso.

E' verdade que Deus em pessoa autorizou os homens a dominarem a terra, dando-lhes até ordem neste sentido. Contudo, será esta a primeira e última das missões do homem? Realizada esta, não restará nenhuma outra? Assim seria, se tal fosse a ordem divina. O caso, entretanto, é muito diferente. A Igreja, posta por Deus para nos instruir, guiar e auxiliar, esboça com muita nitidez a nossa missão, na qual deve haver o maior progresso: "Estamos na terra, para conhecer a Deus, amar e servi-lo e, assim, sermos felizes eternamente."

Que definição diferente de tudo quanto se ensina nas escolas, pela imprensa, ao rádio e na vida quotidiana! Nenhuma palavra do papel importante da ciência, nenhuma referência à política, à necessidade de autarquia, de vias de comunicação, de belas artes, de higiene, nem mesmo do aumento da natalidade. Só isto: Conhecer a Deus, amá-lo, servi-lo!...

Poderá ser contestada a definição? Nem em sonho. E' o que há de autêntico, de obrigatório para todo mundo, rico ou pobre, culto ou não. Deverá, então, prevalecer sobre tudo mais? Deve. Não há a menor dúvida, por menos que isto agrade a Sicrano ou Beltrano.

Orgulhosos do século 20 (sem mérito nosso, aliás), cumpre-nos examinar se existe esse progresso definido pela Igreja; se o nosso século, melhor que os passados, conhece a Deus, o ama e serve. Apareçam os defensores do século 20 e venham dizer que hoje, nesse sentido, tudo é melhor...

Na antiguidade ofereciam-se sacrifícios aos deuses. Fazem-no hoje ao Deus uno e trino? Conforme uma informação da revistinha POR CRISTO, registravam-se, há 4 anos atrás, cerca de 7 milhões (note-se que todo o Rio de Janeiro tem 2 milhões)... 7 milhões de

atêus organizados; organizados para arrancar dos corações a fé em Deus!... Progresso? Nunca dantes se viu tamanha aberração, nunca regresso igual!

Somos mais penitentes hoje? A mesma revistinha referia, há tempos, as severas penitências públicas dos cristãos de séculos passados, por faltas que hoje pululam.

Somos mais humildes? Que respondam as caçadas a títulos e dignidades; até os saltos altos dos sapatos, para fazer sobressair; a imitação das modas, para não ficar atrás de Fulana e Sicrana; o levantar da vós, para não ser sobrepujado...

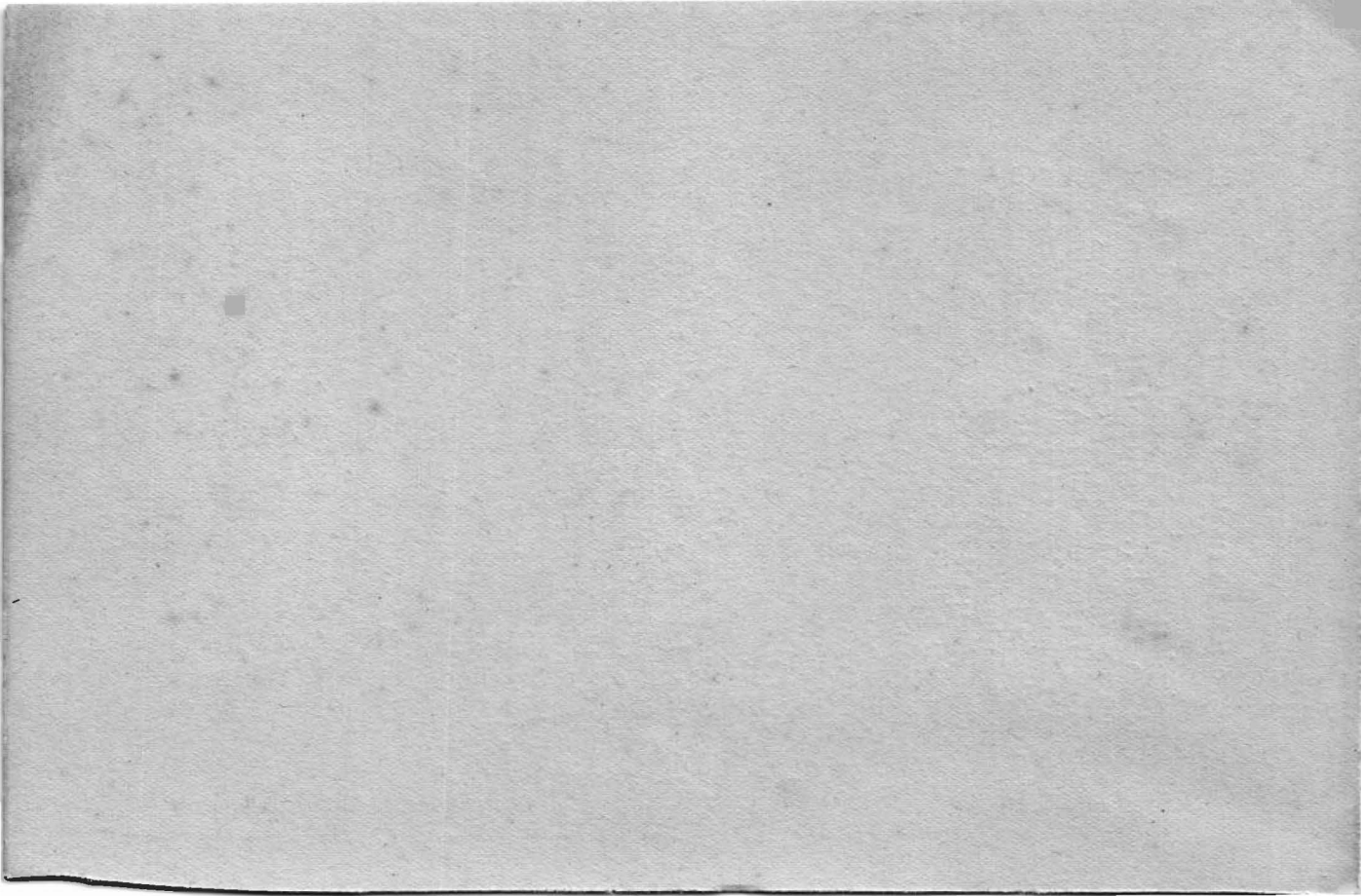
Somos mais castos e puros? Digam-no as praias, os cassinos, os cinemas, as modas!

Fazemos mais caridade? Não sei se os chás dançantes e as festas de caridade aguentarão a prova. Em todo caso, o século das máquinas tem deveres dobrados para com os que privou do trabalho e do pão.

Há mais fidelidade conjugal, hoje? E os divórcios... e o "casamento" com divorciada ou com divorciado?... e o maltusianismo?...

Somos mais mansos e pacíficos? Olhai para os campos de concentração; lêde a resposta nos comunicados de guerra!

Não podemos corrigir meio mundo, mas temos que emendar o nosso eu. Séculos inteiros nos envergonham. Cruzaremos então os braços?...



M A I O

21

Enquanto pequenina, a criança é dos pais. Não conhece nem estima senão a e les, os irmãosinhos e os de casa. Cresce. E vai sentindo-se mais estreitamente ligada a pai e mãe. Estes, por sua vês, exercem com prazer tanto os direitos como os deveres que a paternidade lhes acarreta. O filho é seu, a filha sua. Querem tanto que se enternecem ao simples pensamento de uma possível separação. Retardam o mais possível a hora, que venha pôr termo à mútua convivência.

Esta hora, entretanto, geralmente vem. Todos sabem: a vida... a necessidade de ganhar o pão, dispersam o idílio familiar. Também a carreira que se escolhe, o casamento, a vida religiosa... Quem sabe se a abraçam até contra a vontade dos pais, a quem o filho ou a filha lembram, lacônicamente: "Sou maior de idade; tenho 21 anos!" Oh! este 21 que é o pavor de tantos pais! De fato não deixa de ser triste para eles, ver como os filhos, dantes inteiramente seus, passam a cogitar mais de sí mesmos, e quiçá de mais alguém que escolheram para companheiro do resto da vida. Oxalá sintam esses pais pelo menos a satisfação de terem educação os filhos de modo tal, que estes jamais possam esquecer a casa paterna e o coração do pai e da mãe!

Na verdade, nem aos 21 anos os filhos ficam dispensados do respeito e do amor aos pais. Apenas a obediência devida a eles se reveste duma forma de respeito e amor ainda maiores, sem prejuizo da liberdade de esco-

lher o próprio estado de vida. E' de justiça, de necessidade e de obrigação que nesta escolha os pais falem com franqueza aos filhos; que lhes manifestem o que, na pessoa do noivo ou da noiva, lhes cause apreensões acerca da felicidade de seu filho ou de sua filha. E ainda em se tratando de vocação religiosa é justo que a sujeitem a provas razoáveis. Não é justo, porem, que tolham a liberdade dos filhos. Porque, afinal, são estes, e não eles, os que se fazem frades e freiras, os que vão casar-se com Fulano ou com Sicrana. A estes é, pois, que cabe a última palavra. Se a escolha lhes parecer mal feita, procurem convencer, nunca impôr. Não cavem nem alarguem abismos entre sí e os filhos. Com bons modos sempre se consegue mais do que com imposições e exigências.

Por sua vês os filhos lembrem-se do capital incalculavel que devem a seus pais, capital em dinheiro, capital maior em cuidados, vigílias e amor; capital de que para sempre os filhos são devedores. Pode acontecer aos pais verem desmoronar-se, com a escolha dos filhos, todos os castelos sonhados. Não agravem os filhos a situação. Pacientem com prudência e dêem prazerosos o primeiro passo para nova e bemfazeja harmonia.

A legislação civil costuma assinalar os 21 anos de idade para transmissão autônoma dos direitos da maioridade. Haverá cousa semelhante na santa Igreja? Há, mas nela a concessão da maioridade não depende de anos, como também não se processa automaticamente. Ela depende dum ato que confere força espiritual maior, capaz de colocar alguém sobre seus próprios pés de tal sorte que, vencendo as tentações, seja fiel a seu Deus a despeito de todos os perigos. Não é um simples sacerdote o que confere esta maioridade. E' um bispo, paramentado com as vestes e insígnias de seu poder apostólico. Os termos, porem, com que se declara a maioridade,

não é ele que os escolhe, mas foi o Filho de Deus, Jesus Cristo, que para tanto instituiu um Sacramento especial, o da *Confirmação*.

Recebendo-o com a devida disposição, o confirmando pode esperar deste sacramento efeitos semelhantes aos que se viram nos apóstolos, quando sobre eles desceu o Espírito Santo. O caso dos Apóstolos foi simplesmente estupendo. Um formidável ribombo ecoou por toda a cidade de Jerusalem, no momento em que se deu a vinda da 3.^a Pessoa da SS. Trindade. Linguas de fogo apareceram nos ares, descendo lentamente sobre a cabeça de Nossa Senhora e dos Apóstolos, há longos dias reunidos em oração. Sentiram-se eles incendiados? Sim, espiritualmente. Queimada e consumida a antiga incredulidade, a lerdeza de compreensão, a timidez em agir, a fraqueza de cair e fugir, a incapacidade de empolgar as massas pela palavra e pelos milagres. Era a hora do nascimento da Igreja, a hora que transformaria os apóstolos em taunaturgos, em vencedores, em mártires.

Houve alguma cousa assim, convosco, quando fostes crismados? Não? E' que os apóstolos, antes de Pentecostes, fizeram o 1.^o retiro, a 1.^a novena, em companhia da SS. Virgem; e vós, o que fizestes? Vêde que ao menos os vossos filhos, os vossos empregados, quando fôr para se crismarem, se preparem como os apóstolos: com um recolhimento sério, com confissão e comunhão, com orações mais fervorosas que de costume. E vereis os efeitos.

Não foi assim que fizestes na vossa própria confirmação? Se não, aproveitai a próxima festa do Divino Espírito Santo, para fazerdes o que outróra omitistes: uma preparação condigna, afim de que ele vos dê o que vos quiz ter dado, e vós não aceitastes...



MAIO

22

Que pensaram os meus ouvintes, ao verem a folhinha de hoje? Eu me lembrei dos colégios, onde este número tem certa influência. Duas vezes o mesmo algarismo. Duas a duas vão as meninas; em colunas de 2 os rapazes. Até na vida dos grandes há disso. São

duas as alas nas procissões, nas comunidades religiosas vai-se, 2 a 2, à igreja, à mesa da Comunhão. E' a título de ordem e de disciplina que assim se procede.

Ordem? Que temos nós com a ordem? Podemos dispensá-la...

Não o podemos. Sem ordem, não há vida calma, segura, feliz. Daí a legislação que nunca mais acaba, e que se refere a tudo, regulando tudo. Leis da ordem. Leis, por exemplo, da propriedade: Esta casa é de Fulano; não posso invadí-la sem sua licença, muito menos, reclamá-la para mim. Em compensação, Fulano respeita a minha casa. O próprio governo cria e mantém polícia, para me garantir esse direito.

Dois a dois é geralmente a ordem em que a gente passa neste mundo. Um casal, e mais um e mais outro, assim por diante: sempre 2 que caminham juntos. Nunca deve ser um e duas, ou uma e dois. Até à morte cada qual tem que andar com o par que um dia escolheu. Só se um dos dois morrer, poderá o sobrevivente ver como o substitua, nunca, porem, antes, por menos que os gênios combinem. Dois a dois aqui, acolá, por toda parte! Saltar fora desta linha pode não ter graves con-

sequências aos olhos de outros, talvês igualmente culpados, mas tem gravíssimas na eternidade. No caminho para o céu, conforme o ensinou Jesus, o parceiro há de ser aquele que uma vês se escolheu, e nenhum outro, ainda que se tenha feito nova escolha em Montevidéu, e ainda que Sicranos e Beltranos façam o mesmo, e ainda que se chame "chique" a diabólica moda de casar com divorciado. 2 a 2, nunca um a duas, ou uma a dois.

E' duro? Talvês, mas é a ordem estabelecida por quem tem poder para tanto, e por quem não admite outra ordem. E' duro? Mas quem deü a lei estabelecendo a ordem da identidade do parceiro para toda a vida, esse mesmo oferece meios para que cada um se dê com sua escolha, e se componha com uma vida de relativa paz e felicidade. Nesse ponto Deus não prescinde da cooperação humana. Pelo contrário, quer que nenhum dos dois se exponha a tentações e facilitações que trazem forçosamente a frieza, o afastamento, e aproximações criminosas. A visita, e peor, a frequência ao cassino, põe em perigo a estabilidade do par, do lar, o futuro dos filhos, e tudo: a vida na terra e na eternidade. E ainda vão? por curiosidade? para atender ao pedido dum amigo que quer ver e conhecer? gôsto assás duvidoso, ignorância, ou ingenuidade, a do tal "amigo" que aparece com semelhante proposta!

2 a 2 como numa procissão. Ela vê outros homens; estes outras mulheres. Que seja! Mas não olvidem que já estão ligados por toda a vida; que não há legislação deste mundo que, aos olhos de Deus, justifique o abandono do companheiro de vida e a busca dum outro. Se ele ou ela é insuportavel, não se insista em recriminações estéreis; antes dê-se o exemplo de como deve ser. E' desta forma que, com o tempo, impressionam e corrigem,

Esta dualidade se verifica ainda noutro terreno. Muitas vezes a sorte da gente depende de se estar ou não sósinho. A criança não dispensa os cuidados duma mãe, nem o batizado os do sacerdote. Quando minha alma estiver manchada por alguma culpa, não tenho outro remédio senão recorrer a outrem, a um confessor, para desfazer o mal e restabelecer a ordem anterior. Ou acha alguém poder confessar-se a Deus, dispensando o padre? Deus não o aceita. Ele, o ofendido, é que estabelece a ordem do perdão; e ordena que o pecador se humilhe perante o representante de Deus, e que o padre, então, perdoe ao arrependido.

Dois a dois também na hora da morte. Os bichos, sim, vão morrer longe, sósinhos, porque não têm alma a perder ou salvar. O homem, porém, precisa de quem lhe ajude a salvar a alma, tem necessidade do sacerdote que mais uma vez o absolva dos pecados, o alimente com o Santo Viático e lhe franqueie o céu com os Santos Oleos. Muito máu serviço prestam os filhos e parentes que, a pretexto de não assustar o doente, protelam a chamada do padre até que o moribundo já não fale e mal reconheça as pessoas.

Cristo enviou dois a dois os seus apóstolos a pregar o evangelho a todo o mundo. Poderia ter feito doutro modo, por exemplo, mandando que toda gente aprendesse a ler, e estudasse depois a doutrina. Não o quis, porém. Ora, se ele manda os apóstolos pregarem, manda também que o mundo os ouça. Por isso, fugir da doutrina e da pregação, alegando ser superfluo, é cousa que certamente não corresponde à vontade expressa de Deus.

Não procedia assim Nossa Senhora. S. Lucas conta que ela guardava em seu coração todas as palavras saídas da boca de Jesus,



MAIO

23

Estamos a 23 de Maio. Se entre os dois algarismos passarmos um traço vertical ou obliquo, deixa-se de ler 23, para ler "2/3". Embora extremamente reduzida, esta fração adquiriu há poucos anos notavel influencia na sociedade, em particular nas empresas comerciais e industriais. E' que uma lei do Governo ordenou, fossem occupados 2/3 dos lugares de empregados, funcionários, etc., por filhos do país, podendo ser admitidos estrangeiros para o restante terço.

A lei teve grande repercussão na organização de muitas empresas e na vida de muitas famílias. Aquelas, com pessoal especializado, tiveram que vencer não poucas dificuldades. Das famílias, umas se alegraram, por ter chegado oportunidade de emprego; outras choraram, porque o chefe ou outra pessoa perdeu a colocação, sendo mais difficil, com a nova lei, encontrar outra.

Não discuto a lei, cuja base evidentemente é justa. Permitto-me apenas tirar algumas deduções.

Não temos nenhum mérito em sermos filhos deste país, porque para isso não concorremos nem um pouco. Foi a Providencia divina que assim o dispôs. Mérito teremos em sendo *bons* brasileiros, que honram o país, que contribuem para o seu progresso, que prestam serviços reais aos conterrâneos.

No terreno espirital não ha outra coisa. Não temos mérito algum em termos nascido católicos. Não fosse a Providência de Deus, seríamos hoje pagãos, judeus, pro-

testantes, maometanos, talvez mesmo atêus. Teremos, porém, mérito, e grande mérito, se formos *bons* católicos, se chamarmos e trouxermos outros para o grêmio da Santa Igreja, se salvarmos não só a nossa alma, mas ainda a de outros, de muitos.

Resta-nos, antes de tudo, saber se estimamos a nossa filiação católica, se a consideramos a maior felicidade deste mundo.

Jamais me esqueci duma pequenina ocorrência, havida há dezenas de anos, numa visita a Alemanha. Foi-me apresentada uma senhora. Vendo-me sacerdote católico, disse-me com impressionante orgulho: "Sou israelita!" Temos nós o mesmo orgulho, que no nosso caso seria santo orgulho, de confessar, na fábrica, em reuniões, em meios hostis à religião: "Sou católico. católico para todos os efeitos!"?

Motivos de satisfação e de ufania não nos faltam. Como o Governo protege particularmente os filhos do país, Deus protege de maneira extraordinária os católicos, dando-lhes curas d'almas, 7 sacramentos, o sacrificio da Missa e uma aluvião de graças a qualquer hora e minuto.

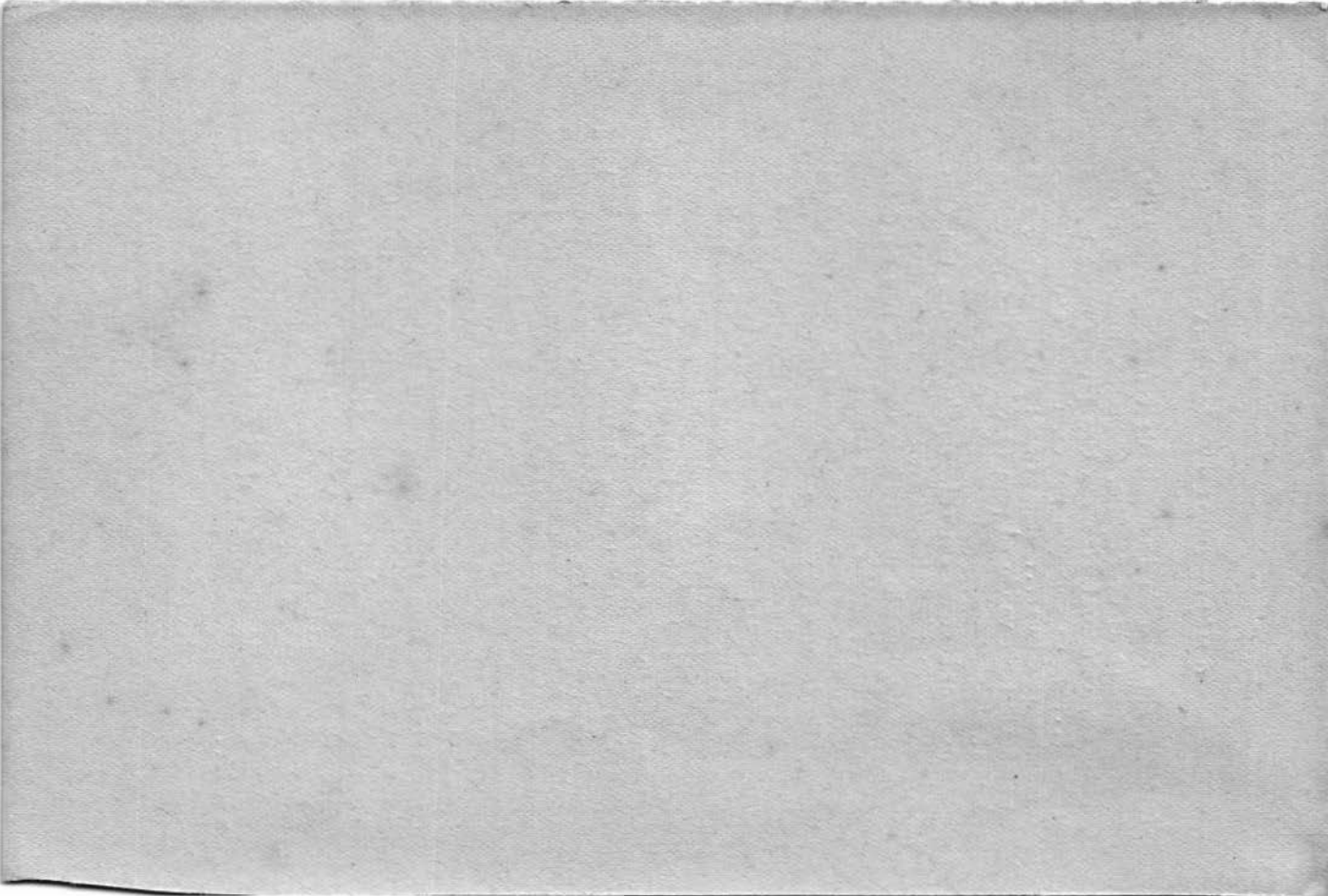
A lei do país reclama 2/3 dos lugares para brasileiros. Deus conta de outro modo. Sem excluir pagãos e não-católicos bem intencionados, quer que cada um de seus filhos tenha um lugar certo no céu. Não o faz depender de vagas. Criou tantos lugares que dêem para todos os católicos e para todos os não-católicos de boa vontade.

A lei dos 2/3 de empregados nacionais é, entre outras cousas, expressão de solidariedade brasileira. Não há também uma solidariedade católica? Ao menos no princípio do cristianismo ela existiu. Diziam os pagãos, admirados: "Vejam como eles, cristãos, se amam!" Não existe mais tal solidariedade? Não nos mereceriam pre-

ferência, em caso de igualdade de condições, operários, empregados, casas de negócio, empresas, médicos, advogados, etc. católicos? Não são eles propriamente nossos irmãos?... E os católicos pobres, órfãos e demais necessitados católicos?... Esta frase: "Vejam como eles se amam!" teria valido só para os cristãos dos primeiros séculos?

No Brasil, como em outros países, houve um chamado "Socorro aos católicos refugiados". Seu fundador, alma de elite, modelo de atividade católica, não só dedicou à obra grande parte do seu tempo e de seu repouso, mas até, quando falharam os auxílios prometidos, deu da própria fortuna dezenas e dezenas de contos de réis, afim de proporcionar aos refugiados um teto, roupa e comida, enquanto não ganhassem por si. Esgotados todos os recursos, pediu dinheiro emprestado, ficando como fiador. Quando os compromissos ultrapassavam por muito de 100 contos de réis, como todos os apelos fossem em vão, teve que fechar as portas, dissolvendo o pessoal. Chegam, entretanto, novos refugiados, sem meios, e os antigos ainda não desaprenderam a comer, vestir-se e abrigar-se sob um teto. Chegam a um país católico praticante da solidariedade civil, brasileira, mas não o suficiente da católica. Um antigo auxiliar da obra, austríaco, pobre, contou-me há dias a situação desesperadora: "Todos querem comer e não há nada. Eu já não compro sapatos nem roupa de que necessito. Almôço e janto em restaurante chinês, por ser mais barato; dou o que tenho, mas não é nada. Hoje é uma felicidade um refugiado poder dizer: "Sou judeu", pois esses encontram quem os ajude". Palavras que ferem como azorrague.

E a solidariedade católica? E a história do samaritano?...



M A I O

24

Ingressando, menino, no colégio seráfico para ser franciscano, vi muita novidade surpreendente. Uma delas foi o grande relógio dum corredor, que trazia, na parede, bem legíveis estas palavras:

Destas vinte e quatro horas — Uma põe-te o termo à vida! — Vive puro, pois, e santo, — Digno de tua Mãe querida!

Esta mesma lição das 24 horas vi repetida mais tarde em muitos conventos da Ordem, e penso que ela não caíha mal em parte alguma do mundo.

Puxamos do relógio tantas vezes ao dia, ou consultamo-lo na pulseira. Não sei se o fazemos sempre, ou ao menos muitas vezes, atentando na fugacidade do tempo, no seu valor, na sua brevíssima duração. Se assim fosse, a consulta do cronômetro se transformaria em benefício para o corpo e para a alma, e até para a família e para o Estado.

O tempo pode tornar-se terrivelmente longo: quando dóe a cabeça, uma ferida, um dente; quando arde uma queimadura; quando se espera decisão imediata e decisiva para a vida; quando se aguarda a chegada dum trem ou dum avião, cuja demora inspira as mais graves apreensões; numa noite de insônia, quando se sente dôr contínua, difícil de suportar. Um minuto do martírio de São Lourenço na grelha, de Santo Inácio nas garras do leão, de Santa Apolônia ao serem-lhe triturados os

dentes, do martir espanhol São Vicente, a quem despedaçaram os ombros, os lados e o peito — entre dores tamanhas um minuto deve ter parecido feito de intermináveis 60 segundos. E um minuto pendurado na cruz, dez minutos, meia hora, enquanto se alargam as aberturas dos pregos nas mãos e nos pés; uma hora inteira, mais uma hora e ainda outra... oh! essas três horas de Nosso Senhor no Gólgota jamais haverá quem as descreva como de fato foram!...

Entretanto, esse mesmo tempo às vezes vagaroso, cujos minutos se esticam que se afiguram eternidade, em outras ocasiões parece inteiramente transmutado. Não corre, vôa; tem pressa, é um tiquetaque a galope. Peor, ele foge quando menos se percebe. Todas as manhãs levantamo-nos envelhecidos sete horas e tanto, sem que durante esse tempo tenhamos tido consciência da disparada vertiginosa das horas, sem que tenhamos trabalhado, estudado, gozado, progredido num ou noutro ramo; apenas dormimos, refazendo as forças, sim, mas sem olharmos para os nossos negócios, por mais urgentes que fossem.

Quando experimentamos uma dessas horas que se chamam felizes, não parece ela mais breve que as demais? Antes que se tenha bem saboreado, lá o tempo se foi, para nunca mais voltar.

No entanto, essas horas e suas divisões de minutos e segundos são o que há de precioso. A penada dum industrial, capitalista, ministro, chefe de secção, que se dá em segundos, pode significar para o pão de cada dia, o emprego longamente aspirado, o contrato que salva a situação.

Um traço de pena que damos em 5 ou 10 segundos, pode comprometer-nos para toda a vida, onerar-nos de dívidas, ligar-nos a outra pessoa indissolúvelmente. Um

sim, um não, proferido em menos dum segundo, pode dar outro rumo a toda a nossa vida e à vida de outrem; rumo bom, ou então rumo que nunca se poderá deplorar bastante.

Por que, então, nos agarramos às cousas deste mundo, quando o tempo influe direta e essencialmente sobre o nosso futuro eterno? "*Destas 24 horas — Uma põe-te o termo à vida! — Vive puro, pois, e santo, — Digno de tua Mãe querida!*" — Um criminoso caído nas mãos da justiça que expia na cruz os seus malefícios, na última hora da vida olha para Jesus igualmente crucificado e pede-lhe: "Lembra-te de mim, Senhor, quando entrares no teu reino!" Tal pedido, pronunciado em menos dum minuto, produziu mudanças radicais: apagou as culpas do celerado; restituiu-lhe a pureza dalma; transformou-o, pelo arrependimento, de facinora em santo; e fê-lo chegar, no mesmo dia, com Nosso Senhor ao paraizo.

Um outro criminoso seguiu caminho diferente. Traira o Mestre, mas, em vês de lançar-se-lhe aos pés e pedir perdão, foi comprar uma corda e enforcou-se. Assim morreu um apóstolo, Judas Iscariotes...

Seguiremos a este ou àquele? Ou a nenhum dos dois? Receio que não falem culpas em nossa vida. A questão é, pois, apagá-las em vês de agravá-las. Não nos faltam meios para tanto, mas ignoramos por quante tempo ainda nos será dado dispôr deles. "*Destas 24 horas — Uma põe-te um termo à vida. — Vive puro, pois, e santo, — Digno de tua Mãe querida!*" Aproveitemos. Seguro, dizem, morreu de velho. Antes hoje do que no incerto amanhã. — Um dia hão de parar, para nós, todos os relógios. Não baterão mais nem moverão para a frente seus ponteiro. Não haverá mais nascer nem pôr de sol. Pára o tempo, e não haverá mais que

contá-lo ou medi-lo. Terá então chegado a eternidade... imensamente feliz, ou indizivelmente terrível.

Os santos aproveitaram seu tempo. Alguns o tiveram efêmero, e realizaram muito. E posto que todos o aproveitassem, nenhum o fez como a SS. Virgem. Só nos ficaríamos inativos?

MAIO

25

Numa das igrejas paroquiais da capital, trabalha-se ativamente. Mãos habéis transformam o altar de Nossa Senhora em mar de flores. No côro um grupo de cantores faz o último ensaio para a manhã seguinte. O vigário continúa na sacristia; quer estar só, para se preparar para a alocação que terá que fazer. E' que no dia seguinte se festejarão as bodas de prata dum bemfeitor da igreja, 25 anos de casados... 25 anos são muitos anos. Nem todos chegam a ver tantos... Dai a satisfação dos filhos e dos amigos, e a resolução de iniciar as comemorações com uma Missa em ação de graças.

Seria só de casamento que se festejam 25 anos? Não. O professor universitário, aos 25 anos de sua nomeação, encontrará a sua cátedra coberta de flores, os colegas prontos para abraçá-lo, os alunos todos a postos para apresentar-lhe os parabens. No comércio, na indústria, no funcionalismo público, em toda parte, o 25º aniversário provoca manifestações de apoio, apreço, gratidão, solidariedade. Digam-no os próprios padres, o que há, quando completam 25 anos de sacerdócio.

25 anos é muito na curta vida do homem. Há que somar muitos minutos, muitas horas, muitos dias, semanas, meses, e anos, para perfazer o total do jubileu de prata. A bondade dos amigos então sempre encontra belas cousas que enumerar. Podem os 25 anos de casamento ter sido antes uma guerra do que uma trégua ou paz de 25 anos; não importa. Esquecem-se os males e

sublinha-se o que houve de bom. Não é assim também em todos os outros casos? Pode ser até que os 25 anos tenham sido realmente de grandes obras, trabalhos, dedicações e méritos. Neste caso, feliz do jubiléio. *Opera enim sequuntur illos*, suas obras os acompanham.

Para onde? Oh! para aquele mundo, onde não recebem nem admitem nosso dinheiro, venha ele em dólares, marcos ou libras, em francos, florins ou milréis; para a eternidade. Causa singular nesta terra: morre um rico, e lá fica para os herdeiros, legítimos ou não, necessários ou desnecessários, ou mesmo para o Estado, tudo quanto possuía e de que não queria abrir mão em vida. Não leva nada consigo, nem livro de cheques, nem a carteira, nem a pasta de apólices e documentos e de títulos, nem mesmo uns poucos ternos, calçados, nem o mais indispensável para trocar. Possuiu talvez automóveis, mas já são outros os que neles andam, sem ao menos lhe terem pedido licença. São outros, muito outros, os que óra dispõem de tudo quanto era dele, da casa, do quarto, da cama, da dispensa e da mesa, do pessoal, de tudo...

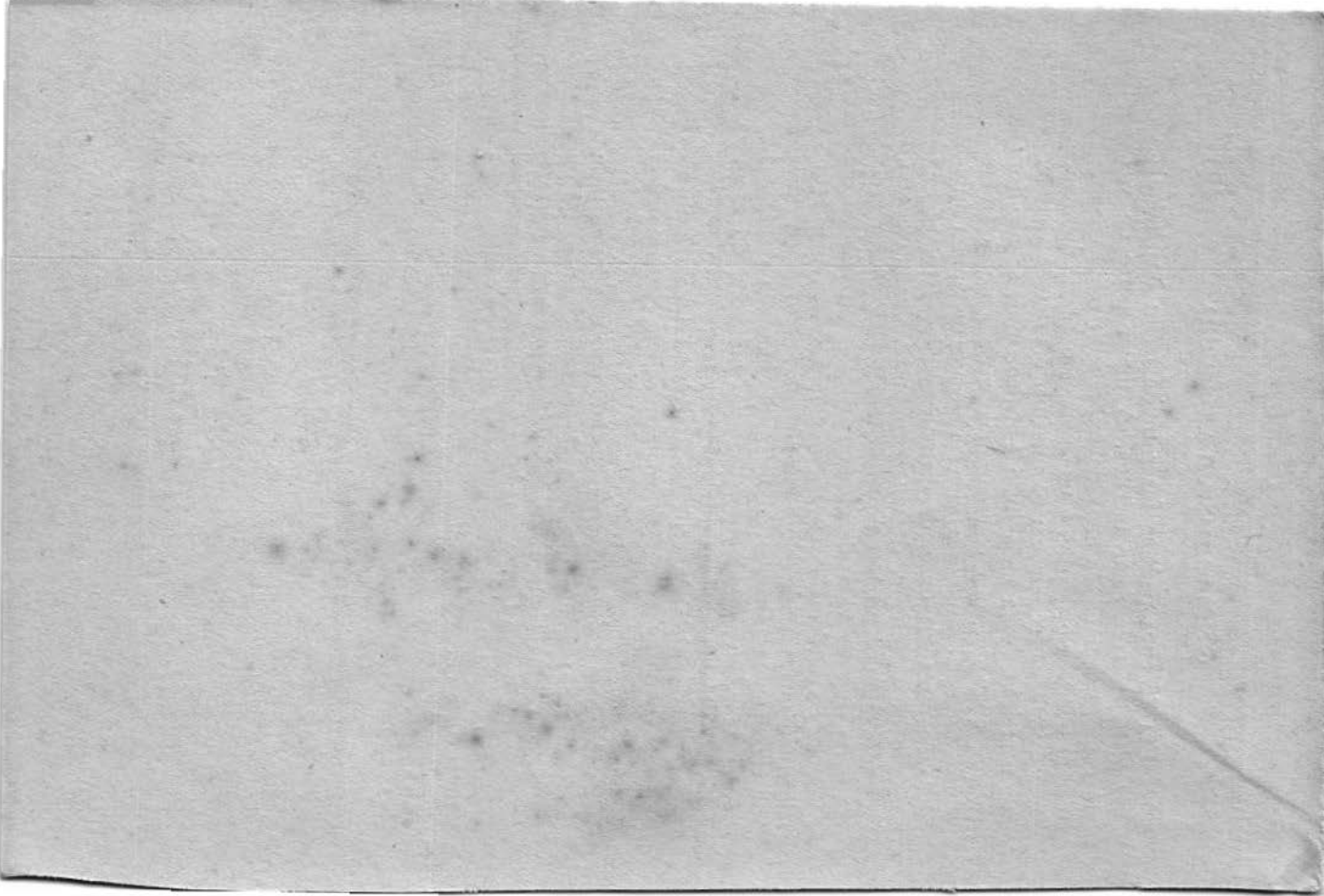
Chegados ao cemitério, diante do túmulo aberto, talvez um ou outro faça o elogio do falecido, na presença dele. Correm lágrimas. Atiram-se cal ou terra ou flores ao túmulo aberto que, momentos depois, é fechado. Os filhos ainda permanecem, enquanto os demais lentamente se retiram. Depois, entreolham-se os filhos... sim, não podem ficar sempre. E vão. Resta o defunto, só, só...

Mas, não! Sua alma há muito, isto é, logo que saiu do corpo, deixando-o inerte, teve, pela primeira vez em sua existência, a visão de Deus. Visão beatífica? ou terrificante? Postado diante de Deus, abandonado da mulher, dos filhos, de todos, viu súbito que sempre houve quem o seguisse: suas boas obras. Talvez não sejam muitas, mas nessa ocasião até o pouco é um consolo.

Em 25 anos pode-se fazer muita coisa boa, adquirir virtudes, conquistar méritos. A maior parte de vós já completaram os 25 anos de existência; alguns começaram o 2.º ciclo dos 25, e uns poucos o 3.º E' de supor que à idade correspondam os méritos, o grau de virtude, de perfeição. Nada mais justo e lógico. Mas, se não fôr assim, quando é que começaremos sériamente a tratar desse essencial em nossa vida? Que nos adiantam jubileus de prata, de ouro, de diamante e de ferro, se não progredirmos sempre, de um para outro, de ano a ano, de mês a mês, no terreno espiritual?

25 anos de vida, de cargo particular ou público, de filiação na Ordem 3.ª ou 1.ª, que bela coisa, mas também... que responsabilidade! Quantas confissões, quer dizer, quantos milagres da infinita bondade de Deus! Quantas comunhões, outros tantos milagres do amor divino! Quantas missas ouvidas, missas que são renovações do sacrificio da cruz no Calvário! Quantas inspirações de Deus, talvêz retiros espirituais, graças sobre graças!...

Ao bom laçrão na cruz bastaram poucas horas para a conversão; a nós não nos bastarão 25 anos, 50 ou mais?... Que Deus e sua SS. Mãe nos façam compreender o valor do tempo, das boas obras, dos sacramentos! A nossa vida não é tão longa que lhe sobre parte para desperdício...



MAIO

26

No ano 26 da era cristã, isto é, quando Jesus tinha 26 anos de idade, Jerusalem teve a sua sensação; foi nomeado novo governador romano, o 6.º da série, Pôncio Pilatos. Não tardaram todos a saber que era homem severo. Mais de um motim dos judeus foi aba-

fado por ele a sangue.

Tinha Pilatos já a experiência de 7 anos de governo quando, no ano 33 — era uma sexta feira — os judeus levaram a seu tribunal o homem mais falado da terra, o Cristo, que pregava e exigia obediência como Filho de Deus. Aliás, ele provara esta sua qualidade com estu-
pendos milagres feitos à vista de todo o povo. Oh! que desprezo votava Pilatos aos Sumos Pontífices e à gente deles, elementos invejosos, cubiçosos e orgulhosos em excesso!

Por duas vezes, com intervalo de 10 anos entre uma e outra vês, tive ocasião de presenciar a célebre *Paixão de Cristo* de Oberammergau, na Baviera. Que regalo, ver Pilatos desvendar as intrigas dos inimigos de Jesus! Com altivês de genuíno romano desmascarou ele a trama, recusou-se a participar da injustiça e proclamou a inocência de Jesus. O imenso auditório, composto de milhares de pessoas de todas as partes do mundo, fremia de satisfação, vendo esse juiz, com a firmeza e perspicácia de esgrimista experimentado. Parecia impossível que os judeus viessem a arrancar de Pilatos a sentença de morte contra Cristo.

Mas arrancaram. A ameaça de denunciá-lo a Roma, junto ao Cesar, fez com que o soberbo romano se abalasse; hesitou, cedeu, sancionou um assassinato...

O infeliz governador pouco sobreviveu a sua vítima divina. Deposto no ano 36 e chamado a Roma para justificar-se, o altivo juiz, segundo algumas fontes históricas, pôs termo à vida, suicidando-se...

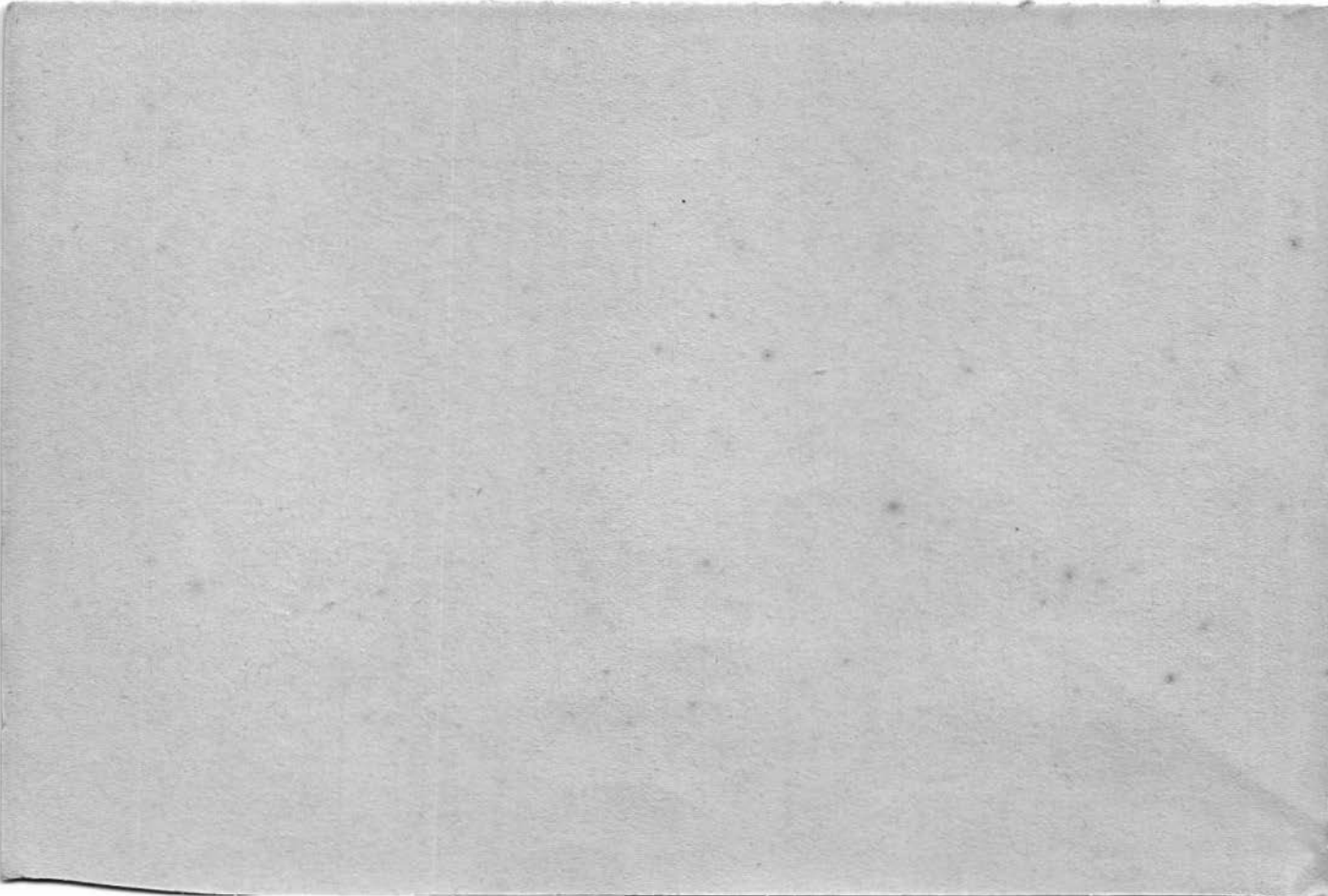
Que rumo diferente teria tomado toda a história do mundo, e a da própria redenção, se Pilatos tivesse continuado firme, inacessível, mantendo a sua sentença! Por que permitiu Deus esse fracasso da justiça humana? E' a mesma pergunta que já fizemos no caso do Sumo Pontífice Caifás. A resposta, ou uma das muitas respostas possíveis, não será difícil de encontrar.

Inúmeras vezes, no correr da história, haveria de acontecer que falhasse a justiça humana, dando ganho de causa ao perseguidor gratuito e culpado, com prejuizo da honra, dos bens, da saúde, da liberdade, da integridade corporal e até da vida do acusado inocente.

Não foi o caso em toda essa interminável série de mártires do primeiro cristianismo? Quantos não morreram sob o gládio do algoz na fogueira, afogados, dilacerados e esquartejados! E se fossem somente gente que respondesse por si só, solteiros! Mas qual! Muitos tinham família, mulher e filhos que amavam e dos quais recebiam inteiro amor. E todavia tiveram que separar-se, deixá-los sem meios, num mundo hostil. Não era aquilo um sacrifício sobrehumano? Talvez sentissem aqueles heróis achaques de desânimo, talvez mesmo alguma hesitação. Mas o pensamento em Jesus, que os precedêra como vítima, restituía-lhes toda a força, coragem e até satisfação com a sua sorte. Sabiam que Deus os indenizaria, pelos séculos dos séculos, e que ele mesmo se encarregaria de olhar por filhos e viuva.

Durante muito e muito tempo estávamos todos convencidos de que semelhantes cruéis perseguições como as dos primeiros cristãos não voltassem jamais, e que tal fosse mesmo impossível em século de tanta luz e progresso como o nosso. Tivemos, porém, resposta em contrário com as terríveis perseguições no México, terra da SS. Virgem; na Espanha, hoje mais que nunca terra de mártires; na Rússia, sob o guante brutal do comunismo, na Alemanha, na Áustria, na Polônia... Para que enumerar mais? Cada um poderá continuar a lista... Quantas dessas vítimas dos nossos dias, na preocupação natural pela vida, no horror aos sofrimentos e às torturas sem nome, levantaram os olhos a esse Jesus declarado inocente e depois condenado à morte e arrastado à cruz!...

Jesus, Deus onisciente, estava conhecendo desde o ano 26 aquele governador romano que um dia haveria de condená-lo. Entretanto não chamou sobre ele os raios do céu, nem sobre si a proteção dos anjos. Aceitou os desígnios de Deus. Seria só para animar os que, como e'e haviam de ser vítimas da chamada justiça humana? Oh! muito mais numerosos são os casos injustos da vida de cada dia! Julgam mal nossas ações, esta ou aquela palavra, um gesto, até mesmo obras boas, feitas na mais pura das intenções. Não saberemos nunca fazer como fez Jesus, ficar calados? *Jesus autem tacebat*... Temos que defender-nos sempre arduamente, atacando também por nossa vês, gritando, contando aos outros o mal que nos fizeram?... Desde o ano 26 da era cristã, nunca faltaram os Pilatos, grandes e pequenos. Que não falem tampouco os que tenham aprendido na escola de Jesus e de sua Santíssima Mãe: *Jesus autem tacebat*.



M A I O

27

Imaginemos que a Providência divina tivesse escolhido a nossa época para a vinda do Messias e a salvação do mundo. Cristo poderia fazer seus milagres, digamos na Polônia: a censura arranjaria que nada ou quasi nada chegasse ao nosso conhecimento, nem mesmo ao dos demais povos europeus. E se fosse na Dinamarca, na Noruega, na Holanda, nos Balcans, na própria Itália... os apóstolos poderiam pregar quanto quizessem, não chegaria ao conhecimento dos outros; aos poucos a obra morreria de inanição. Censura, passaportes, vistos, recusa de permanência, matariam tudo.

A Judéia era terra pequenina. Escolhida para berço, cenário e túmulo do Filho de Deus, era mister que o próprio Deus criasse as condições para que os fatos tivessem a maior repercussão possível no universo conhecido.

Esta obra foi feita pela Providência divina e é tão grande, tão surpreendente, que um sábio da nossa época, Franz Meffert, diz: "Deverão saber que, nos dias vindouros, o combate ao cristianismo já não será feito com as armas gastas das ciências naturais, mas sim com as do arsenal da história da Relegião. A melhor defesa do cristianismo é a apresentação dos fatos". Outro historiador, Johannes von Mueller, completa, dizendo que a súbita compreensão desta preparação do mundo para a vinda de Cristo e a pregação dos apóstolos, foi para ele como a luz que, no caminho de Damasco, fez do

perseguidor Saulo o apóstolo São Paulo. Resumindo: Deus uniu o mundo num único e imenso império, deu-lhe paz, deu-lhe vias rápidas de comunicação por terra e mar e deu-lhe uma única língua, conhecida em todo esse vasto território.

Quando foi isso? No ano 27 antes do nascimento de Jesus Cristo (guardarão o ano pela data de hoje), iniciou seu governo em Roma o joven Otávio, a quem o Senado e o povo deram o título de *Augusto*. Este joven, que reinou até o ano 14 depois de Cristo, chegou a fechar o templo de Marte, deus da guerra, porque em todo o imenso império havia paz. Era, de fato, imenso o império. Abrangia todo o mundo então conhecido em redor do Mediterrâneo. Ia do Reno ao Eufrates, do Danubio até às profundezas do deserto Saará, do Mar Negro a Gibraltar, da Inglaterra, Suíça e França até o Oriente, Marrocos, Algéria, Tunísia, Cirenáica e Egito.

E paz em todo este colosso! Guerras só havia numa ou noutra fronteira. Dentro do Império, nada. Nenhuma necessidade, pois, de impedir o livre trânsito de quem quer que seguisse de uma extremidade à outra.

As comunicações eram tais, que o fundador do Correio moderno, Dr. Stefan, diz que, em várias partes desse vasto império romano, a rapidez, segurança e frequência do correio romano nunca mais foi alcançada, nem os nossos dias. Grandes estradas, frequentadíssimas, cortavam o império em todas as direções: de norte a sul e vice-versa, de oeste ao leste; estradas boas, numerosas e... seguras.

Vias marítimas, abundantes, completavam a densa rede de estradas terrestres. Os antigos portos tinham, como hoje, seus vastos armazens, onde se guardavam as mercadorias da mais variada procedência. Nos magazines do porto de Putéoli, o Pozzuoli de hoje, armazenavam-se o trigo da Africa e do Egito, o azeite e vinho

da Espanha, o ferro de Elba, produtos de Alexandria, linho, tapetes preciosos, objetos de vidro, incenso, papel, etc. do extremo sul e leste. Em toda a parte residiam gregos, judeus, sírios e egípcios.

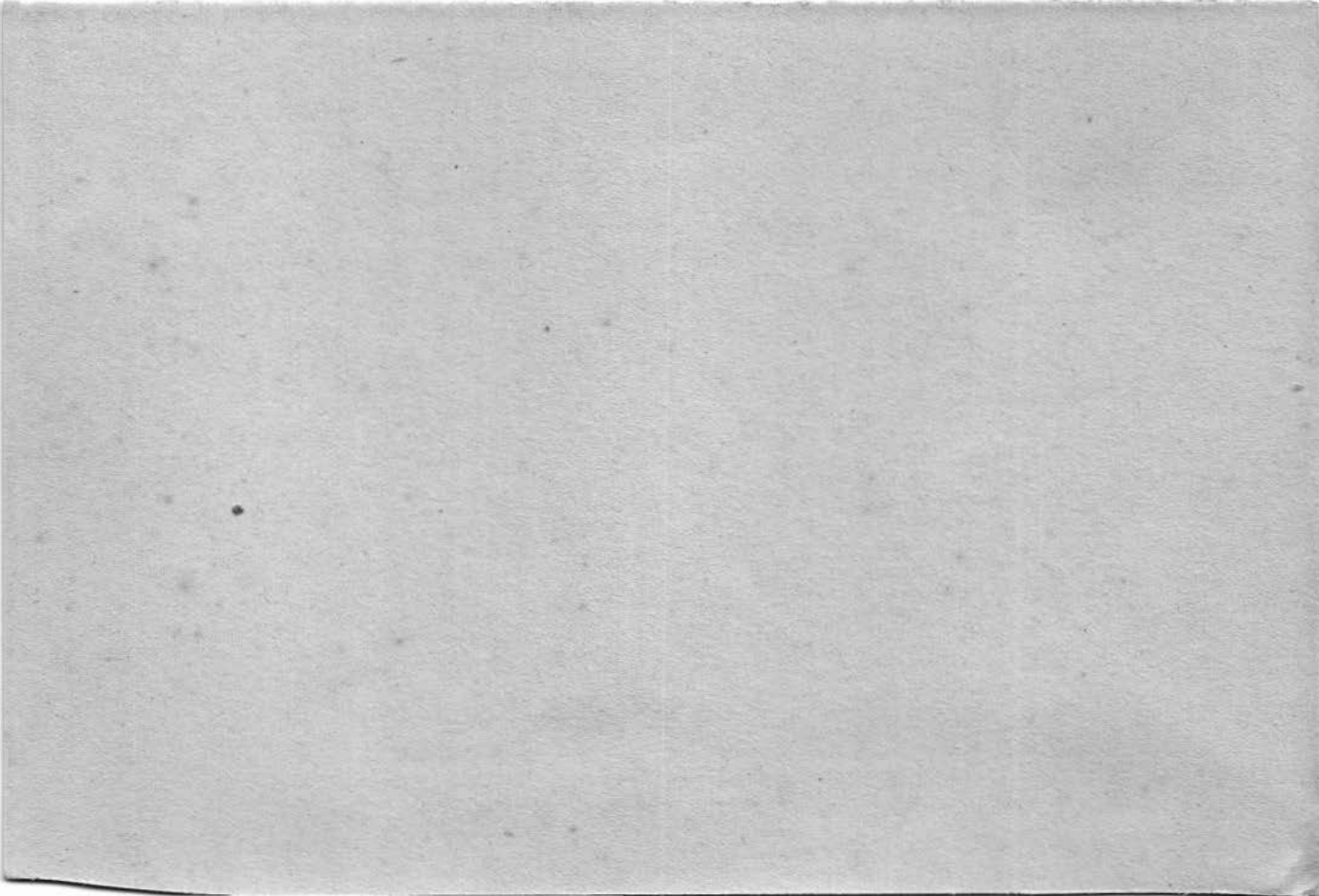
Viajavam ali os negociantes, um dos quais foi 72 vezes da Ásia Menor a Roma; — viajavam o soldado, representante da ordem; — o romeiro (só dos judeus, por exemplo, peregrinavam dezenas de milhares a Jerusalem); — o sábio e o estudante; — o pregador ambulante, em particular o quinista; — os enfermos em busca de médico, de estações d'agua ou doutro clima; — os turistas e, finalmente, os escravos.

Mais: em todo esse colosso de império falava-se — cousa nunca mais conseguida — uma só lingua, o grego. Até Roma tornara-se, pela lingua, cidade grega, e este idioma só no século IV foi substituído pelo latim.

Assim, toda e qualquer notícia dos fatos da Judéia, dos milagres de Cristo, de sua pregação e doutrina, morte e ressurreição, em tempo incrivelmente breve, corria o imenso império, preparando os corações para a semente que depois era espalhada pelos apóstolos e seus auxiliares.

Acaso? Só o louco o dirá. O imperador Augusto que, em 27 antes de Cristo iniciou o seu abençoado governo de paz, reinou durante longos decênios, até o ano 14 depois do nascimento de Cristo, deixando tudo preparado para a missão de Nosso Senhor.

Esta mesma Providência que, de modo tão visível, ali atuou, ainda vive!



M A I O

28

Nas matas virgens, e algures nas fazendas, há árvores macróbias de 200, 300 e mais anos. Em compensação há flores que duram dias apenas. Da tartaruga afirmam que atinge várias centenas de anos, e ao papagaio atribuem a longevidade de dois séculos, ao contrário

de certos insetos, cuja vida se conta por dias ou por horas. E' evidente, nese caso, que, para estes últimos, cada minuto vale o que para nós valem dias, semanas, meses ou até anos.

Os meses alcançam, no máximo, 31 dias. Nenhum excede, nem em ano bissexto. Cada dia vale, portanto, muito. Um mês há que, de constituição mais franzina, sente chegar o fim mais cedo. Estando pelos 25. 26 dias, vai definhando. Por mais que se lhe queira aplicar oleo canforado ou injeções fortificantes, não adianta; à meia noite do dia 28, morre, e só de 4 em 4 anos sucede-lhe sobreviver mais 24 horas.

Quanta gente não está no caso de fevereiro! Desaparece com 28 dias de existência, quando os colegas todos chegam a 30 ou 31. Valerá aquele menos do que os outros meses? Não, mas tal é a sua sina.

Já não falo das criancinhas que morrem com poucos dias ou meses; são o ái-Jesus de suas mães, cujas lágrimas custam a secar, mas ainda não têm influência direta sobre a sociedade. Nem sempre é assim.

Não há muito, uma joven, na flor dos anos, de família bem situada, assistia a uma santa Missa em São

Bento. Mal sabia ela que seria a última de sua vida. Voltando dela pela Avenida Rio Branco, foi apanhada por um veículo que a deixou quase irreconhecível. Morreu, como o fevereiro, com os seus 28 dias, antes de desabrochar para a plenitude de sua existência. Foi um mal? Certamente, sob o ponto de vista humano. Deus, entretanto, julga doutro modo: em poucos anos, para não dizer meses ou dias, pode alguém preencher plenamente a missão que Ele traçou. O bom ladrão não teve meses, nem semanas, mas apenas 3 horas de compreensão de Deus; e foi o que lhe bastou para entrar logo no paraíso.

E' duro, duríssimo, ver alguém ser a arrancado tão cedo, tão inesperadamente da vida, quando a família, os amigos, a sociedade muito dele esperam e podem esperar, mas... os desígnios de Deus são dele só, independentes do nosso modo de ver e de sentir.

Conheci uma família muito numerosa. O pai, honrado e venerado juiz, morre, deixando no mundo, sem fortuna, a mulher e filhos pequeninos. Era, humanamente falando, um desastre. Entretanto, o juiz, integro, já estava maduro para a vida eterna. E dos filhos pequeninos e da viuva, quem cuidou foi a Divina Providência. Todos estudaram; um é advogado de grande clientela; outro teve importantes comissões do governo; um terceiro está à frente duma prelazia brasileira.

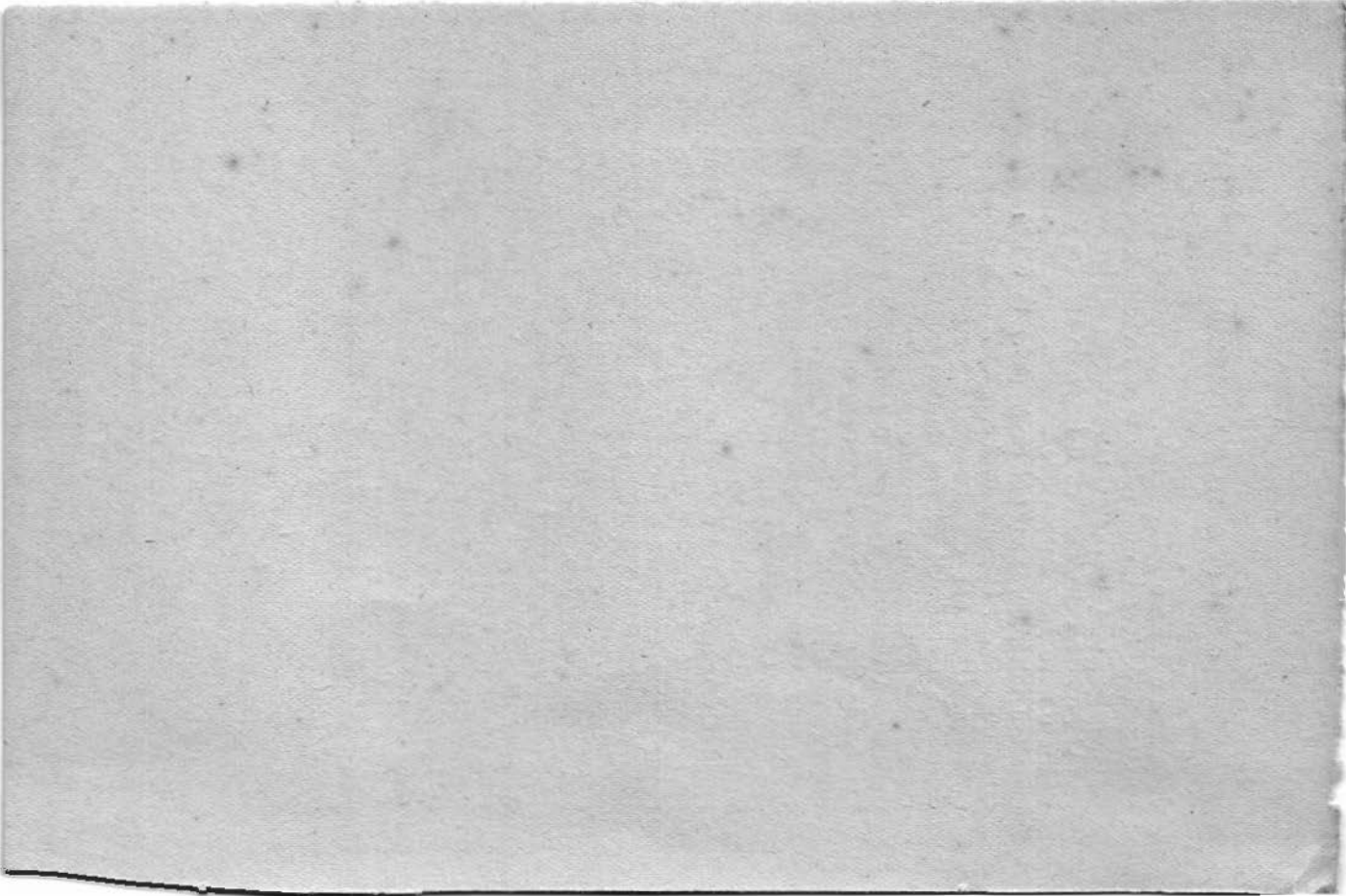
Em outra família numerosa, a mãe, de virtude sólida, se afigia por nem todos os filhos praticarem a religião, conforme ela os ensinara e lhes dera exemplo. Todas as suas preces, constantes, e obras boas, tinham este fim: alcançar a graça da conversão para todos. Morre. E Deus não lhe dera a consolação de ver atendidas as suas preces. Quem então conseguiria a conversão dos filhos? De certo ela ainda ofereceu a própria morte na mesma intenção. Entretanto, a graça já tinha sido

dada, sem que ela o soubesse: depois da morte, os filhos, sem exceção, levam vida religiosa e recebem os santos sacramentos com edificante regularidade e frequência.

O próprio Papa Pio XI, o herói da cátedra de São Pedro, o novo João Batista que aos grandes deste mundo disse seu intrépido, *non tibi licet*, "não te é lícito fazer o que fazes", esse grande Papa, morrendo em idade avançada, dizia aos circunstantes: "Oh! quanto ainda me resta a fazer!" Os 28 dias do mês estavam transcorridos. Deus o chamou, mas não interrompeu sua obra; confiou-a a outrem que enche o mundo de admiração.

Nosso Senhor, de quem cada minuto e cada segundo tinham valor infinito, também morreu cedo: aos 33 anos. Sua obra estava aparentemente dissolvida com sua morte. Os apóstolos tinham fugido, os crentes se mantinham ocultos em suas casas. Nas ruas e praças públicas dominavam tão sómente os inimigos que o levaram à morte. Entretanto, nada estava perdido. A semente brotou, cresceu, e a árvore tornou-se a mais gigantesca que jamais se viu neste mundo. Cristo, morto pela maldade dos homens, conseguiu o que o Cristo vivo em vão pregara e pedira.

Quando nos enviará Deus a sua mensageira, a morte, para levar-nos, a nós, ou alguma de nossas pessoas queridas? Não importa. Seja quando fôr, ele sabe o momento melhor para todo o nosso futuro. Aceitemo-lo de boa mente. E se o nosso pai, nossa mãe, o marido, a mulher, um filho ou filha tiveram morte boa, santa, não os lamentemos; antes bemdigamo-los. Morreram bem, cousa que não podemos ainda dizer de nós. *Fiat voluntas tua!*



M A I O

29

Aproximamo-nos do fim do mês: 29, é o que diz a data de hoje. Façamos ainda uma vêz o que já fizemos noutra data (dia 23): passemos um traço horizontal ou oblíquo entre os dois algarismos, e teremos, em lugar do elevado 29, apenas uma fração inferior

à unidade: dois nonos. Que redução terrível, a de 29 para $2/9!$...

E não é que ela se dá muitas veses na vida? Fulano está à frente de grande empresa industrial. Surgem dificuldades, diminuem os lucros, sobem os compromissos. Vendem-se títulos, concluem-se negócios pouco vantajosos, só para dar trabalho à fábrica. Fazem-se empréstimos, diminue-se o pessoal. Em vão. Um dia as portas são fechadas e lacradas. A fábrica passa a outras mãos. A família do ex-proprietário tem que abandonar não só os seus automóveis e a assinatura da estação lírica, no Teatro, mas vê-se obrigada a sair de seu palacete, a passar para uma casinha, onde antes talvez jamais teria entrado. Despede a criadagem, tem que fazer a limpeza da casa e os serviços da cosinha, e procura empregos indispensáveis para poder viver.

Que redução terrível, de 29 para $2/9$, da opulência para as privações! Será caso tão raro? Não. Todos nós conhecemos exemplos, e temos pena da pobre gente que deu tamanha queda na escala social. Sentimos com eles que os amigos anteriores se retraíam, que já não os conheciam, não os visitem, muito menos os auxiliem; sen-

timos com eles que até pessoas antes beneficiadas pelo antigo industrial, agora lhe voltem as costas. E' duro, durissimo. Pessoas fracas, sem fé, já pegaram do revolver ou do frasquinho de lisol, afim de escaparem de tamanhas e tantas humilhações, o que naturalmente, de todos os passos, é o peor.

Estamos seguros, meus amigos, contra semelhantes voltas da sorte, da fortuna, das condições sociais? Vemos chegar às portas do Brasil não dezenas, mas centenas, milhares, dezenas de milhares de pessoas antes ricas ou bem abastadas, que hoje não possuem nada. A política, leis de raça, etc. reduziram-nos de 29 a 2/9, de ricos a pobres. Essa política e essas leis têm uma qualidade péssima: são contagiosas...

Haja, pelo menos, uma regra em nossa vida: façamos aos outros, com toda a delicadeza e prudência, o que desejamos que, em igual caso, outros nos façam a nós.

Para quem, súbita ou lentamente, passa de vida opulenta à miséria, sempre fica este consolo: Nosso Senhor desceu voluntariamente de 29 a 2/9; desceu muito mais: do esplendor incomparavel do céu até as maiores misérias humanas. Não teve tétó, passou fome com seus apóstolos, foi arrastado pela rua da amargura, da calúnia, da perseguição, do sofrimento mais brutal, da morte na cruz. Ele sabe como tudo isso dóe; e não abandona a quem recorrer a ele.

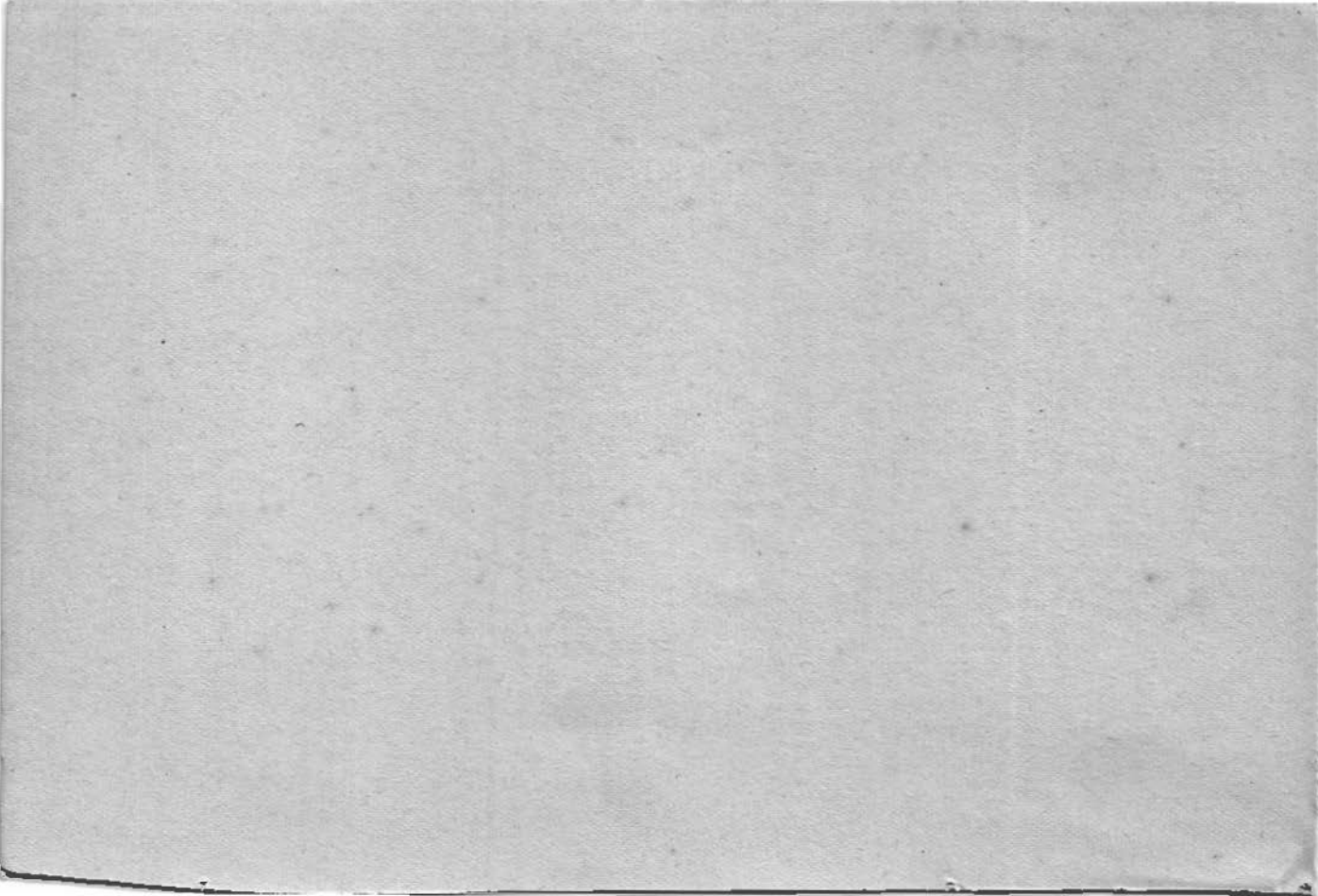
Nem às pessoas de sua mãe e de seu pai legal Jesus poupou de semelhante descida de 29 a 2/9. Ambos eram de família real, mas tão pobres que em Belem não puderam tomar um quartinho, tendo que ir disputar aos animais o uso dum estábulo... E tal situação não se modificou essencialmente. Na fuga para o Egito São José e a SS. Virgem não tinham empregação nem empregada às suas ordens. No estrangeiro tiveram que sustentar-se

com o trabalho de suas mães. E assim continuou sendo depois da volta a Nazaré. O próprio Filho de Deus matriculou-se como aprendiz na oficina do pai.

Mas há um rebaixamento peor que esses, aliás o único rebaixamento que em hipótese alguma devemos tolerar na nossa vida: o rebaixamento de filho de Deus para escravo de Satanás, do estado de graça para o de culpa mortal. Com o batismo, nossa alma adquiriu uma veste branca como neve, resplandescente como o sol. Manchá-la-emos com o pecado? Manchar é fácil; mas tirar a nódoa, ainda que venial, ninguém o pode sem auxílio direto de Deus.

Houve um dia um rebaixamento de todo sensacional: Lucifer, o anjo luminoso, estupenda maravilha do céu, possuidor de inebriante felicidade, sofreu uma queda como nunca houve similar: de portador das luzes, para Satanás, de anjo para demônio, de espírito celestial para condenação do inferno. Desgraça tamanha ele jamais poderá chorar que chegue; tal sorte não pode ele aceitar, nem se conforma com ela, e o faz invejar o céu a quantos para ele foram convidados.

Partilharemos nós sua queda? Então, sim, a descida será completa. Jamais poderá haver peor, jamais sorte mais terrível. Que Deus nos preserve desta desgraça, em comparação com a qual todas as outras são suportáveis!



MAIO

30

Os caminhos de Deus são diferentes dos que nós escolhemos. Quando Adão e Eva foram expulsos do Paraíso, saindo da felicidade para as lágrimas, para o suor, as fadigas e os desesperos da vida, Deus lhes deu uma esperança para o seu doloroso caminho: Uma mulher, a SS. Virgem, esmagaria a cabeça da serpente, Satanás. Era a promessa dum Salvador que, dada a imensidade da culpa, só podia ser o Imenso, Deus.

E' sabido que os antigos, contando com o Messias, e pedindo que a terra o brotasse, as nuvens o chovessem, faziam dele as mais diferentes idéias. Era comum tê-lo como restaurador futuro das glórias de Israel, como valoroso chefe que levaria de roldão os inimigos, fazendo os povos se curvarem deante do único povo escolhido.

Se tivesse havido concurso internacional, para responder à pergunta: "Que fará o Messias do mundo?", que respostas desconstradas não teriam surgido! A julgar pelos fatos e pela experiência, a maior parte dos judeus teria votado por um homem superior que esmagasse os inimigos para sempre, e erguesse um trôno em Israel como igual nunca se vira; que fizera com que cada filho do povo escolhido ficasse rico a mais não poder; feliz, invejado por todos os povos.

E duvido que houvesse um só que atinasse com a realidade: a descida de Deus para ser o Messias... Esse pensamento estava demasiadamente fora de todo o al-

cance das imaginações, para que o admitissem como possibilidade.

E se soubessem que Deus em pessoa descera a este mundo, que pensariam do modo por que ele viria? Tinha que vir, naturalmente, com a imensa glória do Deus eterno, o mesmo que não permitia o abuso nem o uso leviano de seu santo nome. Viria, esmagando os próprios filhos de Israel com seu poder sem limites, com o seu acompanhamento de anjos, com sua glória celestial, com a inacessibilidade de seu ser eterno.

Talvêz lhe atribuissem uma descida rápida, e uma volta igualmente vertiginosa para os céus, porque em sua presença, de magestade infinita, quem ousaria respirar? E seria mais que suficiente essa descida por momentos, para dar outro aspeto à face da terra.

Mas, como foi diferente o caminho escolhido por Deus! Jesus veio — cousa inaudita — como criança, de igual natureza humana como as outras, crescendo aos cuidados da mãe que o alimentava, o deitava no presepio — porque nem berço nem casa tinha — e que o carregaria na fuga para o Egito. E a nova surpresa: Jesus não podia, duma vêz para sempre, revelar de modo irrespondível, sua divindade? Podia, mas não o fez. Trinta anos, trinta longos anos ficou às ocultas, como se só lhe cumprisse trabalhar numa carpintaria e ajudar seus pais na aquisição do pão de cada dia.

Trinta anos de vida oculta! Que terrível lição e censura para nós, que não nos conformamos com trinta meses, nem trinta semanas, nem sequer trinta dias, e talvêz nem trinta horas em que se não nos dê importância. Por mais que a fé nos ofereça luzes sobrenaturais, e a Igreja se canse em explicar-nos as razões desse retraimento de Jesus por longos trinta anos, o nosso “eu” rebelde-se, pensando que esse tempo, afinal, era dispensa-

vel, bastando a vida pública de Jesus, sua pregação, paixão e morte.

Deus vai por outros caminhos. Os 30 anos de vida oculta não valeram menos para a salvação do gênero humano, para a cura do nosso orgulho, para a reconciliação com a Majestade divina, do que os milagres feitos durante a vida pública, do que a paixão, a morte e a ressurreição. Aceitamo-lo quando a fé o diz, com resmungo ou sem resmungo, mas não o compreendemos; para tanto será preciso que um dia o vejamos, quando Deus em pessoa nos revelar toda a sublimidade dessa vida às ocultas. Não perderemos por esperar, mas perderemos em não aproveitar desde já a lição.

Vida escondida. Sou e valho tão somente aquilo que sou aos olhos de Deus. Os títulos dados pelos homens, que na carta e no sobrescrito me chamam de "Excelência" ou "Reverendíssimo", não me adeantam coisa alguma: sou aquilo que sou aos olhos de Deus, nada mais, nada menos.

Valho alguma coisa na opinião de Nosso Senhor? Ele me deu uma alma infinita. Que fiz dela? Está ainda branca, linda, sadia, de vida exuberante aos olhos de Deus? ou tem apenas um fiosinho de vida? ou já constitue verdadeiro cadáver, de aproximação insuportável? Que sou aos olhos de Deus, que não se deixa enganar por aparências?...

Que a data de hoje, lembrando os 30 anos da vida oculta de Jesus, faça com que eu me pergunte sempre de novo: "Que sou aos olhos de Deus?"



MAIO

31

Por mais que encontrássemos assuntos déveras simpáticos em analogia com a data de hoje, prepondera todavia um pensamento. E' este: de estarmos no fim, no último dia de Máio, mês de Maria. Depois de um mês de estadia nos jardins da Rainha do céu, tornaremos à prosa cotidiana da vida.

Levaremos para o futuro algum proveito real? Oxalá os dias com suas datas continuem recordando-nos assuntos de nossa alma! Lembro-me nesta ocasião dum costume talvez medieval que encontrei na Ordem Franciscana. São Francisco foi o primeiro organizador dum grande presépio vivo. Seus filhos festejam até hoje o Natal como festa de família, festa de coração, e até mais: como festa do amor de Deus. Assim é que, nos conventos onde se reza em comum o officio divino, na manhã da vigília, 24 de dezembro, todos deixam o côro depois do martirologio, indo para o refeitório. Lá o mais novo dos irmãos, se bem que nunca em vida tenha pregado, faz um pequeno sermão sobre o Menino Deus. No noviciado, fui eu o mais moço, com 16 anos de idade. Encarregaram-me, por isso, do tradicional sermão aos religiosos, dos quais alguns venerandos em idade. Preparei-me e falei o melhor que pude. No fim, sem nenhum aplauso, tive que ajoelhar-me — costume tradicional também — e pedir perdão por ter falado tão mal sobre o Menino Deus. E o superior despachou-me com sua bênção.

Que tal, se fizéssemos hoje outro tanto para com Nossa Senhora, pedindo-lhe perdão por termos celebrado o seu bemdito mês tão mal? Porque a nossa consciência por certo nos diz que, se bem que nem tudo fosse mal, poderíamos contudo ter feito muita cousa melhor. A humildade, acompanhada da renovação de bons propósitos, só nos pode fazer bem.

Mas não é nesta nossa insuficiência humana que hoje quero insistir. A data 31 nos lembra a glória da Virgem, hoje coroada em inúmeras igrejas, e em corações ainda mais numerosos. Lembra-nos também o convite oficial que Nosso Senhor nos faz de tomarmos parte um dia nessa glória da SS. Virgem. Estamos, sim, convidados para o céu...

Meu Deus, se uma única vês em nossa vida viesse um dos anjos ou santos dizer-nos o que é o céu, como eles lá se sentem, como passam o que nós chamamos o dia, como gozam, como procedem entre si, e como para com Deus! Mas eis que alguém de fato se apresenta para falar-nos. E' um que foi arrebatado ao céu, e que por isso fala com conhecimento de causa. E' são Paulo que diz assim: "Cousas que os olhos jamais viram, nem ouvido algum ouviu, nem jamais entraram no coração do homem, tem Deus preparadas para os que o amam" (I. Cor. 2,9). Pode-se dizer mais? A descrição do céu ultrapassa tudo quanto olhos humanos podem ver, ouvidos ouvir, e o coração humano sentir. O complemento dá a razão por que existem essas cousas: "Deus as preparou". Não homens, ou homens por ele encarregados. O próprio Deus, com sua onipotência, com seus recursos sem limites, com sua onisciência e bondade infinitas, as preparou para os que o amam.

Quando se reflete um pouco nisso, vem logo a idéia: Mas poderá ser verdade? realidade? não será piedosa crença? Eu, que não sou nada, ter tamanha sorte? tão

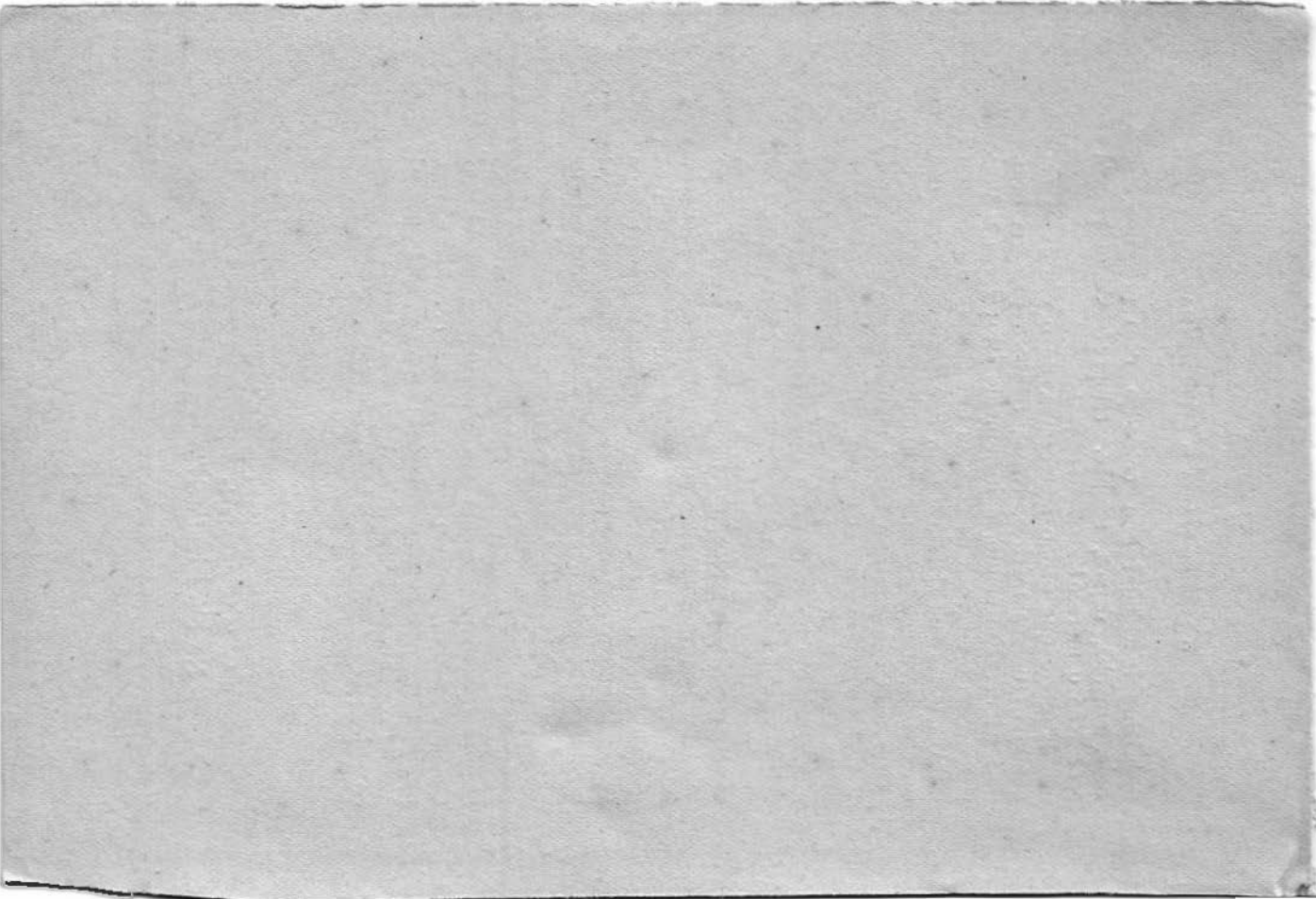
inebriante felicidade? sem cuidados nem preocupações, hoje, amanhã, depois, sempre, sempre? Como poderá ser? Não o mereço!

E' certo que não o merecemos. Se o céu fosse segundo os nossos méritos, Nossa Senhora passaria bem, mas nós... Entretanto, é justamente isto: Deus o preparou com a largueza de coração que sempre demonstrou através dos séculos; preparou-o, não segundo o que nós merecemos, mas segundo a sua onipotência, sua generosidade, sua bondade sem limite algum.

Que importa que na vida, depois de batizado, se tenha chegado a 1 ano, 10, 20, 50, 80 anos? Todos morreremos. Dissolver-se-á o nosso corpo, seguindo, por enquanto só a alma para a eternidade. Mas um dia, ao som das trombetas, ressurgirão todos. Velhinhos, defeituosos, talvez, como hoje? Não. Os bons surgirão com o corpo glorioso, resplendente de juventude eterna, sem nunca mais envelhecerem; terão o corpo luminoso como se devesse servir de sol a todo um sistema planetário; serão velozes como o pensamento que não conhece distancias; e subtís como a luz que atravessa o vidro, e como o calor que atravessa os corpos opacos.

Verdade? Sim, temos por isso a palavra de Cristo, Filho de Deus que nos ouve dali do tabernáculo e que ao mesmo tempo nos escuta do céu. Ousaremos objeter qualquer cousa, quando ele o afirma?... 31, o fim. Como este pensamento empolga: o céu será nosso! Venha o que vier, céu é felicidade, gozo eterno, céu são os anjos; céu é Nossa Senhora, céu é Deus.

“Com minha Mãe estarei
Na santa glória um dia!
Ao lado de Maria
No céu triunfarei!”



ÉPILOGO

Semanas depois de ter feito, no Mês de Maria, as alocações supra, fui obrigado a pregar o retiro espiritual a Religiosos de um dos mais antigos conventos da Capital Federal. Faltou-me, de todo, o tempo para preparar a necessária série de meditações. Serviriam as deste opusculo?

Havia uma diferença notavel: em Maio falei a um auditório mixto de seculares; seria possível aplicar os mesmos assuntos a sacerdotes e irmãos leigos? a necessidade obrigou-me a tenta-lo.

Não era viavel ligar o assunto à data do dia, por sinal que cada dia reclamava 4 conferencias; numerei, pois, estas, o que dá no mesmo.

Na maior parte das meditações não havia sinão pequenas alterações a fazer na applicação ao auditório. Na do dia 22 interpretei os algarismos como lembrança das relações entre cristãos e padre, podendo, então, conservar quasi todos os pensamentos, já que o sacerdote tem que exercer o apostolado da guerra ao pecado.

Verdade é que a ordem geral do retiro, que costuma ser dividido em *caminho de purificação, de iluminação e de união com Deus*, não era rigorosamente de S. Inácio, mas ousei pensar que esse grande Santo talvez permitisse variar, tal qual se faz à mesa, mormente nos dias de festa.

Aconteceu, pois, que os três caminhos se cruzassem, e que um ou outro assunto reaparecesse sob forma diversa. Foi um mal? Nesse caso, talvez houvesse compen-

sação pela maior atenção e pelo agrado proveniente da variação.

Não pretendo, entretanto, insinuar que sigam meu exemplo; penso apenas que não pode ser máu deixar liberdade, onde a S. Igreja no-la dá. Deus não criou maquina, da qual os homens saíssem todos iguaisinhos, numerados e por séries, mas fez cada qual diferente; daí é que os gostos não são iguais e que é preciso deixar liberdade, onde Deus e a Igreja não a embargam.

Rio de Janeiro, Convento de S. Antonio, 7 de
Março de 1942.

Frei Pedro Sinzig, O. F. M.

INDICE

	PAG.
1.º — Deus... Um só Deus	5
2.º — Deus, e eu	9
3.º — Deus uno e trino. — Glorificações	13
4.º — O que nos contam os Evangelistas	17
5.º — Os dedos da mão. — Mãos perfuradas	21
6.º — Os dias uteis	25
7.º — Os sacramentos	29
8.º — A música dos sinos	33
9.º — A hora da morte de Jesus	37
10.º — “Demoiselles d’honneur”	41
11.º — Como transformar pouco em muito	45
12.º — Escolhidos por Cristo	49
13.º — O que não é superstição	53
14.º — O caminho da cruz	57
15.º — Um mistério	61
16.º — Cem por um	65
17.º — “Sáí, azar!”	69
18.º — Carreira brilhante, mas...	73
19.º — “Alfa” e “omega”	77
20.º — No século das luzes	81
21.º — Novos direitos	85
22.º — Sempre na linha	89
23.º — Uma lei de brasilidade	93
24.º — Disparada vertiginosa	97
25.º — Jubileo de prata	101
26.º — Mar de sangue	105
27.º — Um governo, — uma lingua, — paz	109
28.º — Fim prematuro	113
29.º — Do alto para o abismo	117
30.º — Vida oculta	121
31.º — A mais bela das certezas	125
Epiflogio	129





